



ZAQUEU

E A SALVAÇÃO DOS RICOS



Editora Fundação Fênix

Jaime Lorandi



Após 2.000 anos, Zaqueu ainda é um enigma para a Teologia . Desvendar este personagem bíblico, que foi salvo por Jesus, é um desafio que leva estudiosos e seguidores de Cristo a diferentes entendimentos que produzem até diferentes conjugações verbais nas edições da Bíblia. Mas por que Jesus salvou Zaqueu, um cobrador de impostos e rico, e por que ainda há diferentes entendimentos sobre este fato bíblico? Procurando responder a estas

perguntas, Jaime Lorandi apresenta neste livro argumentações históricas e teológicas que visam levar aos ilustres amigos de Deus, mais conhecimentos de forma sensata e coerente sobre os ensinamentos do Evangelho de Lucas e da salvação do enigmático Zaqueu. Num segundo momento, tendo como exemplo a salvação que Jesus agraciou ao rico Zaqueu, o autor deste livro apresenta alguns caminhos para a evangelização de pessoas ricas, com foco nos empresários, que possuem fé em Jesus e procuram ver quem Ele é, e também possuem esperança da salvação para a vida eterna.

Jaime Lorandi é Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.



Editora Fundação Fênix



ZAQUEU E A SALVAÇÃO DOS RICOS

Série Religião e Teologia

Editor

Tiago de Fraga Gomes

Conselho Científico

Aline Amaro da Silva (PUC-Minas)

Flávio Schmitt (EST)

Francisco de Aquino Júnior (UNICAP)

Jefferson Zeferino (PUC-Campinas)

José Aguiar Nobre (PUC-SP)

Luiz Carlos Susin (PUCRS)

Rafael Martins Fernandes (PUCRS)

Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR)

Tiago de Fraga Gomes (PUCRS)

Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Conselho Editorial

Abimar Oliveira de Moraes (PUC-Rio)

Afonso Tadeu Murad (FAJE)

Agemir Bavaresco (PUCRS)

Alzirinha Rocha de Souza (PUC-Minas)

Antonio Luiz Catelan Ferreira (PUC-Rio)

Bernhard Grümme (Ruhr-Universität Bochum-Alemanha)

César Augusto Soares da Costa (UCPel)

Clélia Peretti (PUCPR)

Draiton Gonzaga de Souza (PUCRS)

Edison Huttner (PUCRS)

Edla Eggert (PUCRS)

Emil Albert Sobottka (PUCRS)
Enir Cigognini (UCPel)
Evilázio Francisco Borges Teixeira (PUCRS)
Fabrizio Zandonadi Catenassi (PUCPR)
Flávio Augusto Senra Ribeiro (PUC-Minas)
Francilaide de Queiroz Ronsi (PUC-Rio)
Frederico Pieper Pires (UFJF)
Heitor Carlos Santos Utrini (PUC-Rio)
Iuri Andréas Reblin (EST)
Júlio César Adam (EST)
Leandro L. B. Fontana (Philosophisch-Theologische Hochschule Sankt Georgen-
Alemanha)
Lúcia Pedrosa de Pádua (PUC-Rio)
Luciano Marques de Jesus (PUCRS)
Marcelo Bonhemberger (PUCRS)
Marinilson Barbosa da Silva (UFPB)
Moisés Sbardelotto (PUC-Minas)
Nythamar de Oliveira (PUCRS)
Reginaldo Pereira de Moraes (FABAPAR)
Roberto Hofmeister Pich (PUCRS)
Rodrigo Coppe Caldeira (PUC-Minas)
Rogério Luiz Zanini (ITEPA)
Silas Guerreiro (PUC-SP)
Vitor Galdino Feller (FACASC)

Jaime Lorandi

ZAQUEU E A SALVAÇÃO DOS RICOS



Editora Fundação Fênix

Porto Alegre, 2024

Direção editorial: Tiago de Fraga Gomes
Diagramação: Editora Fundação Fênix
Capa: Editora Fundação Fênix

O padrão ortográfico, o sistema de citações, as referências bibliográficas, o conteúdo e a revisão de cada capítulo são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.

Todas as obras publicadas pela Editora Fundação Fênix estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 –

[Http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR](http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Série Religião e Teologia – 29

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Lorandi, Jaime
Zaqueu e a salvação dos ricos [livro eletrônico] /
Jaime Lorandi. -- Porto Alegre, RS : Editora Fundação
Fênix, 2024. -- (Série religião e teologia ; 29)
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-5460-121-4

1. Ensinos bíblicos 2. Jesus Cristo -
Ensinos 3. Personagens bíblicos 4. Salvação
(Teologia) - Cristianismo I. Título. II. Série.

24-190333

CDD-234

Índices para catálogo sistemático:

1. Salvação : Teologia cristã 234

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

DOI - <https://doi.org/10.36592/9786554601214>

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	13
1. ALGUNS PONTOS DA OBRA LUCANA	17
1.1 FONTES DA PERÍCOPE DE ZAQUEU	19
1.2 A UNIVERSALIDADE DA SALVAÇÃO	23
1.3 OS DESTINATÁRIOS DA OBRA LUCANA	24
1.4 ANÁLISE DA SIMILARIDADE LITERÁRIA DE LUCAS	28
1.5 O MIDRASH DE LUCAS	32
2. ANÁLISE HERMENÊUTICA DE LC 19,1-10	37
2.1 JERICÓ	38
2.2 UM HOMEM CHAMADO ZAQUEU	39
2.3 ZAQUEU ERA RICO	40
2.4 ZAQUEU ERA O MAIORAL DOS PUBLICANOS	41
2.5 ZAQUEU QUERIA VER JESUS	43
2.6 ZAQUEU ERA DE BAIXA ESTATURA	44
2.7 ZAQUEU SUBIU NUM SICÔMORO	46
2.8 JESUS VÊ ZAQUEU	48
2.9 ZAQUEU RECEBE JESUS	49
2.10 MURMÚRIO CONTRA JESUS	50
2.11 ZAQUEU É ACUSADO DE PECADOR	51
2.12 ZAQUEU FICA DE PÉ DIANTE DE JESUS	54
2.13 ZAQUEU CHAMA JESUS DE SENHOR	54
2.14 ZAQUEU DECLARA-SE PARA JESUS	55
2.15 JESUS SALVA ZAQUEU	65
2.16 JESUS REVELA A ASCENDÊNCIA DE ZAQUEU	67
2.17 JESUS REVELA SUA MISSÃO	69
2.18 INTERPRETAÇÃO DE LC 19,1-10 NA HIPÓTESE DE ZAQUEU TER SIDO SEGUIDOR DE JOÃO BATISTA	72

2.19 INTERPRETAÇÃO DE LC 19,1-10 NA HIPÓTESE DE ZAQUEU NÃO TER SIDO SEGUIDOR DE JOÃO BATISTA	76
2.20 CONSEQUÊNCIAS DAS DIFERENTES INTERPRETAÇÕES	77
2.21 SIMILARIDADES NOS ENCONTROS DE JESUS COM NATANAEL E COM ZAQUEU	79
2.22 MIDRASH DE LUCAS NA PERÍCOPE DE ZAQUEU	82
3. ESTUDOS DOS ENSINAMENTOS	87
3.1 OS ENSINAMENTOS DE LUCAS	87
3.2 OS ENSINAMENTOS DO ENCONTRO DE JESUS COM O CEGO E ZAQUEU	95
3.3 OS ENSINAMENTOS DE ZAQUEU	97
4. ESTUDOS SOBRE PAX ROMANA E OS PUBLICANOS JUDEUS	99
4.1 A PAX ROMANA	99
4.2 SOBRE A CONTRATAÇÃO DO PUBLICANO ZAQUEU	102
4.3 PUBLICANO JUDEU ACOMPANHADO POR SOLDADOS	106
4.4 SOBRE OS RISCOS DAS EXTORSÕES DOS PUBLICANOS JUDEUS	107
4.5 PUBLICANOS VISTOS COMO EXTORSORES CONTUMAZES	109
4.6 PUBLICANOS JUDEUS: PECADORES PELA PROFISSÃO?	111
5. REFLEXÃO BÍBLICA SOBRE AS RIQUEZAS	117
5.1 RICOS QUE CAEM EM DESGRAÇAS	118
5.2 RICOS ABENÇOADOS	122
5.3 A RECOMPENSA DOS RICOS BEM-AVENTURADOS	124
5.4 RICOS E FAMOSOS: VÍTIMAS DE INVEJOSOS	126
6. A EVANGELIZAÇÃO DE RICOS EMPRESÁRIOS	129
6.1 O EMPRESÁRIO	133
6.2 VOCAÇÃO DO EMPRESÁRIO: UMA NOBRE TAREFA	135
6.3 A EVANGELIZAÇÃO DOS EMPRESÁRIOS	137
CONCLUSÃO	147
APÊNDICE	151
REFERÊNCIAS	165

APRESENTAÇÃO

Este livro aborda o tema da salvação cristã e da pedagogia de Jesus descrita por Lucas, com o objetivo de auxiliar na caminhada e na transformação de ricos nos tempos modernos e em maior ajuda aos pobres, como expressão concreta de uma conversão de conduta por meio da prática da caridade e da justiça, tendo, como exemplo, o personagem Zaqueu, publicano em Jericó. O trabalho faz um breve estudo sobre as fontes, os destinatários, o gênero literário e o *midrash* de Lucas. Estende-se sobre uma análise hermenêutica da perícopé lucana 19,1-10. Analisa a conduta moral do rico publicano Zaqueu e defende a interpretação de sua honestidade positiva declarada diante de Jesus, que lhe concedeu a graça da salvação. Também alerta sobre as diferentes edições bíblicas do versículo Lc 19,8, que não são unânimes na tradução conforme antigos manuscritos, gerando diferentes interpretações de Zaqueu. Pressupõe também a possibilidade de Zaqueu ter sido batizado e discípulo de João Batista, estudando elementos históricos e bíblicos sobre a situação política, social e religiosa de publicanos e ricos no tempo de Jesus, contextualizando Zaqueu e sua profissão na sociedade judaica no tempo da Pax Romana. Além disso, realiza uma reflexão bíblica sobre as riquezas e discute sobre a evangelização de empresários na atualidade. Ao final, conclui que como a salvação de Jesus é para todos e existem muitas vocações, faz-se necessária uma evangelização específica para a vocação do empresariado atual com base na Doutrina Social Cristã e no exemplo da caridade e justiça de Zaqueu.

INTRODUÇÃO

Ao abordar o tema da salvação cristã e da pedagogia de Jesus descrita por Lucas, esta obra tem como objetivo auxiliar na caminhada e transformação de ricos nos tempos modernos e em maior ajuda aos pobres, como expressão concreta de uma conversão de conduta por meio da prática da caridade e da justiça. O estudo concentra-se na narração de Lc 19,1-10, em que são realizados estudos bíblicos para buscar maior compreensão da salvação do rico Zaqueu, realizada por Jesus, de seu exemplo comportamental socioeconômico, e da forma como pode-se aplicar, no contexto atual, a prática da generosidade e da justiça, relacionada com a esperança da salvação para aqueles que são ricos e desejam-na.

Zaqueu é mais lembrado por uma suposta conversão no encontro com Jesus do que pelo seu exemplo de caridade e justiça. É um personagem bíblico de pouca consideração e pouca veneração, dada a importância de sua salvação realizada por Jesus. Mesmo citado somente no Evangelho de Lucas, seu exemplo poderia ser mais estudado e aproveitado pelos cristãos. No contexto socioeconômico de seu tempo, Zaqueu é um exemplo da ajuda aos pobres e da devolução dos bens adquiridos de forma extorsiva, mesmo que involuntária, segundo a ética religiosa e legal. Em aspectos hermenêuticos, a análise é profundamente inquietante, pois, para a salvação, não é suficiente apenas o arrependimento; é um imperativo fazer o bem (Lc 3, 7-14) e a reparação de injustiças (Lc 19,8b). Nesse contexto, o presente estudo enfatiza a importância da análise dessa perícopa, para realçar o vigor da fé que promove conversão, transformação e ação, motivando o fiel a produzir frutos de caridade, que sejam coerentes com sua esperança de salvação. Assim, urge, no Cristianismo, a necessidade de um maior estudo, conhecimento e divulgação pastoral da perícopa lucana e do exemplo de Zaqueu.

Levando em consideração esses elementos, a questão norteadora que guia este trabalho é mostrar bíblicamente que os ricos podem ser salvos por meio do exemplo de Zaqueu. Para isso, este livro tem por objetivo geral contribuir para uma melhor compreensão da moralidade do rico Zaqueu, porque Jesus o salvou e como seu exemplo pode contribuir para a evangelização de ricos na atualidade.

No intuito de atingir o objetivo geral, este trabalho apresenta os seguintes objetivos específicos: a) mostrar que a salvação promovida por Jesus é para toda a humanidade, independente da situação socioeconômica; b) explicar que a obra lucana também é destinada à salvação dos ricos; c) apontar as possíveis fontes utilizadas por Lucas para compor suas obras; d) auxiliar na compreensão da ligação da salvação do rico Zaqueu com o rico Abraão, escolhido por Deus como patriarca, fazendo-o por meio do estudo do *midrash* na obra lucana; e) analisar hermeneuticamente Lc 19,1-10 e construir a hipótese de que Zaqueu poderia ter sido discípulo de João Batista; f) estudar a pedagogia de Lucas. g) explicar uma suposta e coerente situação política, social e econômica dos judeus publicanos no tempo de Jesus; h) apresentar algumas reflexões bíblicas sobre as riquezas; i) apontar caminhos para a evangelização de ricos empresários no tempo atual.

Para atingir esses objetivos, a metodologia adotada segue os passos descritos por Udo Schnelle,¹ que orienta a delimitação do texto bíblico e, a seguir, a realização de análises do contexto, linguística, semântica, narrativa e pragmática; chegando, finalmente, à verificação da coerência da totalidade do texto. Trilhando esses passos, foi objetivado atingir metas de aprendizado para a missão contemporânea da teologia, da economia, da sociologia e da evangelização de ricos.

Utilizou-se, como referencial teórico para esta pesquisa, a Bíblia, obras de estudiosos bíblicos e documentos da Igreja Católica. Destaca-se entre as fontes, Joseph Augustine Fitzmyer e Alan C. Mitchell pelas suas análises interpretativas sobre a conduta de Zaqueu; Isidoro Mazzarolo e Jaldemir Vítório, pelas obras teológicas lucanas; e, por fim, ressalta-se José Comblin, que descreveu a preocupação de Lucas para com os ricos. No final deste trabalho, são utilizadas várias Encíclicas e outros documentos da Igreja Católica que orientam a conduta cristã dos ricos, com foco nos empresários.

A sequência deste trabalho é realizada em sete etapas: No primeiro capítulo, descrevem-se alguns pontos da obra lucana, mostrando as fontes que o evangelista utilizou e que a universalidade da salvação realizada por Jesus é o tema central da obra de Lucas. É exposto que o evangelista destina seus dois livros a inúmeros

¹ SCHNELLE, U. Introdução à exegese do Novo Testamento, p. 49-52.

leitores para familiarizá-los com a fé cristã, principalmente pobres, ricos, pecadores, mulheres e publicanos. Ademais, é realizada uma análise da similaridade literária das perícopes de Lc 18,35-43, em que Jesus cura um cego, e de Lc 19,1-10, em que Zaqueu é salvo. Por fim, é estudado o *midrash* de Lucas.

No segundo capítulo, é feita uma análise hermenêutica dessa perícopa, na qual é abordado cada versículo, com interpretação de vários estudiosos bíblicos. Neste sentido, inclusive são avaliadas as diferentes interpretações que levam a opostos entendimentos sobre a conduta de Zaqueu, antes do encontro com Jesus, e também mostra que diferentes edições bíblicas do versículo Lc 19,8, não são unânimes na tradução conforme antigos manuscritos e acabam provocando essas diferentes interpretações de Zaqueu. No final é realizado o estudo do *midrash* nessa perícopa.

No terceiro capítulo, é visto o ensino que se adquire com a pedagogia de Lucas e com o encontro de Jesus com o cego e Zaqueu em Jericó. Também é apresentado o ensino que se obtém de Zaqueu sobre o bom uso das riquezas.

No quarto capítulo, é descrito o ambiente em que Zaqueu vivia e atuava. Apresentam-se algumas informações sobre o período conhecido como Pax Romana, para entender a situação política. Após, há uma suposição sobre princípios na contratação de Zaqueu como judeu publicano pelo império romano, levando-se sempre em consideração a coerência e a sensatez, devido à escassez de registros históricos. A seguir, é demonstrado, em termos lógicos, que uma das principais características dos publicanos seria a honestidade e que seriam acompanhados por soldados, assim como são apresentados os possíveis riscos que corriam se fossem extorsores. Também é feito um estudo, mostrando que a profissão de publicano não seria atividade pecaminosa, se exercida dentro das regras definidas, e que era vista como atividade impura ou desprezível devido a cultura dos escribas e fariseus com suas regras de pureza religiosa.

No quinto capítulo é realizada uma reflexão bíblica sobre as riquezas e as situações nas quais os ricos caem em desgraças. Além disso, são descritos os ricos abençoados na Bíblia e as recompensas àqueles que forem bem-aventurados. Ao final, é visto que ricos e famosos também podem ser vítimas de inveja.

16 | Zaqueu e a salvação dos ricos

No sexto capítulo, é tratado sobre a evangelização atual de ricos empresários conforme a Doutrina Social Cristã, cuja vocação gera frutos de caridade e justiça, ao longo da caminhada de um encontro com Jesus, tendo, como exemplo, a salvação dada a Zaqueu.

Por fim, o capítulo sétimo elenca as conclusões alcançadas por meio desta obra, as contribuições que se espera oferecer e traz questões que ficam em aberto para futuros estudos.

Dessa forma, os resultados deste trabalho poderão ser utilizados para um maior diálogo sobre Zaqueu e a compreensão de sua caminhada que culminou com a salvação por Jesus. Ademais, para auxiliar na evangelização de ricos que buscam um encontro com Jesus, mostrando que, nesta caminhada, haverá preconceitos que exigem perseverança, mas haverá, principalmente, ações de caridade e justiça aos pobres, tendo Zaqueu como exemplo.

1. ALGUNS PONTOS DA OBRA LUCANA

A obra de Lucas é composta pelo Terceiro Evangelho e Atos dos Apóstolos. Ele é um cristão de segunda geração, convertido do paganismo ou judeu-helenista que não teve contato direto com Jesus, mas, após “acurada investigação” (Lc 1,1), escreveu de forma atenta e clara, revelando-se um empenhado escritor da língua grega.¹ Para Robert Karris, é possível que o local da composição do Evangelho tenha sido Antioquia, pois pode ser que seja a cidade de procedência do autor e “a data da composição de Lucas-Atos seja o período de 80-85 d.C”.²

Para elaborar sua obra, Lucas usou, como fontes, o Evangelho de Marcos; de pequenas coleções em forma de tratados, denominadas como fonte Q, e de outras tradições orais e escritas dos círculos judeu-cristãos, denominadas como fonte L.³ O Evangelho de Mateus também contém elementos de Marcos e da fonte Q. Assim, “uma leitura comparativa dos evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas logo revela que entre eles há semelhanças e também diferenças” [...] e, por isso, são chamados ‘evangelhos sinópticos’”.⁴

Lucas descreve 41 relatos exclusivos que não estão nos outros evangelhos.⁵ Zaqueu (Lc 19,2-10), por exemplo, é um deles. De acordo com Udo Schnelle, “provavelmente, uma série de textos pertence a fonte Q (por exemplo, Lc 15,8-10.11-32); uma grande parcela, porém, origina-se da tradição oral acessível ao respectivo evangelista.”⁶ A origem desses relatos exclusivos de Lucas é definida como fonte L. O evangelho de Mateus também é baseado, supostamente, em Marcos, na fonte Q e numa fonte própria, descrita pelos estudiosos como fonte M. Porém, todas as fontes têm suas origens no próprio Jesus. “Por isso, o processo de formação dos evangelhos sinópticos é assim compreendido, segundo Cássio Silva:”⁷

¹ FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*, p. 20.

² KARRIS, R. *O evangelho segundo Lucas*, p. 218.

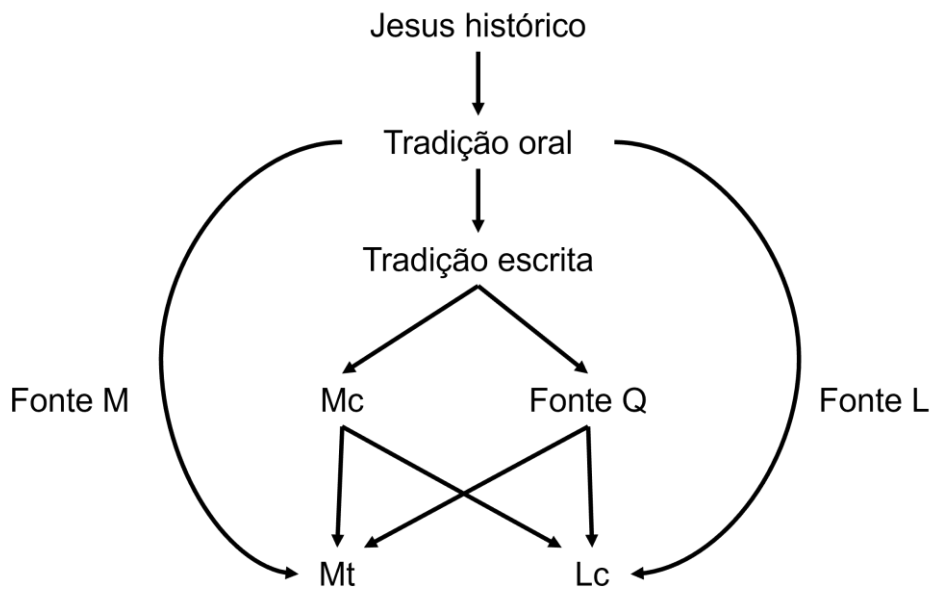
³ FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*, p. 21.

⁴ SILVA, C. M. D. *Leia a Bíblia como literatura*, p. 67.

⁵ SCHNELLE, U. *Introdução à exegese do Novo Testamento*, pp. 74-75.

⁶ SCHNELLE, U. *Introdução à exegese do Novo Testamento*, p. 75.

⁷ SILVA, C. M. D. *Leia a Bíblia como literatura*, p. 69.



Fonte: SILVA, C. M. D. *Leia a Bíblia como literatura*, p. 69.

Porém, essa compreensão não pode ser considerada infalível porque existem muitas questões que necessitam de respostas mais satisfatórias. Assim, seu uso deve ser cauteloso.⁸

Baseando-se nas hipóteses dessas fontes, Robert Karris escreve que Lucas “adapta o tema e a estrutura marcanos da jornada de Jesus a Jerusalém (Lc 8,27-10,52), combinando-os com materiais das fontes Q e L para moldar sua própria teologia incomparável da jornada de Jesus e dos cristãos a Deus (Lc 9,51-19,27)”.⁹

Francis Davidson procura esclarecer as fontes de Lucas da seguinte forma:

Sendo natural de Antioquia, devia ter entrado em contato com muitos que lhe puderam contar a respeito desses primórdios, como Barnabé, e possivelmente Pedro (Gal 2,11); e teve oportunidades especiais de ampliar seus conhecimentos durante os dois anos que Paulo esteve detento em Cesaréia (At 24,27). [...] Em Jerusalém, Lucas hospedou-se em casa de Mnason, um dos primeiros discípulos (At 21,16), avistou-se com Tiago, irmão do Senhor, e alguns supõem que ele entrou em contato até com Maria, mãe de Jesus, dela ouvindo a história da natividade, por ele narrada no início de seu Evangelho.¹⁰

⁸ SILVA, C. M. D. *Leia a Bíblia como literatura*, p. 69.

⁹ KARRIS, R. *O evangelho segundo Lucas*, p. 218.

¹⁰ DAVIDSON, F. *O Novo Comentário da Bíblia*, p. 1100.

Assim, conclui-se que Lucas pode ter realizado sua acurada pesquisa sobre Jesus utilizando, como fontes, o evangelho de Marcos, o testemunho de alguns apóstolos e discípulos, de Maria e de outros escritos e relatos orais que compunham uma tradição de aproximadamente 50 anos após a ocorrência dos fatos narrados.

1.1 FONTES DA PERÍCOPE DE ZAQUEU

Conforme descrito, as supostas fontes de Lucas para escrever seu evangelho são o evangelho de Marcos, a fonte Q e a fonte L. Como Zaqueu só aparece em Lucas, então as informações dessa perícopa, supostamente, foram originadas de alguma tradição oral ou escrita, exclusiva do evangelista, que alguns estudiosos conceituam de fonte L.¹¹ Para Joseph Fitzmyer, “o relato procede, basicamente, da fonte particular de Lucas (“L”); [...]. Traços da escrita de Lucas são detectados nela, embora sua amplitude possível seja debatida”.¹² Dessa forma, pode-se dizer, atualmente, que a fonte da perícopa de Zaqueu seria a fonte L.

Por sua vez, a existência de Zaqueu e do encontro de Jesus com esse personagem só são registrados no evangelho de Lucas, e a fonte é de origem diversa, é possível surgir dúvidas sobre a veracidade do relato. Na falta de um número maior de registros e fontes seguras, a dúvida que poderá ocorrer é se a passagem de Zaqueu foi um fato real ou um relato fictício criado por Lucas com uma finalidade catequética. Em outras palavras, nessa segunda interpretação, Zaqueu nunca teria existido e Jesus nunca o encontrou, nem o salvou. Seria apenas uma história inventada por Lucas para mostrar a salvação de Jesus atuando de forma figurativa. Não foram encontrados estudos teológicos que descrevessem essa posição. Mesmo assim, é prudente fazer um estudo para analisar a probabilidade da perícopa Lc 19,1-10 ser um fato real. Para este estudo, primeiro, deve-se verificar a ação e o propósito de Lucas descrito no prólogo de seu evangelho (Lc 1,1-4). Ao declarar que fez “uma acurada investigação de tudo desde o princípio” (Lc 1,3b), o evangelista mostra a intenção de revelar que os fatos narrados em sua obra são frutos de um trabalho exaustivo e fidedigno. Também coloca seu nome em crédito escrevendo: “[...] a mim

¹¹ FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*, p. 21;

¹² FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas: Vol. IV*, p. 54.

20 | Zaqueu e a salvação dos ricos

também pareceu conveniente, [...] escrever-te de modo ordenado, ilustre Teófilo" (Lc 1,3a-c), com a clara finalidade de melhorar a compreensão e dar mais segurança da veracidade dos seus escritos. Depois, declara para o destinatário do Evangelho, que seu propósito é "para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebestes" (Lc 1,4), demonstrando que quer corroborar a verdade sobre a história e os feitos de Jesus, que já foram ensinados a Teófilo. Rinaldo Fabris resume a preocupação de Lucas com a segurança dos fatos citando: "Por isso, ele pode garantir ao seu amigo e protetor Teófilo, a quem dedica o escrito, que nele encontrará uma confirmação segura de tudo quanto lhe foi dito e ensinado a respeito da experiência cristã".¹³

François Bovon, também realça a preocupação de Lucas com a legitimidade dos fatos narrados, citando:

Lucas é historiador e escritor. Seria errado subestimar este fato ao fazermos a apreciação de sua pessoa. Conduziu cuidadosas pesquisas e tentou redigir uma obra que acarreta a adesão de seus leitores pelo êxito da forma e a legitimidade dos fatos narrados. Esta comprovação ressalta a preocupação pastoral do autor.¹⁴

Com esses argumentos iniciais, percebe-se a alta probabilidade da perícopre de Jesus e Zaqueu ser verdadeira, pois Lucas escreve um fato sobre o seu Senhor Salvador, Κύριον (Lc 19,8), e acredita-se que não desejaria colocar seu nome, sua fé e sua obra no descrédito do seu ilustre leitor, nominado de Teófilo (Lc 1,3).

Outros argumentos, que também elevam à probabilidade dessa narração ser real, são a quantidade de elementos com comprovação de sua existência, citados por Lucas nessa perícopre, como:

1- *Jesus*, cuja existência é citada nos vinte e sete livros canônicos do Novo Testamento, em dezenas de livros apócrifos e outros registros históricos, como o de Flávio Josefo.¹⁵

¹³ FABRIS, R.; MAGIONNI, B. *Os Evangelhos II*, pp. 24-25.

¹⁴ BOVON, F. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 281.

¹⁵ FLÁVIO Josefo: Uma Testemunha nos Tempo dos Apóstolos, p. 52.

2- A histórica cidade de *Jericó*, que existe até os dias de hoje e possui muitos sítios arqueológicos. Um deles é remanescente do palácio de Herodes.¹⁶ Mesmo assim, segundo Craig Blomberg, "é bem sabido que existem ruínas de duas cidades à distância de três quilômetros uma da outra: a Jericó do Antigo Testamento e a Jericó do Novo Testamento".¹⁷ Apesar de não haver uma certeza arqueológica do local da Jericó de Zaqueu, é certo que uma cidade chamada Jericó existia no tempo de Jesus, naquela região.

3- O nome *Zaqueu*, que também é encontrado em Esd 2,9; Ne 7,14 e 2Mac 10,19.

4- A profissão de *publicano*, que é relatada em várias outras passagens de Lucas (Lc 3,12; 5,27; 5,29; 7,29; 7,34; 15,1; 18,10), inclusive em outros evangelhos (Mt 5,46; 9,10; 10,3; 11,19; 18,17; 21,31 e Mc 2,15) e também de registros históricos como o de Marco Túlio Cícero.¹⁸

5- Uma árvore chamada *sicômoro*, '*sycamore*' (*συκομορέαν*) ou *ficus sycomorus*, que é atualmente comum na região de Jericó e citada em várias outras passagens bíblicas como 1Rs 10,27; 1Cr 27,28; 2Cr 1,15; 9,27; e Am 7,14.

Existem alguns elementos citados por Lucas nessa perícopa que não possuem comprovação científica. Um deles é o caso de *Abraão*. Apesar de, atualmente, os arqueólogos não terem encontrado nenhuma prova de sua existência, ele é citado 279 vezes na Bíblia¹⁹ e, recentemente, foram encontradas aldeias com os nomes dos seus familiares Naor e Serugue (avô e bisavô).²⁰

Outro elemento que, igualmente, não possui compreensão científica, mas faz parte da teologia, é a *salvação* que entrou na casa de Zaqueu (Lc 19,9) e o *salvar* do Filho do Homem (Lc 19,10), pois estudiosos entendem ser de cunho escatológico²¹ e, segundo José Pagola, "é fruto da *misericórdia de Deus*".²² Mesmo não possuindo cunho científico e sendo originado da fé, é relevante citar que "as palavras gregas

¹⁶ MURPHY-O'CONNOR, J. *The Holy Land: An Oxford Archaeological Guide from Earliest Times to 1700*, p. 289.

¹⁷ BLOMBERG, C. *Jesus e os Evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*, p. 481.

¹⁸ CICERO, M. T. *Pro lege Manila*, p. 50.

¹⁹ BÍBLIA. *Bíblia Pastoral*.

²⁰ HOERTH, A. *Archaeology and the Old Testament*, p. 67.

²¹ Sobre a *salvação* e o *salvar* de Jesus, ver também os capítulos 1.2; 2.15 e 2.17.

²² PAGOLA, J. A. *O Caminho Aberto por Jesus*, p. 15.

22 | Zaqueu e a salvação dos ricos

para Salvador e salvação (*sotēr, sotēria, sotērion*) ocorrem oito vezes em Lucas, nove vezes em Atos e nenhuma nos demais evangelhos sinóticos".²³ Outro elemento que não pode ser considerado na compreensão científica é o conceito de *Filho do Homem*, pois também é tido como um termo teológico e é citado setenta e duas vezes nos evangelhos, sendo vinte e seis em Lucas.²⁴

Assim, sua obra pode ser considerada contendo elementos históricos e teológicos. Por isso é baixa a probabilidade desse evangelista ter inventado uma narração totalmente figurativa na perícopa de Zaqueu, pois estaria pondo em risco a sua credibilidade como escritor e seguidor do seu Senhor (Κύριον) Jesus (Lc 19,8). Mesmo que sua fonte L seja, atualmente, ainda desconhecida, percebe-se a preocupação de Lucas com a segurança sobre a verdade dos fatos narrados. Todo o testemunho de sua vida cristã contido nas suas obras e a colocação de muitos elementos reais promovem a alta probabilidade de Lucas ter descrito Zaqueu como um personagem real, fruto de sua acurada investigação e da credibilidade sobre a salvação de Jesus, que deseja passar para o ensinamento de Teófilo, o ilustre amigo de Deus.

Ainda assim, deve-se considerar que Lucas interpreta Jesus como salvador da humanidade, logo pode-se entender que ele dificilmente utilizaria seu próprio Senhor (Κύριον) salvador numa história fictícia, na qual não teria salvado uma pessoa real. Caso assim o fizesse, Lucas estaria narrando o poder salvador de Jesus dentro de um mito e não de um fato verdadeiro. Caso a perícopa de Lc 19,1-10 tenha sido um acontecimento verdadeiro, então, tem-se um caso real de salvação de Jesus, descrito por Lucas, que pode-se referenciar como exemplo. Como, atualmente, não se pode provar cientificamente a passagem de Jesus por Jericó e a existência de Zaqueu, assim como não se pode provar que seria fruto da criatividade de Lucas ou de sua exclusiva fonte L, este trabalho é desenvolvido sobre a hipótese de que o evangelista narrou Lc 19,1-10, como um fato real da vida de Jesus e que Zaqueu realmente existiu.

²³ BLOMBERG, C. *Jesus e os Evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*, p. 194.

²⁴ FABRIS, R.; MAGIONNI, B. *Os Evangelhos II*, p. 511.

1.2 A UNIVERSALIDADE DA SALVAÇÃO

Todos os autores do Novo Testamento centraram suas atenções sobre Jesus Cristo e afirmam que ele é o salvador universal que realiza o plano redentor de Deus para toda a humanidade. Trata-se do evento esperado ao longo de todo o Antigo Testamento, que se realiza, dando uma resposta aos anseios e esperanças para o mundo judaico, incluindo também o não judaico.

Em relação ao evangelista Lucas, José Pagola define-o como “o primeiro escritor cristão a narrar uma espécie de ‘história da salvação’, fruto da *misericórdia de Deus*”.²⁵ E Alberto Casalegno corrobora citando: “Lucas nos oferece um parâmetro básico para entender sua teologia: o da história da salvação”²⁶. Esse entendimento é obtido porque, desde o início de seu Evangelho, Lucas explicita sua fé e da sua comunidade, colocando, na boca dos anjos, a expressão: “Nasceu-vos hoje um *salvador*, que é o Cristo Senhor” (Lc 2,11). Também em Atos, referindo-se a Jesus, reconhece que “não há sob o céu outro nome dado aos homens pelo qual devemos *ser salvos*” (At 4,12). Ademais, a universalidade da salvação realizada por Jesus Cristo está amplamente contemplada por Lucas, porque ele descreve a superação das divisões entre as diferentes classes sociais, atingindo quer os pobres (Lc 7,50; 8,48; 13,10-17), quer os ricos generosos (Lc 19,8; At 4,36), e cita que ela é oferecida a todas as nações de culturas e mentalidades diferentes (Lc 2,30-31; 3,6; At 13,46-47). A ênfase que Lucas dá sobre a salvação é diferenciada, pois só ele aplica à missão de João Batista o texto de Is 40,5.²⁷ Além disso, só ele descreve a salvação de Zaqueu (Lc 19,9) e do malfeitor crucificado (Lc 23,43).

Mas o que vem a ser a salvação de Jesus no Evangelho de Lucas? Lemos Jesus curando pessoas (Lc 4,31-41; 5,12-26; 6,6-11; 7,1-10; 7,11-17; 8,26-39; 8,40-56; 9,37-43; 14,1-6; 17,11-19; 18,35-43), mas do que elas são salvas? Segundo François Bovon: “Poderíamos dizer sem dúvida: elas são salvas da condenação eterna, elas podem escapar da ira de Deus”.²⁸ E para argumentar seu pensamento, Bovon escreve:

²⁵ PAGOLA, J. A. *Lucas: o caminho aberto por Jesus*, pp. 13 e 15.

²⁶ CASALEGNO, A. *Lucas: a caminho com Jesus missionário*, p. 267.

²⁷ Lc 3,6. “E todo homem verá a salvação que vem de Deus”.

²⁸ BOVON, F. *Le Salut Dans les Écrits de Luc: Essai*, p. 301.

24 | Zaqueu e a salvação dos ricos

Aos olhos de Lucas, a salvação não se trata de cura ou recuperação física. Ainda que ele expresse tais resgates com o verbo "salvar", em sua obra Lucas pretende testemunhar uma salvação de uma dimensão completamente diferente. Os casos de salvação física têm uma função simbólica: eles ilustram a salvação eterna que Lucas é obrigado, por falta de algo melhor, a contar pelo modelo histórico e pela via analógica."²⁹

Assim, a salvação do homem, oferecida por Deus, na pessoa de Jesus, estaria descrita por Lucas como "fugir da ira que está para vir" (Lc 3,7), não ser a "árvore cortada e lançada ao fogo" (Lc 3,7), nem ser a palha que "ele queimará num fogo inextinguível" (Lc 3,17), e nem se ver "na mansão dos mortos, em meio a tormentos" (Lc 16,23). Finalmente, a destinação dada aos salvados, descrita por Lucas, seria ser recolhido como trigo ao celeiro do Cristo (Lc 3,17), herdar a vida eterna (Lc 10-25; 18,18-22; 18,30), ser "levado pelos anjos ao seio de Abraão" (Lc 16,22) e estar com Jesus no Paraíso (Lc 23, 42-43).

Como a salvação é demonstrada como universal, a de Zaqueu, segundo Buckland e Willians, "indica o estado de perdão e segurança obtido por Jesus Cristo para o homem".³⁰ E sendo Zaqueu um homem rico, conclui-se que Lucas revela que as pessoas com esse status econômico também são incluídas na misericórdia divina.

1.3 OS DESTINATÁRIOS DA OBRA LUCANA

Os dois livros de Lucas, o terceiro Evangelho e Atos dos Apóstolos, são dedicados a um certo personagem chamado Teófilo. Ele inicia suas obras com os seguintes prólogos:

¹Visto que muitos já tentaram compor uma narração dos fatos que se cumpriram entre nós – ²conforme no-los transmitiram os que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra – ³a mim também pareceu

²⁹ BOVON, F. *Le Salut Dans les Écrits de Luc: Essai*, p. 303.

³⁰ BUCKLAND, A. R.; WILLIANS, L. *Dicionário Bíblico Universal*. p. 544.

conveniente, após acurada investigação de tudo desde o princípio, escrever-te de modo ordenado, ilustre Teófilo, ⁴para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebeste. (Lc 1,1-4)

¹Fiz meu primeiro relato, ó Teófilo, a respeito de todas as coisas que Jesus fez e ensinou desde o começo, ²até o dia em que foi arrebatado ao céu, depois de ter dado instruções aos apóstolos que escolhera sob a ação do Espírito Santo. (At 1,1-2)

O nome Teófilo, em sua etimologia, significa amigo de Deus (Theo = *de Deus*; philós = *amigo*). Os estudiosos dividem suas opiniões sobre quem seria este Teófilo. Alguns, como François Bovon, em virtude de Lucas tratá-lo como *ilustre* (Lc 1,3), especula que Teófilo possa ter sido o financiador de um determinado número de cópias e, por isso, deveria ter muitos recursos.³¹ Um segundo grupo afirma que "Teófilo não seria cristão, que se procura confirmar na fé, mas alto funcionário, que se deseja fique bem informado"³², Um terceiro grupo, incluindo Isidoro Mazzarolo, observa o todo do evangelho e "vê em Teófilo o conceito explícito de Lucas definido como todo aquele que é amigo de Deus".³³ Para José Comblin, o Evangelho de Lucas dirige-se aos pobres e Atos dos Apóstolos é o livro que ele escreveu para os ricos.³⁴ Então, Teófilo seriam todos os que se definem como amigos de Deus, independente de suas condições econômicas, sociais ou étnicas.

Seja o caso ou não, essa dedicatória é uma convenção literária, mais que a descrição do destinatário. Na verdade, Lucas espera ter inúmeros leitores³⁵. A

³¹ BOVON, F. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos* p. 204.

³² BIBLIA DE JERUSALÉM. Nota de rodapé de Lc 1, letra c, p. 1.786.

³³ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 50.

³⁴ COMBLIN, J. "Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos", pp. 1-2.

³⁵ "Nos tempos de Lucas, muitos escritos haviam aparecido para contar os fatos a respeito de Jesus; assim, Lucas também julgou necessário escrever uma narrativa aos novos cristãos. O Evangelista tem um cuidado muito grande com seus leitores. Por todo o tempo que havia estado em missão com Paulo, Lucas sabe quantos e quantas formas poderiam ter tentado deturpar a Boa Nova inventando mentiras, desdizendo ou negando a própria pregação dos cristãos. Conhecedor da problemática dos textos, dos testemunhos verdadeiros e dos falsos, Lucas tem uma preocupação catequética pedagógica e teológica. Para muitos estudiosos, Lucas usa uma fórmula comum dentro dos escritores gregos, que era indicar o método, a finalidade e o endereço. No método, o evangelista afirma que examinou cuidadosamente todos os escritos até então. Não sendo testemunha ocular, Lucas precisa investigar aqueles que tinham sido testemunhas desses fatos. A finalidade da obra era para que o leitor tivesse certeza de que teria em mãos uma obra verdadeira, autêntica e completa, por isso ele fez um trabalho cuidadoso desde o princípio até a ascensão de Jesus. Como obra catequética, a

convicção universalista a respeito do cristianismo, tão própria de Lucas, segundo François Bovon, ele “espera outros leitores”,³⁶ além de Teófilo. Ao que tudo indica, Lucas desejava, com a sua obra, alcançar um público variado e familiarizá-los com a fé cristã. “E queria também confirmar as convicções dos fiéis”.³⁷ De fato, “conforme o prólogo inicial (Lc 1,4), Lucas-Atos é destinado aos crentes que já receberam uma formação na fé,”³⁸ descrevem Aguirre Monastério e Rodriguez Carmona. François Bovon explica que “a obra lucana se apoia em tradições e fontes de dentro da Igreja, e sugere um cristianismo com dois polos, com cristãos procedentes do judaísmo e do paganismo”.³⁹ E “a simpatia que Lucas inspira aos tementes a Deus é, sem dúvida, a característica textual desta esperança missionária”.⁴⁰

Para Joseph Fitzmyer, “uma das razões seria o nítido interesse do autor de abrir aos pagãos a salvação prometida a Israel no Antigo Testamento. Essa perspectiva também explica a eliminação de certos materiais de suas fontes, Marcos ou ‘Q’, de preocupação tipicamente judaica”.⁴¹ Além disso, Lucas estende a genealogia de Jesus até Adão (Lc 3,23-38), indo além dos limites de Mateus, que começa por Abraão (Mt 1,1-16). “E a utilização do termo genérico ‘Judeia’ para abarcar todo território do magistério de Jesus, sugere que o autor escrevia para um público não propriamente daquela região,”⁴² afirma Joseph Fitzmyer. Também o livro dos Atos dos Apóstolos estava destinado a leitores provenientes do paganismo. Na obra, fica claro que os pagãos tomaram parte nos dons concedidos a Israel, ou seja, a salvação enviada em primeiro lugar ao povo israelita reconstituído estendeu-se, por desígnio de Deus, a todos os povos e sem as obrigações prescritas na Lei. Fitzmyer conclui da seguinte forma:

finalidade era produzir certezas, solidificar a fé e convencer os duvidosos sobre as verdades do Evangelho e de Jesus Cristo”. MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 49.

³⁶ BOVON, F. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 214.

³⁷ BOVON, F. *El evangelista Lucas: Retrato y proyecto: Forma y función de la doble obra lucana*, p. 203.

³⁸ AGUIRRE MONASTERIO, R.; RODRIGUEZ CARMONA, A. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 336.

³⁹ BOVON, F. *El evangelista Lucas: Retrato y proyecto: Forma y función de la doble obra lucana*, p. 203.

⁴⁰ BOVON, F. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 272.

⁴¹ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas: Introducción General*, p. 108.

⁴² FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas: Introducción General*, p. 109.

O autor explica a relação entre os cristãos vindos do paganismo, destinatários de sua obra, e o antigo Israel. Vale ressaltar ainda que esses cristãos provenientes do paganismo, destinatários da obra lucana, não viviam em ambiente predominantemente judaico; antes, eram convertidos que se encontravam em meio predominantemente pagão".⁴³

Assim, não seria inadequado ampliar o alcance dos destinatários da obra de Lucas, estendendo-os às sucessivas gerações nas diversas nações às quais chegaria o Evangelho. Desde as narrativas da infância, já o profeta Simeão anunciava que o menino seria "luz para iluminar as nações" (Lc 2,32); e os antepassados de Jesus, como visto, remontam a Adão, o qual é "filho de Deus" (Lc 3,38). Para Lancellotti e Boccali, "esses antepassados, portanto, não param em Abraão como que diante de uma porta fechada, uma barreira ou um limite intransponível, progenitor de um povo e de uma raça privilegiada."⁴⁴ Ao final, o mandato de Cristo aos apóstolos também confirma tal universalismo, já que, em seu nome (de Cristo), seria pregado "o arrependimento para a remissão dos pecados a todas as nações" (Lc 24,47). Se é verdade que o Evangelho de Lucas estende a salvação de Cristo a todos os povos e nações, e de maneira total, pois cobre todas as necessidades do homem, igualmente é verdade que há os destinatários privilegiados, a saber, os pecadores, os pobres, as mulheres, os publicanos e os samaritanos. "E esta inversão da lógica, nota marcante dos textos de Lucas, é fonte de alegria para os até então excluídos, que em Cristo encontram finalmente acolhida da parte de Deus,"⁴⁵ assim se expressam Aguirre Monasterio e Rodrigues Carmona.

O Evangelho mostra Jesus indo ao encontro dos pecadores (Lc 19,7), comendo com eles (Lc 5,29-31), perdoando-os (Lc 7,48-50), a fim de resgatá-los segundo a misericórdia do Pai; a conversão deles traz grande alegria ao céu (Lc 15,7). De fato, se o Evangelho estende-se a todos os homens, será necessariamente um anúncio de misericórdia e de acolhida sem restrições aos que o acolhem. E, por isso mesmo, os pecadores são os primeiros e principais beneficiários desse anúncio.

⁴³ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas: Introducción General*, p. 111.

⁴⁴ LANCELOTI, A.; BOCCALI, G. *Comentário ao Evangelho de São Lucas*, p. 19.

⁴⁵ AGUIRRE MONASTERIO, R.; RODRIGUES CARMONA, A. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 317-318.

Lancellotti e Boccali escrevem “que são uns privilegiados em comparação com os justos, e o são com certeza se comparados com aqueles que presumem ser justos (Lc 16,15; 18,13).”⁴⁶ “[...] e por fim, os que vivem a pobreza por austeridade, pois o discípulo deve evitar a cobiça e não depositar sua confiança no dinheiro (Lc 12,15-21), além de ser generoso com os irmãos, sobretudo os mais pobres (Lc 12,33-34)”,⁴⁷ explicam Aguirre Monastério e Rodrigues Carmona. Pode-se ver isso claramente no encontro de Jesus com o publicano rico Zaqueu (Lc 19,1-10), conforme pesquisa deste livro. O fato de Jesus ter ido ao encontro de um homem que era “rico” (πλούσιος) em vez de tratá-lo com desprezo como a multidão o tratava, Jesus mostra que era amigo dos ricos que produzem bons frutos, como de todos os outros homens, e, da mesma forma, a eles queria salvar (Lc 7,36-50; 19,5). Alguns estudiosos⁴⁸ definem que a obra de Lucas é para os pobres, miseráveis e pecadores, mas também concluem que ela é dirigida aos ricos. A mensagem bastante clara é para que os ricos promovam caridade e justiça aos pobres, como frutos de sua conversão e esperança da salvação (Lc 3,11), fugindo da “ira que está para vir” (Lc 3,7).

1.4 ANÁLISE DA SIMILARIDADE LITERÁRIA DE LUCAS

Os evangelhos são composições que pertencem ao gênero literário histórico-querigmático, proclamando o mistério da salvação de Jesus,⁴⁹ pois possuem narrativas históricas e narrativas teológicas com a finalidade de conversão de não cristãos (querigma).

A narração de Jesus e Zaqueu (Lc 19,1-10), objeto de estudo descrito neste livro, é antecedida pela história do cego na entrada de Jericó (Lc 18,35-43). Lucas compõe relatos literários sequenciais muito parecidos entre as duas passagens, em que mostra Jesus curando um pobre cego e, a seguir, salvando um rico cobrador de impostos. O quadro seguinte mostra a similaridade literária na construção das duas

⁴⁶ LANCELOTTI, A.; BOCCALI, G. *Comentário ao Evangelho de São Lucas*, p. 19.

⁴⁷ AGUIRRE MONASTERIO R.; RODRIGUES CARMONA, A. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 318-319.

⁴⁸ MAZZAROLO I.; KONINGS, J. *Lucas, o evangelho da graça e da misericórdia*, p. 14.

⁴⁹ CASALEGNO, A. *Lucas: a caminho com Jesus missionário*, p. 32.

perícopes.

Quadro 1 – Similaridade literária

	ELEMENTOS PARALELOS	Lc 18,35-43 - O Cego	Lc 19,1-10 – Zaqueu
1	Localização de Jesus	35 ^a – Quando ele se aproximava de Jericó,	1 ^a - E, tendo entrado em Jericó, ele atravessava a cidade.
2	Identificação de um personagem e sua situação econômica.	35b– havia um cego, mendigando,	2 ^a - Havia lá um homem chamado Zaqueu, que era rico
3	Ocupação do personagem	35c- sentado à beira do caminho	2b- e maioral dos publicanos
4	Interesse do personagem	36 ^a - Ouvindo os passos da multidão, perguntou o que era. 37 ^a - Informaram-no que Jesus, o Nazareno, passava.	3 ^a - Procurava ver quem era Jesus,
5	Causa da multidão	36 ^a – Ouvindo os passos da multidão,	3b- mas não o conseguia por causa da multidão,
6	Característica do personagem	36 ^a – Ouvindo os passos da multidão, perguntou o que era. (pois era cego)	3c- pois era de baixa estatura.
7	Ação do personagem para contatar Jesus.	38 ^a – E ele pôs-se a gritar: “Jesus, filho de Davi, tem compaixão de mim!”	4 ^a - Correu então à frente e subiu num sicômoro para ver Jesus que passaria por ali.
8	Ação de Jesus para com o personagem.	40 ^a – Jesus se deteve e mandou que lho trouxessem. Quando chegou perto, perguntou-lhe:	5 ^a - Quando Jesus chegou ao local, levantou os olhos e disse-lhe:
9	Fala de Jesus para o personagem	41 ^a – “Que queres que te faça?”	5b- “Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa”.
10	Reação do personagem para estar com Jesus.	39b – ele, porém, gritava mais ainda: Filho de Davi, tem compaixão de mim!	6 ^a - Ele desceu imediatamente e recebeu-o com alegria.
11	Reprovação dos outros personagens	39 ^a – Os que estavam à frente repreendiam-no, para que ficasse em silêncio;	7 ^a - À vista do acontecido, todos murmuravam, dizendo: “Foi hospedar-se na casa do pecador!”
12	Fala do personagem para Jesus.	41b – Ele respondeu: “Senhor, que possa ver novamente!”	8 ^a - Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: “Senhor, eis que dou a metade dos meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quadruplo”.

30 | Zaqueu e a salvação dos ricos

13	Revelação de Jesus sobre a salvação do personagem.	<i>42^a – Jesus lhe disse: “Vê de novo; tua fé te salvou.”</i>	<i>9^a- Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa,</i>
14 Zaqueu	Revelação de Jesus sobre a herança da salvação.		<i>9b- porque ele também é um filho de Abraão.</i>
14 Cego	Revelação do poder de Jesus e o reconhecimento pelo cego como Filho de Deus.	<i>43^a – No mesmo instante recuperou a vista, e seguia a Jesus, glorificando a Deus.</i>	
15 Zaqueu	Jesus revela-se a todos mostrando sua missão de salvador.		<i>10^a- Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido”.</i>
15 Cego	Jesus é reconhecido pelo povo como Filho de Deus	<i>43b – E, vendo o acontecido, todo o povo celebrou louvores a Deus.</i>	

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Nota-se, claramente, o paralelismo da composição literária entre as histórias dos dois homens de Jericó: o cego e Zaqueu. A localização, a identificação, a ocupação, o interesse etc., seguem na mesma forma narrativa até a salvação dos personagens e a revelação da missão de Jesus. O que mais chama a atenção é que os dois personagens são extremamente opostos. Um é cego e mendigo e o outro é rico e autoridade pública. Um está fora da cidade e o outro dentro dela. O que existe em comum entre eles é que creem em Jesus, querem contatá-lo e são impedidos pela multidão, rejeitados do convívio social. Portanto, ambos são socialmente excluídos.

Outro fato semelhante e com mesma consequência é que o cego quer ver Jesus e pede para ver novamente na vida terrena o *Filho de Davi*, e a sua fé lhe salvou; Zaqueu, por sua vez, procura ver quem era Jesus e chega a subir num sicômoro para poder vê-lo, ele também é salvo. Porém, Lucas não revela qual era o propósito do publicano e deixa o leitor procurar entender por meio das falas de Zaqueu para Jesus sobre sua prática de caridade e justiça, e de Jesus que lhe dá a salvação. Lucas descreve que o cego, após curado, passa a seguir Jesus e, quanto a Zaqueu, nada é dito sobre seu futuro. Possivelmente, continuou exercendo a atividade de cobrador de impostos, dando metade dos seus bens aos pobres e restituindo o quádruplo, caso cobrasse a mais que o estipulado na lei.

Nessas duas perícopes, observa-se a mesma sequência narrativa de Lucas, em que Jesus revela que a salvação e a misericórdia de Deus são para todos, pobres e ricos, cegos e publicanos. Também revela sua opção preferencial pelos excluídos e preconceituados. Primeiro, salva o pobre, o cego, o rejeitado e o excluído da sociedade. Depois salva o rico, a autoridade pública, e o preconceituado e excluído da sociedade. Ambas as exclusões eram consequências das regras de pureza religiosa dos judeus.

Segundo Fabris e Magionni, “a passagem anterior a de Zaqueu, é o primeiro e único relato de cura de um cego no evangelho de Lucas”.⁵⁰ Os dois pontos altos dessa narração são: a proclamação messiânica de Jesus feita pelo cego e a declaração de Jesus a respeito da fé salvífica dele. Com a cura do cego, Jesus confirma a espontânea proclamação da fé do pobre mendigo, apesar da oposição das pessoas. Com sua palavra de autoridade, Jesus reconhece a fé genuína daquele homem não só como condição para a recuperação física, mas como início da salvação. Ao cego pobre chega a fé em Jesus, messias e salvador, partindo de sua cegueira que o excluí da vida social e Jesus aceita trazê-lo ao seu encontro, nesse caminho da necessidade elementar de ver e comunicar. É exatamente essa experiência de salvação que Lucas também descreve na perícopa seguinte com Zaqueu.

A cegueira fazia parte das enfermidades consideradas como castigo de Deus (Jo 9,1-2) e, por ironia, é um cego que faz uma aclamação cristológica vendo Jesus como Filho de Davi. Para Isidoro Mazzarolo, “o desejo de ver pode ser físico ou psíquico. Quando Jesus pergunta o que o cego quer, ele dá uma resposta simples: ‘Senhor, que eu possa ver novamente!’ (Lc 18,41)”.⁵¹ Esse ver como físico é o primeiro entendimento do leitor de Lucas, mas também pode ser um ver psíquico ou espiritual, para enxergar o Cristo salvador, pois o cego, além de chamar Jesus de Filho de Davi, também o chama de Senhor (κύριε). Essa cegueira também tem ligação com a cegueira da multidão que murmurou contra Jesus e contra Zaqueu na perícopa seguinte. Por sua vez, também Zaqueu refere-se a Jesus, chamando-o de Senhor

⁵⁰ FABRIS, R.; MAGIONNI, B. *Os Evangelhos II*, p. 181.

⁵¹ MAZZAROLO, I. *Lucas, a antropologia da salvação*, p. 231.

(κύριε). Ao utilizar o termo κύριε nas duas perícopes,⁵² Lucas estaria citando que os dois personagens, o cego e Zaqueu, estariam referindo-se a Jesus com uma deferência messiânica.⁵³ Assim também percebe-se que a composição literária de Lucas é aplicada com palavras semelhantes nas suas duas perícopes.

1.5 O MIDRASH DE LUCAS

O *midrash*, da raiz *darash*, significa buscar, investigar, pesquisar, e é ao mesmo tempo um método de estudo e sua consequente produção literária. É pesquisar as Escrituras e buscar o modo que ela impacta o seu leitor contemporâneo, tentando atualizá-la.⁵⁴ De origem dos estudos judaicos, as composições midrásicas têm uma função muito importante no interior do judaísmo⁵⁵, pois, por meio destas, segundo Água Pérez, “os estudiosos da Torá construíram uma ponte entre a letra imóvel da Torá escrita por Moisés e a vida em constante mutação”.⁵⁶ Isso responde à exigência e necessidade de atualizar a Torá diante das diferentes situações históricas pelas quais passou o povo da Aliança ao longo dos séculos.⁵⁷

A tradição rabínica caracteriza o *midrash* em dois tipos: O *midrash halakhah* e o *midrash haggadá*.⁵⁸ O *halakhah*, que significa *caminho*, é o estudo investigativo da Lei, das normas e da conduta nas Escrituras, para buscar a sua aplicação nos dias de hoje.⁵⁹ O *midrash haggadá*, que significa *narrativa*, engloba toda a busca, investigação ou pesquisa que não trate sobre as normas e a conduta, ou seja, é todo o estudo que não é Lei na tradição judaica.⁶⁰ Ele refere-se a temas como a unidade Deus, prêmios e castigos, liberdade do ser humano, angeologia, profecias,

⁵² SCHOLZ, V. *Novo Testamento Interlinear Grego-português*, pp. 306 e 307.

⁵³ RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 279.

⁵⁴ CHARPENTIER, E.; GOURGUES, M. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 38.

⁵⁵ NEF ULLOA, B. A. O método deráshico no judaísmo, p.39.

⁵⁶ ÁGUA PÉREZ, A. El método midrásico y la exégesis del nuevo testamento *apud* NEF ULLOA, B. A. *O método deráshico no judaísmo*, p.39.

⁵⁷ PERANI, M. L'Interpretazione della Bibbia presso i Rabbi, aspetti dell'ermeneutica rabbinica *apud* NEF ULLOA, B. A. *O método deráshico no judaísmo*, p.39.

⁵⁸ SANTOS, M. C. *Deus se revela a seu povo através de sua palavra e este a interpreta através do midrash*, p. 33.

⁵⁹ CHARPENTIER, E. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 38.

⁶⁰ SANTOS, M. C. *Deus se revela a seu povo através de sua palavra e este a interpreta através do midrash*, p. 37.

providência de Deus, imortalidade, messianismos, ressurreição dos mortos etc.⁶¹ Assim, a revelação de Deus ao povo de Israel é realizada por meio da sua Palavra e o modo como esse povo a interpreta e interage por intermédio da busca, investigação e pesquisa, é conhecido nos estudos judaicos como *midrash* ou *midrashim* no plural.

Os escritores cristãos seguiram a tradição judaica do *midrash*. Para Nef Ulloa, “os desdobramentos desta evolução cúltilo interpretativa, realizado na sinagoga, não se restringiu apenas ao judaísmo, mas influenciou direta e determinante a formação do querigma cristão.”⁶² Os primeiros cristãos não criaram um modo próprio de leitura e interpretação das Escrituras, mas fizeram uso do método existente nas sinagogas para difundir a boa nova de Jesus.⁶³ Assim, os estudiosos atuais entendem também a existência de um *midrash cristão* ou *neotestamentário*.⁶⁴ Mesmo usando método semelhante, há uma diferença interpretativa. Para os estudiosos judeus, a Escritura oral e escrita é a revelação de Deus e sua promessa para conduzir a vida do povo de Israel. Porém, segundo Raimundo Sousa, “para os cristãos, o que ocupa o centro de sua atenção é o acontecimento: Jesus Cristo. Nele e por ele a Torah obteve o seu cumprimento. Por isso, o *midrash* cristão é caracterizado como o *midrash de cumprimento* [...]”.⁶⁵

Para Munõz Leon, “o *midrash* neotestamentário, é o *midrash* confirmativo, pois ele trata de recorrer às Escrituras para confirmar a proclamação do seu Kérigma”.⁶⁶ Pela Escritura e tradição cristã, os escritores neotestamentários sistematizavam sua teologia a partir do pressuposto teológico *segundo as Escrituras*, do Antigo Testamento, para demonstrar que seu cumprimento é o Cristo morto e ressuscitado.⁶⁷ Para Renée Bloch, “o modo rabínico de conceber e compreender os textos sagrados, bem como suas técnicas midráshicas, estão

⁶¹ ÁGUA PÉREZ, A. El método midrásico y la exégesis del nuevo testamento, *apud* NEF ULLOA, B. A. *O método deráshico no judaísmo*, p. 46.

⁶² NEF ULLOA, B. A. *O método deráshico no judaísmo*, p. 47.

⁶³ SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 1.

⁶⁴ MUNÕZ LEON, D. Deras, los caminos y sentido de la palabra, *apud* SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 5.

⁶⁵ SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 1.

⁶⁶ MUNÕZ LEON, D. Deras, los caminos y sentido de la palabra... *apud* SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 5.

⁶⁷ SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 6.

presentes tanto nos evangelhos como nos outros escritos neotestamentários".⁶⁸ Veja-se alguns exemplos: a multiplicação dos pães (Mt 14,13-21; Mc 6,32-44; Lc 9,10-17; Jo 6,1-15) retoma a profecia do milagre de Elías (1 Rs 17,7ss; 2Rs 4,42-44); a conversa de Jesus com Nicodemus (Jo 3,14-15) refere-se à serpente de bronze elevada por Moisés no deserto (Nm 21,4-9).

O estudo do *midrash* cristão em uma perícopé é relevante para a compreensão da ligação dos fatos citados na passagem neotestamentária com descrições contidas no Antigo Testamento. Lucas utiliza vários *midrashim* para justificar que Jesus é o messias profetizado nas escrituras do Antigo Testamento. Tem-se, como exemplos, em Lc 4,14-22, em que é narrado que Jesus entrou na sinagoga e leu na Torah a profecia de Isaías (Is 61,1-2). "Jesus faz a releitura do texto e, através do *midrash*, afirma que *hoje essa profecia se cumpriu*. Na verdade, 'o específico desta releitura é que ela é feita à luz de Cristo'".⁶⁹ Em Lc 20,41-42, Jesus usa o Sl 110,1 para explicar que o Cristo é o Senhor do rei Davi. Na passagem dos discípulos de Emaus (Lc 24,13-35), o próprio Jesus interpreta as Escrituras da Torah (Lc 24,26-27) para justificar que era preciso o Cristo sofrer para entrar na sua glória.

Assim como o *midrash* judaico tem dois modelos, o *halakhah* e o *haggadá*, os estudiosos Collin e Lenhart identificam três esquemas distintos de *midrash* nos escritos neotestamentários.⁷⁰

a) Modelo promessa-cumprimento, que consiste em considerar as Escrituras como anúncio, prefiguração, profecia e/ou promessa da pessoa de Cristo. Exemplo: Jesus é proclamado o Messias segundo o *messianismo davídico* (2 Sm7; Is 6-12; 7,10-16; 9,1-7 ; 11,1-9; Mq 5,1-4; Lc 1,32-33; Mt 21,9) e Filho de Abraão (Mt 1,1), bem como, os textos que afirmam a prefiguração de Cristo na figura do Servo Sofredor do Dêutero-Isaiás (Is 42,1-7; 49,1-6; 50,4-9; 52,13; 53,12).

⁶⁸ BLOCH, R. Escritura e Tradição apud SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 7.

⁶⁹ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *O povo judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia Cristã*, p.53.

⁷⁰ COLLIN, M.; LENHARDT, P. Evangelho e Tradição apud SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 9.

b) Modelo inserção-substituição, que parte do conteúdo e componentes da Escritura que constituem a Aliança Antiga, utilizada midrashicamente para definir a Nova Aliança. Através do *espírito da aliança*, a história dos atos salvíficos de Deus recebe sua culminância na Pessoa do Cristo morto e ressuscitado, reconhecido agora pela comunidade cristã como a "Nova Aliança". Exemplo: a Carta aos Hebreus (Hb 7-8) dedica uma larga *haggadah* à Nova Aliança (conteúdo de Jeremias e Ezequiel) na pessoa de Cristo, o Sumo Sacerdote, por meio de seu próprio sangue, o *Sangue da Nova Aliança*.

c) Modelo oposição/contraposição, que são "formulações que proclamam o cumprimento como marca de contraposição entre a realidade cumprida em Cristo e a realidade citada do Primeiro Testamento. Esta contraposição é considerada também como aquela que realça o caráter da novidade do Evangelho" (MUNHÖZ, 1987, p. 240). Exemplo: Não é o Maná, mas sim Cristo (Jo 6,27.32-33.38); Não em tábuas de pedra, mas sim em tábuas de carne do coração (2 Cor 3,3); e também a fórmula *Ouvistes o que foi dito, eu, porém vos digo* (Mt 5,21-48), a contraposição aparece através de antíteses, onde palavras de Jesus se contrapõem em relação ao ensinamento que as precede.

Em Lucas também se identificam os três modelos de *midrash* neotestamentários. Como exemplos do *modelo promessa-cumprimento*, encontram-se, em Lc 1,32-33, quando o anjo anuncia a Maria, que ela conceberá um filho e Deus lhe dará o trono de Davi e ele reinará na casa de Jacó. E em Lc 2,29-32, no cântico de Simeão, ele profetiza Is 42,6; 49,6; 52,10 e 46-13, quando diz que seus olhos viram, no menino Jesus, a salvação preparada para todos os povos. Como exemplos do *modelo inserção-substituição*, encontram-se, em Lc 22,20, a instituição da Aliança com o novo povo de Deus se confirmar na última ceia como o banquete da Nova Aliança. E em At 2,1-12, a comunidade de Pentecostes forma o *Novo Povo*, em paralelismo midráshico com a comunidade do Sinai (Ex 19). Como exemplos do *modelo oposição/contraposição*, é visto, em Lc 6,27-29, em que Jesus diz para amar os inimigos; fazer o bem aos que odeiam, bendizer aos que amaldiçoam; orar aos que difamam. Ademais, em Lc 21,1-4, Jesus diz que a pobre viúva que deu duas

36 | Zaqueu e a salvação dos ricos

moedinhas, tudo o que possuía, deu mais que os ricos que davam altas ofertas com o que lhes sobrava.

Os *midrashim* de Lucas, na passagem de Zaqueu, são estudados com mais detalhes no final do capítulo seguinte.

2. ANÁLISE HERMENÊUTICA DE LC 19,1-10

Neste capítulo, realiza-se um estudo detalhado de cada versículo ou palavra de relevante importância da perícopa de Lucas, com o objetivo de uma melhor compreensão sobre o propósito do evangelista em mostrar Jesus anunciando a salvação para um rico do seu tempo. No desenrolar do capítulo, serão citadas algumas interpretações de estudiosos e minhas, para dar maiores entendimentos sobre se Zaqueu era honesto ou desonesto, e se ele poderia também ter sido discípulo de João Batista. No final deste capítulo, conclui-se com o *midrash* da perícopa, buscando demonstrar que as promessas contidas no Antigo Testamento cumprem-se nessa passagem do Novo Testamento.

Para melhor compreensão geral deste estudo, é citada a seguir a tradução de Lc 19,1-10, da *Bíblia de Jerusalém*.

¹ E, tendo entrado em Jericó, ele atravessava a cidade.

² Havia lá um homem chamado Zaqueu, que era rico e chefe dos publicanos.

³ Procurava ver quem era Jesus, mas não o conseguia por causa da multidão, pois era de baixa estatura.

⁴ Correu então à frente e subiu num sicômoro para ver Jesus que passaria por ali.

⁵ Quando Jesus chegou ao local, levantou os olhos e disse-lhe:

“Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa”.

⁶ Ele desceu imediatamente e recebeu-o com alegria.

⁷ À vista do acontecido, todos murmuravam, dizendo: “Foi hospedar-se na casa do pecador!”

⁸ Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: “Senhor, eis que dou a metade dos meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quadruplo”.

⁹ Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão.

¹⁰ Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.

Nos subcapítulos seguintes é descrito a análise hermenêutica de cada palavra ou frase relevante desta perícopa.

2.1 JERICÓ

E, tendo entrado em Jericó, ele atravessava a cidade (Lc 19,1).

Jericó estava no caminho de Jesus para Jerusalém para onde ele se dirigia para sua entrada definitiva, antes da Páscoa. Jericó foi uma cidade muito importante e mencionada várias vezes na Bíblia. Era uma cidade fortificada no meio de um vasto bosque de palmeiras, na planície do Jordão, defronte do lugar onde esse rio foi atravessado pelos israelitas (Js 3, 16). Para o povo de Israel, Jericó era a chave para a entrada da Terra Prometida por Deus a Abraão, Isaac e Jacó e à sua descendência (Ex 16:35). Foi a cidade mais importante do vale do Jordão e a maior fortaleza em toda a terra de Canaã (Nm 22, 1 e 34, 15). Segundo os relatos de Dt 8,2 e 29,5, quarenta anos foi o tempo que o povo de Israel esteve no deserto, após sair do Egito e esperava o momento de tomar posse dessa terra. Foi defronte dessa cidade que o Senhor mostrou a Moisés toda terra prometida de Galaad até Dã (Dt 34 ,1-4).

No relato bíblico, ela foi destruída sob o comando de Josué, quando, após dar sete voltas ao toque das trombetas, conforme orientação de Deus, suas muralhas ruíram completamente com um terremoto (Js 6,26). Após entrarem em Jericó, muitos de seus habitantes foram mortos ao fio da espada, inclusive animais como bois, ovelhas e jumentos (Js 6,21). Josué poupou a prostituta Raabe, a sua família e todos os seus pertences, pois ela escondeu os homens que ele tinha enviado a Jericó como espões. E Raabe passou a viver entre os israelitas (Js 6,25). Para John Bright, "a batalha foi possivelmente em 1315 a.C. ou 1210 a.C."⁷² Para Silvano Fausti, Raabe, a prostituta que acolhe Israel em Jericó (Js 2,1ss) assemelha-se com Zaqueu, o publicano que acolhe o verdadeiro Israel em caminho para Jerusalém. Publicanos e prostitutas precedem-nos no Reino prometido (Mt 21,31).⁷³

Segundo Isidoro Mazzarolo, "assim como o povo de Deus teve que entrar e atravessar a cidade de Jericó para tomar posse da terra prometida, Jesus também entra e atravessa para tomar posse de sua cidade Jerusalém."⁷⁴

⁷² BRIGTH, J. *História de Israel*, p. 166–167.

⁷³ FAUSTI, S. *Uma comunidade lê o Evangelho de Lucas*, p. 755.

⁷⁴ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 230.

Jesus repete a sua passagem, do mesmo modo que o povo de Israel. Portanto, Jericó representa duas passagens, uma para o povo israelita e outra para Jesus. A passagem de Jesus por Jericó caracteriza o verdadeiro ato de bondade, não mais como posse despótica da terra, como justiça pela hegemonia do poder, mas como um serviço de bondade, acolhimento e salvação. Mazzarolo comenta que “passando por Jericó, Jesus faz a passagem da verdadeira libertação, da implantação da caridade e da misericórdia, através da cura de um cego e da conversão de Zaqueu sendo os arquétipos do *Novo Êxodo*”.⁷⁵ E na casa do publicano salvo, Jesus relata a parábola das minas, dando início à sua subida para Jerusalém (Lc 19,11-27).

2.2 UM HOMEM CHAMADO ZAQUEU

Havia lá um homem chamado Zaqueu... (Lc 19,2a).

Para entender melhor Zaqueu, é necessário compreender o significado do seu nome, pois, na Bíblia, este geralmente simboliza o caráter ou uma importante característica da pessoa.

O nome Zaqueu⁷⁶ tem origem no hebraico Zakkáy ou Zakchaios, cujo nome é formado a partir do elemento Zak, que, literalmente, significa “puro”,⁷⁷ “limpo”, “inocente”, “justo”. Deriva de Zakhah, forma do verbo no passado, o qual se traduz como “ele era inocente, era limpo, era puro, era justo” e se relaciona com o sentido de outras palavras, tais como a árabe dhakhá, que significa “puro”; a aramaica-siríama dekha, que significa “limpo”; ou a acadiana zaku, que significa “puro, brilhante”.

Joseph Fitzmyer descreve também que “Zakchaios é uma forma grega do nome hebraico Zakkáy, ou Zaccai (Ne 7,14; Esd 2,9 [que na LXX é traduzido como Zakchos]), que, igualmente, é encontrado em 2Mac 10,19 como o nome de um oficial do exército de Judas Macabeu, e é frequentemente usado em paralelo com saddíq (“justo”).⁷⁸

⁷⁵ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 231.

⁷⁶ DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. *Zaqueu*, n.p.

⁷⁷ BUCKLAND, A. R.; WILLIAMS, L. *Dicionário Bíblico Universal*, p. 615.

⁷⁸ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas: Vol. IV*, p. 60.

2.3 ZAQUEU ERA RICO

[...] que era rico... (Lc 19,2b).

Na Bíblia, são descritos vários tipos de riquezas que serão abordados no capítulo 5 deste trabalho, como, por exemplo: ser rico para Deus (Lc 12,16-21) e/ou ser rico em bens materiais (Lc 16,19-21).

Qual era o tipo da riqueza de Zaqueu, que o evangelista Lucas refere-se? Será que sua riqueza era fruto de extorsões por cobrar impostos acima do prescrito (Lc 3,12-13)? Ou será que era rico em bens materiais e avarento, como aquele da passagem do pobre Lázaro (Lc 16,19-23); ou era rico honesto, em bens materiais e na fé, abençoado por Deus, como Abraão?⁷⁹; ou também era rico para Deus, conforme Jesus pede em Lc 12,16-21?

Sua profissão de publicano ou cobrador de impostos para os romanos era muito bem remunerada⁸⁰, porém má afamada por supostas cobranças a maior que o prescrito, extorquindo os pagadores de impostos. Neste subcapítulo, estuda-se a pessoa de Zaqueu e as diferentes interpretações do porquê Lucas descreveu-o como rico.

José Pagola interpreta que "Zaqueu era rico porque ele não servia a Deus, mas ao dinheiro".⁸¹ Mesters e Orofino descrevem que ele era um pecador, pois dizem que "sua riqueza vinha da corrupção na cobrança de impostos para os romanos e desviando muito dinheiro para o próprio bolso".⁸² Isidoro Mazzarolo interpreta que "da riqueza de Zaqueu, muito era fruto desonesto, feito com dinheiro desonesto."⁸³ Já Joseph Fitzmyer pondera que "a riqueza de Zaqueu foi obtida, em grande parte, de forma honesta, pois a expressão 'e se defraudei' (Lc 19,8) é uma sinalização de cobrança a mais involuntária e a expressão 'restituo' aponta para sua rígida

⁷⁹ Gn 13, 2 – Abrão era muito rico de rebanhos, de prata e de ouro; Gn 24, 35 - O Senhor cumulou Abraão de bênçãos e tornou-o muito rico: deu-lhe ovelhas e bois, prata e ouro, servos, servas, camelos e jumentos.

⁸⁰ Ver explicações sobre a remuneração dos publicanos judeus no capítulo 5.2.

⁸¹ PAGOLA, J. A. *O Caminho Aberto por Jesus*, p. 312.

⁸² MESTERS, C.; OROFINO, F. *Crescer em Amizade: Uma chave de leitura para o Evangelho de Lucas*, p. 51.

⁸³ MAZZAROLO, I. *Lucas: A Antropologia da Salvação*, p. 234.

honestidade, como seu nome significa 'puro, limpo, inocente, justo'"⁸⁴.

Percebe-se então que existem diferentes interpretações sobre o porquê de Lucas citar que Zaqueu era rico. Essas interpretações vão de que ele era rico porque agia de forma pecadora, com extorsões, sendo desonesto e até de que ele era justo, bem remunerado e honesto. O autor deste livro segue o pensamento de Joseph Augustin Fitzmyer, trazendo argumentos que aumentam a probabilidade da riqueza de Zaqueu ter sido obtida de forma honesta. Outro argumento, aqui colocado por mim, baseia-se na declaração de Jesus: "ele também é um filho de Abraão" ⁸⁵ (Lc 19,9). Pode-se interpretar que Jesus quis fazer uma relação de similaridade de características de riqueza e generosidade entre Abraão e Zaqueu. O patriarca era abençoado, "muito rico" (Gn 13,2; 24,35) e generoso, pois deu o dízimo de tudo ao sacerdote Melquisedec (Gn 14,18-20). Zaqueu também foi abençoado com a salvação, era "rico" (Lc 19,2) e generoso (Lc 19,8). Assim, pode-se entender que Lucas estaria fazendo uma relação da semelhança do status econômico e da conduta de Abraão e de Zaqueu para argumentação de que este seria rico devido a uma alta remuneração, adquirida de forma honesta e comportamento generoso como do patriarca, assim como sendo rico para Deus (Lc 12,16-21).

2.4 ZAQUEU ERA O MAIORAL DOS PUBLICANOS

[...] e maioral dos publicanos (Lc 19,2c).

Os publicanos eram "agentes fiscais que coletavam taxas e impostos para o Império Romano invasor. Eles podiam não estar entre os 'pobres excluídos', mas eram no imaginário de seus contemporâneos ao menos os 'ricos excluídos'" ⁸⁶.

Lucas usa a expressão *architelōnēs* (ἀρχιτελώνης)⁸⁷ para definir a profissão de Zaqueu. Ela vem do grego *archi+telōnēs* e significa maioral ou chefe + publicano. Conforme Luke Johnson, "é a única vez que ela aparece no Novo Testamento. Em todas as outras expressões de publicanos os escritores utilizaram o termo *telōnēs*

⁸⁴ FITZMYER, J. A. *The gospel according to Luke X-XXIV*, p. 1223.

⁸⁵ O significado de "filho de Abraão" é descrito no subcapítulo 2.16.

⁸⁶ BLOMBERG, Craig. *Jesus e os Evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*, p. 193.

⁸⁷ RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 80.

(τελώνης)".⁸⁸ Alguns estudiosos e intérpretes da Bíblia traduzem o *architelōnēs* (ἀρχιτελώνης) de Lucas como *chefe dos publicanos*⁸⁹, e outros interpretam-no como *maioral dos publicanos*⁹⁰. Chefe significa aquele que está investido de poder para ocupar um lugar de mando, de direção⁹¹, de maior autoridade sobre outras pessoas numa organização hierarquizada. Maioral significa o primeiro, o maior, aquele que se distingue dos demais⁹². Caso a interpretação for *chefe*, significa que Zaqueu possuía subordinados para a coleta de impostos de Jericó. Porém, essa probabilidade é remota porque a palavra *architelōnēs*, conforme já citado por Luke Johnson⁹³, só aparece em Lucas, de modo que não foram encontrados registros históricos de coletividades de publicanos na província da Judéia, no tempo do governador Pôncio Pilatos, organizados hierarquicamente sob a chefia de um compatriota. Outro fato aqui estudado é que Zaqueu disse para Jesus: "e se extorqui a alguém, restituo-lhe o quádruplo" (Lc 19,8). Diante dessa declaração, entende-se que a atividade de cobrança era direta entre Zaqueu e os pagadores dos impostos, não existindo subordinados intermediários. Outro argumento que fortalece o fato de que ele era maioral é a dificuldade de Zaqueu, caso fosse chefe, em fazer a restituição quádrupla das extorsões realizadas pelos seus subordinados, que seriam também de sua responsabilidade. Louw e Nida assinalam que: "Também é possível tomar ἀρχιτελώνης no sentido de um principal ou importante cobrador de impostos, e não no sentido de alguém que controlava ou coordenava as atividades de outros cobradores de impostos".⁹⁴ Assim, a maior probabilidade é de que a expressão *architelōnēs* (ἀρχιτελώνης), exclusiva de Lucas, significa que Zaqueu era o maioral entre seus colegas de coleta em Jericó, e não o seu chefe.

Sob essa ótica, o presente livro é desenvolvido levando em consideração que Zaqueu era o "*maioral dos publicanos*" e não o "*chefe*", não possuindo subordinados.

⁸⁸ JOHNSON, L. T. *Il Vangelo di Luca*, p. 252

⁸⁹ BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*; BÍBLIA. *TEB-Tradução Ecumênica da Bíblia*.

⁹⁰ DAVIDSON, F. *O Novo Comentário da Bíblia*, p. 1050.

⁹¹ HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, p. 696.

⁹² HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, p. 1814.

⁹³ JOHNSON, L. T. *Il Vangelo di Luca*, p. 252

⁹⁴ LOUW, J.; NIDA, E. *Léxico: Grego-português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*, p. 515.

2.5 ZAQUEU QUERIA VER JESUS

Procurava ver quem era Jesus (Lc 19,3a).

Lucas não descreve objetivamente o motivo que levou Zaqueu procurar ver quem era Jesus, por isso, existem várias interpretações sobre o desejo do publicano. Uma delas é que Zaqueu procurava ver para saber que tipo de autoridade ou importância Jesus tinha, para reunir tanta gente.⁹⁵ Nesse caso, ele estaria sendo curioso, sem um interesse ou uma importância pessoal definida. Naquele tempo, as personalidades que atraíam multidões de curiosos em sua passagem eram reis, governantes, generais, curandeiros, profetas ou o Cristo, filho de Davi. Um possível entendimento do motivo de Zaqueu é que ele poderia estar esperando o Cristo, caso fosse um dos publicanos batizados por João Batista em Lc 3,15, acreditava que Jesus poderia sê-lo e, por isso, procurava identificá-lo, além da multidão. Então, ele sabia o que estava procurando e tinha grande interesse e importância pessoal em ver Jesus.

Jean-Noel Alletti, que segue essa linha de pensamento, aponta que: “a expressão utilizada (<<procurava ver quem era>>: v.3) pode interpretar-se de forma mais ou menos densa (Jesus como profeta, como messias, etc.)”.⁹⁶ E Jaldemir Vitório esclarece que Lucas não revela a origem do desejo de Zaqueu em querer ver Jesus, mas entende que “não se pode excluir a existência de um sonho longamente acalentado pois, sem dúvida, ‘procurar ver quem é Jesus’ era fundamental na vida de Zaqueu”.⁹⁷

O autor deste livro, que procura argumentar a suposição de que Zaqueu poderia ter sido um dos publicanos que foram batizados por João Batista em Lucas 3,1-14, defende que o desejo do maioral dos publicanos em procurar ver quem é Jesus era para saber se ele era ou não o Cristo, citado em Lc 3,15-17, já que João anteriormente tinha revelado que ele próprio não o era, e disse: “vem aquele que vos batizará com o Espírito Santo e com o fogo” (Lc 3,16). Logo, o meu pensamento sobre

⁹⁵ MAZZAROLO, I. *Lucas: A Antropologia da Salvação*, p. 233.

⁹⁶ ALETTI, J. N. *El arte de contar a Jesucristo: Lectura narrativa del Evangelio de Lucas*, p. 20.

⁹⁷ VITÓRIO S. J. J. “E Procurava Ver Quem Era Jesus...” Análise do sentido teológico de “ver” em Lc 19,1-10, p. 11-12.

o desejo de Zaqueu procurar ver quem era Jesus é semelhante ao de Jean-Noel Aletti e de Jaldemir Vitório, que o publicano sabia quem estava procurando e tinha grande interesse e importância, pois ver Jesus era fundamental em sua vida.

2.6 ZAQUEU ERA DE BAIXA ESTATURA

[...] mas não o conseguia por causa da multidão, pois era de baixa estatura (Lc 19,3b).

O significado que o evangelista quer transmitir como "*ser*" *pequeno na estatura* (τῆ ἡλικίᾳ μικρὸς ἦν) ou "*ter*" *baixa estatura* leva a muitas e diferentes interpretações. Para Joseph Fitzmyer, por exemplo, "os dados sobre a baixa estatura de Zaqueu são de natureza puramente física".⁹⁸ Archibald Robertson, que tem o mesmo entendimento de Fitzmyer, escreve: "Zaqueu era um homem de pequena estatura e as pessoas faziam chacota da sua condição física. Mas Zaqueu não deixou que um problema físico interferisse na sua vida espiritual. Ele queria ver Jesus, por isso subiu num sicômoro".⁹⁹

Para Isidoro Mazzarolo, "a baixa estatura de Zaqueu era psicológica e ética, mais uma questão literária do que física. Essa baixeza não era corporal, mas psicológica, antropológica e espiritual, pois Zaqueu estava naufragado num ambiente de corrupção e não tinha olhos nem coração nem muito menos altura para ver a justiça".¹⁰⁰ Assim, Mazzarolo entende que Lucas apresenta essa baixeza de Zaqueu para mostrá-lo mergulhado na sua própria mediocridade e corrupção.

Segundo Mikeal Parsons, "esta caracterização física se junta com as outras descritas como 'rico' e 'coletor de impostos' para formar a imagem irônica de um Zaqueu '*de pequena estatura moral*' que é traidor, mesquinho e ganancioso".¹⁰¹

⁹⁸ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 61.

⁹⁹ ROBERTSON, A. T. *Comentário Lucas à luz do Novo Testamento grego*, p. 322. In LOPES, H. D. *Lucas: Jesus, o homem perfeito*, p. 549.

¹⁰⁰ MAZZAROLO, I. *Lucas – A Antropologia da Salvação*, p. 235.

¹⁰¹ PARSONS, M. C. '*Short in Stature*': *Luke's Physical Description of Zacchaeus*. *New Testament Studies*, p. 50.

Por outro lado, Benjamin Lappenga interpreta o termo utilizado por Lucas de forma diferente, relacionando com idade, e cita:

Zaqueu não era de baixa estatura física, mas era jovem. A frase que Lucas usa é 'pequena em *hēlikia* (ἡλικία)'. Há alguns casos obscuros na literatura grega onde *hēlikia* poderia ser usado para indicar altura, e Lucas já a usou em outras frases: "E Jesus aumentou em sabedoria e em *anos* [*hēlikia*]" (Lc 2,52); e, "Alguns de vocês se preocupa em adicionar uma única hora à sua *vida* [*hēlikia*]?" (Lc 12,25). Isso chama a atenção, então, para o que Lucas está indicando quando relata: "Ele estava procurando ver quem Jesus é, e não podia por causa da multidão" (Lc 19,3). Uma autoridade rica que é *baixo em estatura* presumivelmente não teria problemas em garantir uma visão de Jesus.¹⁰²

Por sua vez, Lappenga conclui que se Zaqueu é *jovem* ("pequeno em anos"), isso, juntamente com o status de publicano, ajuda a entender por que a *própria multidão se opõe a ele*, considerando-o indigno de estar presente na chegada de um visitante honrado.¹⁰³

Outra hipótese, considerada por mim, está baseada na possibilidade do publicano de Jericó ter sido batizado em Lc 3,12. Essa hipótese será explicada ao longo desta pesquisa. Caso for verdadeira, pode-se interpretar que Lucas quis transmitir na expressão "*pois era de baixa estatura*" é que Zaqueu fazia jus ao significado do seu nome que quer dizer puro, inocente, justo, características semelhantes também as das crianças. Lucas escreve que os discípulos impediam as crianças de aproximarem-se de Jesus (Lc 18,16). Porém, ele permitiu a aproximação delas, revelando que o Reino dos Céus pertence aos que se tornam semelhantes a elas. Na relação dessas passagens de Lucas, as crianças, que são de pequena estatura, inocentes e puras, são impedidas pelos discípulos de ver Jesus, mas ele permite o encontro, assim como Zaqueu era impedido pela multidão, devido a sua baixa estatura, mas Jesus o viu e fez o encontro em sua casa. Assim, estaria sendo

¹⁰² LAPPENGA, B. *Reading in Context: Zacchaeus and the Economics of Salvation*, pp. 1-2.

¹⁰³ LAPPENGA, B. *Reading in Context: Zacchaeus and the Economics of Salvation*, p. 2.

simbolizado na baixa estatura que Zaqueu era manso, humilde, pequenino, semelhante às crianças e respeitoso, pois não usava sua autoridade de publicano para abrir caminho e passar na frente das outras pessoas, pois já teria se convertido. Essas características seriam consequências de seu arrependimento e conversão na hipótese de ter sido batizado por João Batista e ter seguido sua mensagem de praticar caridade e justiça (Lc 3,10-14) para ser “o trigo recolhido no celeiro do Cristo” (Lc 3,17).

2.7 ZAQUEU SUBIU NUM SICÔMORO

Correu então a frente e subiu num sicômoro para ver Jesus que passaria por ali.(Lc 19, 4)

O desejo de Zaqueu em procurar ver quem era Jesus era tão grande que ele, uma autoridade pública (maioral dos publicanos) e pessoa rica, desconsiderou as reações naturais de chacotas, risadas e humilhações que poderia receber da multidão e ousou subir numa árvore, para facilitar seu intento. Lucas não descreve as motivações ou o ânimo que levaram Zaqueu a ter essa conduta anormal e audaciosa para uma pessoa importante. Uma explicação sobre esse ânimo audacioso é que Zaqueu precisava muito saber se Jesus de Nazaré era ou não o Cristo que ele estaria esperando, desde que teria sido batizado por João Batista, há tempo anterior, na região do Rio Jordão, caso ele fosse um dos publicanos presentes em Lc 3,7-17. Por isso, não se limitou a preservar sua autoridade, ignorando futuras críticas, subindo num sicômoro.

O sicômoro '*sycamore*' (συκομορέα) ou *ficus sycomorus* é um tipo de figueira que atinge até 18 metros de altura. A madeira é leve e porosa, e foi utilizada por Salomão (1Rs 10,27; 2Cr 1,15). Ela também foi usada para confecção de sarcófagos egípcios, móveis, caixas e portas. Sua fruta servia de alimento e as folhas foram usadas como curativo para ferimentos.¹⁰⁴ Muitos estudiosos interpretam de formas diferentes o significado do sicômoro neste versículo.

¹⁰⁴ FREEDMANN, D. *Anchor Bible Dictionary*, p. 2.910.

Para J. Lee Magness, "a expressão 'sycamore' (συκομορέαν) não era um sicômoro. *Sycamore* é apenas um transliteração infeliz camuflando 'figueira'".¹⁰⁵ Para ele, a tradução seria *sukomorea*, pois uma leitura do texto grego dessa narrativa revela que a árvore que Zaqueu escalou (*sukomorea*) compartilha uma raiz lexical com o que ele confessou ser um *sukophantes* (fraudador ou extorsor).¹⁰⁶ Então, para Magness, a expressão não era onde Zaqueu estava, mas o que ele era, ou seja, um extorsor.

Para Isidoro Mazzarolo, "a expressão 'sycamore' é uma metáfora".¹⁰⁷ Em sua obra, ele pergunta se Zaqueu mesmo subiu num sicômoro. Havia necessidade de ele subir na árvore? E esclarece sua interpretação:

É preciso aqui entender a metáfora da árvore. Uma criança para ver algo no meio de uma multidão, precisa ser erguida e estar sobre os ombros de seu pai ou sua mãe. Um "anão" precisa de um estrado ou apoio mais elevado a fim de ver algo no meio da massa humana. O sicômoro, árvore presente em Jericó, serve de metáfora para que o "anãozinho ético", chamado Zaqueu, possa ver a luz da verdade e do bem. Assim sendo, o sicômoro para Zaqueu deve ter sido um amigo, um conhecido e alguém que, profeticamente, convidou Zaqueu para conhecer este Homem que fazia coisas maravilhosas.¹⁰⁸

Para Hernandes Lopes, a expressão 'sycamore' é realmente uma figueira que Zaqueu utilizou para solucionar o seu problema de baixa estatura num instrumento para aproximar-se de Jesus.¹⁰⁹ Ele demonstrou pressa para encontrar-se com Jesus. Zaqueu não se importou com sua condição de homem rico. Deixou de lado seu status, seus títulos, sua fama e subiu em uma árvore para ver Jesus. Renunciou à vaidade e ao orgulho. Não se importou com a opinião da multidão e não deu atenção às críticas, zombarias, chacotas ou escárnios.¹¹⁰

¹⁰⁵ MAGNESS, J. L. *Who Cares That it Was a Sycamore? Climbing Trees and Playing on Words in Luke 19.1-10*, p. 1.

¹⁰⁶ MAGNESS, J. L. *Who Cares That it Was a Sycamore? Climbing Trees and Playing on Words in Luke 19.1-10*, p. 1.

¹⁰⁷ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 233.

¹⁰⁸ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 233.

¹⁰⁹ LOPES, H. D. *Lucas: Jesus, o homem perfeito*, p. 549.

¹¹⁰ LOPES, H. D. *Lucas: Jesus, o homem perfeito*, p. 549.

Diante de todas essas diferentes interpretações que foram aqui apontadas, com o objetivo de demonstrar a variedade de conclusões sobre esse relato, o autor deste livro interpreta que a expressão 'sycamore' (συκομορέαν) significa literalmente a figueira sicômoro, conforme pensa Hernandes Lopes, pois a atitude de Zaqueu em subir nela poderia estar motivada pela sua grande curiosidade ou pela sua fé, na esperança de ver, em Jesus, o "Cristo" que não encontrou na pessoa de João Batista em Lc 3,15-17, caso fosse um dos publicanos batizados.

2.8 JESUS VÊ ZAQUEU

Quando Jesus chegou ao local, levantou os olhos e disse-lhe: 'Zaqueu, desce depressa, pois hoje é necessário eu ficar em tua casa' (Lc 19,5).

Jesus vê Zaqueu empoleirado na árvore. Lucas, por sua parte, furta-se de explicar como Jesus sabia da presença de Zaqueu entre os ramos do sicômoro e de onde sabia seu nome. A iniciativa do encontro pessoal foi de Jesus, pois ele veio buscar e salvar o perdido. Walter Liefeld afirma que "o desejo de Zaqueu de ver Jesus foi suplantado pelo desejo de Jesus de vê-lo".¹¹¹ Tendo visto Zaqueu, Jesus "auto convida-se" para uma breve estadia na casa do maioral dos publicanos.

Para Jaldemir Vitória, o "aspecto messiânico do 'olhar' de Jesus é indicado também pela forma verbal *dei* (δεῖ)(é necessário)", cujo uso em Lc 19,5 é intrigante.¹¹² O modo como Jesus dirige-se a Zaqueu indica que existe algo de extraordinário do seu conhecimento sobre ele, embora sem tê-lo visto antes. Jesus chama-o pelo nome e dá-lhe ordens animadoras a respeito de sua estadia. Isso só é

¹¹¹ LIEFELD, W. Luke, *apud* BARKER, K; KOHLENBERGER III, J. *Zondervan NIV Bible Comentary apud* LOPES, H. D. *Lucas: Jesus, o homem perfeito*, p. 550.

¹¹² Lucas usa a forma verbal *dei* (é necessário) 18 vezes, Mt 8 vezes, Mc 6 vezes e Jo 10 vezes. Nos Atos dos Apóstolos, ela é empregada 22 vezes. Quando foi encontrado no templo, discutindo com os doutores, Jesus diz a seus pais: "Não sabíeis que me é necessário ocupar-me com as coisas do meu Pai?" E em Lc 4,43, Jesus afirma ser *necessário* (*dei*) anunciar o evangelho a outras cidades, "pois para isto fui enviado". Sua paixão, morte e ressurreição também se colocam no contexto desse *dei* (Lc 17,25; 24,7), como o próprio ressuscitado explica aos discípulos de Emaús: "Ô insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram! Não era *necessário* (*dei*) que o Cristo sofresse tudo isto e entrasse em sua glória?" (Lc 24,25s). Cf. VITÓRIO S. J. J. "E Procurava Ver Quem Era Jesus...", p. 18.

compreensível num contexto do conhecimento da expectativa, pois Zaqueu recebe as ordens de Jesus e obedece com alegria. Assim, Jesus estaria conhecendo os desejos e a conduta de Zaqueu, de forma messiânica. Vitório conclui que “o conhecer, para Jesus, independe, pois, do ver”.¹¹³

O autor deste livro concorda com Jaldemir Vitório sobre o aspecto *messiânico do olhar* de Jesus, visto que interpreta que o Filho do Homem *já conhecia* Zaqueu e seus desejos, de forma messiânica, e encontrou-o empoleirado no sicômoro, antes do publicano ver “quem era Jesus” (Lc 19,3). Quando Jesus olhou para Zaqueu, chamou-o pelo nome e autoconvidou-se para ficar na sua casa, é interpretado por mim como o momento em que Jesus revelou-se como *messias*, mostrando seu “aspecto messiânico”, conforme já foi citado anteriormente por Vitório. Assim, o publicano, caso estivesse batizado, conforme explicações posteriores nesta pesquisa, teria compreendido, no alto do sicômoro, que Jesus seria o Cristo que ele esperava (Lc 3,15-16).

Fato semelhante ocorreu com Natanael, que foi narrado pelo evangelista João (Jo 1,45-51) e é explicado no subcapítulo 2.20 deste livro.

2.9 ZAQUEU RECEBE JESUS

Ele desceu imediatamente e recebeu-o com alegria (Lc 19,6).

Zaqueu subiu no sicômoro com o desejo de ver quem era Jesus, mas desceu a toda pressa por causa do seu pedido e abriu seu coração e sua casa para recebê-lo.

Para Isidoro Mazzarolo, “Zaqueu atende imediatamente o chamado e desce da árvore e acolhe Jesus (a salvação) em sua casa. Este encontro de Zaqueu e Jesus revela que, não obstante suas riquezas, ele é capaz de fazer do difícil o possível”.¹¹⁴

Segundo Joseph Rius-Camps, “a alegria é sinal aqui de estar em linha com o projeto de Deus sobre o homem. [...] A presença de Jesus implica sempre alegria na

¹¹³ VITÓRIO S. J. J. “E Procurava Ver Quem Era Jesus...” p. 18.

¹¹⁴ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 234.

comunidade que o acolhe".¹¹⁵ Como já citado no subcapítulo anterior, o autor deste livro, levando em consideração a hipótese do batismo do publicano, entende que a pronta obediência de Zaqueu em descer e a sua alegria em receber Jesus estariam sendo motivadas pelo reconhecimento, no alto do sicômoro, de que ele era o Cristo (Lc 3,15-16) que ficaria em sua casa.

2.10 MURMÚRIO CONTRA JESUS

À vista do acontecido, todos murmuravam, dizendo: [...] (Lc 19, 7a) .

Para Joseph Fitzmyer, a "expressão "todos" (πάντες) é uma hipérbole típica do evangelista, também usada nos versículos 3,16; 4,15; 9,11. Observa-se que não há distinção entre os discípulos, outros acompanhantes e moradores locais".¹¹⁶ Assim pode-se interpretar que quem murmurou contra Jesus foram aqueles que o rejeitavam e, além disso, conheciam Zaqueu e rejeitavam os publicanos, como os fariseus e escribas (Lc 5,30; 18,11). Os discípulos, possivelmente, não iriam murmurar contra Jesus e nem conheciam Zaqueu.

O murmurar (διεγόγγυζον)¹¹⁷ contra Jesus é motivado pelo fato dele ter ido a casa de um publicano a quem os fariseus, escribas e outros judeus julgavam pecador por acharem que sua profissão ia contra a vontade de Deus, ou também por julgarem impuro por estar em constante contato com os romanos dominadores. Dessa forma, Jesus e Zaqueu estariam sendo rejeitados. Joseph Fitzmyer revela que "Lucas já havia usado este mesmo verbo διεγόγγυζον nos vv. 5,30 e 15,2 para descrever uma

¹¹⁵ RIUS-CAMPS, Josep. *O Evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre*, p. 287.

¹¹⁶ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas: Vol. IV*, p. 63.

¹¹⁷ O murmurar (διεγόγγυζον) significa falar contra alguém ou algo; maldizer; conceber mau juízo; difamando ou desacreditando; censurando ou repreendendo disfarçadamente em voz baixa. A Bíblia refere-se aos israelitas que tinham o mau hábito de murmurar sempre, especialmente, na época do êxodo: "Todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e Aarão" (Nm 14,2). A murmuração quase sempre objetivava uma reclamação contra Deus: "Até quando esta comunidade perversa há de murmurar contra mim?" (Nm 14,27) . Os escribas e fariseus constantemente aparecem murmurando contra Jesus numa atitude de rejeição (Jo 6,41). Ela revela o baixo nível da espiritualidade do murmurador, a falta de respeito, a falta de sabedoria e a falta de fé. Em Ecl 28,13, há uma maldição contra aquele que murmura: "Maldito o murmurador e o velhaco, porque arruinam a muitos que vivem em paz." Cf. RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 130.

atitude crítica dos fariseus e escribas contra Jesus e seus discípulos".¹¹⁸ Assim sendo, conclui-se que quem murmurou foram fariseus e escribas de Jericó e algumas pessoas que concordavam com eles na rejeição a Jesus e aos publicanos.

2.11 ZAQUEU É ACUSADO DE PECADOR

"Foi hospedar-se na casa do pecador!" (Lc 19,7b)

Zaqueu, o maioral dos publicanos de Jericó, foi taxado de pecador pela multidão murmurante contra Jesus (Lc 19,7).

Em diversas passagens dos evangelhos, os publicanos são colocados junto com pecadores (Mt 9,10-11; 11,18-19; 21,31-32; Lc 15,1-2; 18,9-14).

Segundo João Cândido Barbosa, o evangelista Lucas percebia um equívoco da sociedade de seu tempo, porque via os ricos como pessoas autossuficientes, desinteressadas da religião e/ou "rejeitadas por Deus devido ao pecado da ganância".¹¹⁹ Além disso, os fariseus e escribas acreditavam que comer com publicano, tocar um leproso, comer sem lavar as mãos, tornava a pessoa impura, e qualquer contato com essa pessoa contaminava os outros. Essa crença era originada na interpretação de Lv 19,2, que cita: "Sede santos, porque eu sou santo". Dessa maneira, acreditavam que quem não era puro não podia chegar perto de Deus para receber dele a bênção prometida a Abraão. Por isso, as pessoas "impuras" deviam ser evitadas.¹²⁰ Norman Hillyer entende que "os judeus ortodoxos ficavam ofendidos ainda mais pelo fato de que os publicanos ficavam impuros mediante o contato contínuo com os gentios"¹²¹ Assim, interpreta-se que alguns membros da multidão taxaram Zaqueu de pecador, porque ele era rico por ganância, e/ou impuro por trabalhar para os romanos. Assim também, murmuraram contra Jesus, porque ele estaria fazendo amizade com um pecador, tornando-se impuro.

¹¹⁸ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 63.

¹¹⁹ BARBOSA, J. C. *Espiritualidade e Estilo de Vida*: contribuições éticas, econômicas e sociais a partir do evangelho de Lucas, p. 123.

¹²⁰ MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes, *Sobre o puro e o impuro*, n.p.

¹²¹ HILLYER, N. *Imposto*. Apud COENEN, L; BROWN, C. (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 1.016.

Mas será que o publicano, ao exercer a profissão, coletando impostos para os romanos, estava sendo pecador?

Isidoro Mazzarolo define o pecado da seguinte forma:

O pecado é desumanização, é desconfiguração do ser e deformação do humano, porque fere o primeiro princípio das relações entre semelhantes: é a negação da justiça. Teologicamente, o pecado implica as relações *homem x Deus e homem x homem*, sempre que uma atitude ou pensamento humano estejam implicando o prejuízo do seu próximo (cf. Mt 5,21-48). O *sétimo mandamento* proíbe apropriar-se daquilo que é dos outros: *Não roubarás*. O *décimo mandamento* interdita o desejo de qualquer apropriação indébita: *Não desejarás a casa, as coisas, a propriedade do teu próximo*. Estes desejos, dentro da visão do pecado, são normalmente entendidos como cobiça. Cobiçar é desejar, pretender ou querer aquilo que pertence ao outro. Ao proibir a apropriação indébita e até o seu desejo, os mandamentos estão defendendo o direito de propriedade privada, da posse, da administração e da liberdade de possuir. Tudo o que é dos outros é parte da vida, da história e da identidade deles.¹²²

Naquele tempo, o território de Israel estava invadido e o povo judeu, dominado pelos romanos, era forçado a pagar altos impostos. Para a sociedade teocrática dos judeus, a figura do cobrador de impostos, segundo Joseph Rius-Camps, "ainda que fosse de nacionalidade judaica, era o símbolo do renegado e mercenário a serviço do poder despótico de Roma".¹²³ Assim sendo Lucas, ao citar Zaqueu, como maioral dos publicanos e rico (Lc 19,2), estaria resumindo, na sua pessoa, duas iras da sociedade israelita,¹²⁴ uma sobre a traição que gera impureza e outra sobre a extorsão ao povo. Por isso, estariam taxando-o de pecador.

Porém, quando um publicano agia honestamente, cobrando conforme o prescrito (Lc 3,13), ainda assim não era acolhido pelos fariseus e escribas e, já muito difamado, passava a ser vítima de uma retórica preconceituosa e generalista, sendo rejeitado socialmente e politicamente. Ademais, para justificar essa retórica

¹²² MAZZAROLO, I. *O que é o pecado?* Pecado original, individual, social, mortal, contra o Espírito Santo, pecados capitais, p. 15-16, 54-55, 59-60.

¹²³ RIUS-CAMPS, J. *O Evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre*, p. 285.

¹²⁴ RIUS-CAMPS, J. *O Evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre*, p. 285.

maldosa, também era considerado pecador, porém sem fundamento religioso.

Para esclarecer a questão religiosa na qual a profissão de publicano era ou não pecaminosa, este trabalho apresenta os argumentos a seguir, baseados nas passagens bíblicas de João Batista, Jesus e Paulo, e os contidos no capítulo 4.6.

João Batista era tido como profeta (Lc 7,26) e, por consequência, dava orientações acreditadas pelo povo como vindas de Deus. Nas orientações, em Lc 3,12-13, dadas especificamente para os publicanos, o profeta pede para eles coletarem os impostos dentro dos limites que lhes foram prescritos pelas autoridades tributárias. Conclui-se, então, que João Batista não classifica a profissão como pecaminosa, mas a extorsão quando ocorre a coleta a maior do prescrito.

A simples leitura da famosa ordem de Jesus, "*Devolvei, pois, a César o que é de César*", contida em Lc 20,25, interpreta-se que ele não se posicionou contra a coleta de moedas romanas para o imperador, sendo que quem fazia essa coleta era os publicanos. Jesus também convivia com publicanos e, em nenhum momento, pediu para largarem a profissão por considerá-la pecaminosa. Logo, percebe-se que Jesus não via o publicano como um pecador pela profissão.

Busca-se também o posicionamento de Paulo em sua Carta aos Romanos (Rm 13,7-8). Lá, o apóstolo orienta os seguidores de Cristo a aceitarem os impostos e pagá-los, sem ficar devendo nada a ninguém, a não ser o amor recíproco. Porém, para haver o pagamento, é necessária uma estrutura com coletores. Assim, se pagar impostos não é pecar, então, agir de forma lícita dentro de uma estrutura de coleta também não seria. Logo, interpreta-se que o Apóstolo dos Gentios não definiria a profissão de coletor de impostos como pecadora.

Portanto, Zaqueu, como maioral dos publicanos em Jericó, se coletasse impostos dos judeus para os romanos, conforme o prescrito, não estaria sendo pecador, segundo murmúrio de alguns, mas exercendo um ofício não rejeitado por João Batista, Jesus e Paulo.

2.12 ZAQUEU FICA DE PÉ DIANTE DE JESUS

Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: [...] (Lc 19, 8a).

Joseph Fitzmyer interpreta que “[...] Zaqueu, ao ouvir as murmurações daquela gente, para diante de Jesus, e de pé, fala com ele com a maior deferência”.¹²⁵ Ficar de pé diante de outra pessoa é uma demonstração de respeito. Lucas mostra, na parábola do fariseu e o publicano (Lc 18,9-14), que a posição de pé é a forma de oração no Templo e a posição de ficar diante do Filho do Homem na escatologia (Lc 21,36). Assim, pode-se interpretar que Lucas estaria demonstrando que Zaqueu, com devido respeito e deferência a Jesus, ficou na posição que o vigilante e orante fiel ficará diante do Senhor, para receber a sua redenção no fim dos tempos. Assim, Lucas poderia estar preparando seu leitor ao entendimento de que Zaqueu, ao falar com Jesus, estaria na posição correta, pronto para receber a salvação.

2.13 ZAQUEU CHAMA JESUS DE SENHOR

Senhor, [...] (Lc 19, 8b).

Zaqueu "desejava ver quem era Jesus" (19,3), e a única vez que dirige a palavra, fica de pé e o chama de Senhor (Κύριε). Segundo Jaldemir Vitório, "a passagem de Jesus a Senhor pode indicar um caminho de fé percorrido por Zaqueu paralelamente ao outro caminho físico-corporal, desde o *protrechô* (correr na frente) (v.4) até o *hypodechomai* (acolher como hóspede) (v.6)".¹²⁶ O desejo de Zaqueu, desse modo, é realizado e ele chega a "ver" quem, de fato, é Jesus", ou seja, o kyrios (Κύριε) Senhor.¹²⁷

¹²⁵ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 63.

¹²⁶ VITÓRIO S. J. J. "E Procurava Ver Quem Era Jesus..." Análise do sentido teológico de "ver" em Lc 19,1-10, p. 16.

¹²⁷ O vocábulo kyrios (Κύριε) (Senhor) aparece duas vezes em Lc 19,8. O narrador, em nível metanarrativo, refere-se a Jesus como kyrios – "Zaqueu disse ao Senhor". É a expressão da fé do narrador. A palavra kyrios (Κύριε) é posta na boca de Zaqueu, quando este faz a declaração de sua conversão efetiva (ou porque reconhece Jesus como o Cristo. [Nota do autor deste livro]). "Eis, a metade dos meus bens, kyrie (Κύριε), eu dou aos pobres..." – Dos Evangelistas, Lucas é quem faz uso mais freqüente do vocábulo kyrios – 103 vezes. Mt usa-o 80 vezes, Mc 18 vezes e J o 51 vezes. Lucas

O autor deste livro segue o raciocínio de Jaldemir Vitório e, com objetivo de argumentar que Zaqueu teria sido um dos publicanos em Lc 3,15-17, interpreta que ele chama Jesus de "senhor" (Κύριε)¹²⁸ porque encontrou o Cristo que talvez anteriormente pensasse ser João Batista. O mesmo reconhecimento ocorre com o centurião de Cafarnaum que diz a Jesus: "Senhor (Κύριε), não te incomodes, porque não sou digno que entres em minha casa. Dize, porém, uma palavra, para que meu criado seja curado" (Lc 7,6b-7b). Logo após, Jesus declara que nem em Israel encontrou tamanha fé (Lc 7,9b). E quando regressaram, encontraram o criado que estava doente, em perfeita saúde. A fé do centurião que levou a cura do seu servo pode ser a mesma fé de Zaqueu, que obteve a salvação, pois ambos usaram a mesma expressão Senhor (Κύριε) para falar com Jesus, e ambos foram recompensados pelo seu poder messiânico.

2.14 ZAQUEU DECLARA-SE PARA JESUS

[...] eis que dou a metade dos meus bens aos pobres, e se extorqui a alguém, restituo-lhe o quadruplo (Lc 19,8c).

Lucas escreveu sua obra em grego koiné¹²⁹, que era a língua mais popular no seu tempo. A escrita da declaração de Zaqueu em Lc 19,8c é: "Ἴδὸν τὰ ἡμίσιά μου τῶν ὑπαρχόντων τοῖς πτωχοῖς δίδωμι, καὶ εἴ τις τινός τι ἐσυκοφάντησα, ἀποδίδωμι τετραπλοῦν"¹³⁰. A tradução direta, segundo o Biblehub,¹³¹ e o software de pesquisas bíblicas BibleWorks¹³² é: "eis que dou a metade dos meus bens aos pobres, e se extorqui a alguém, restituo-lhe o quadruplo". Salienta-se neste trabalho que o

tende a colocar a forma vocativa kyrie na boca dos discípulos (cf. 5, 8; 9, 54; 10, 17; 11, 1; 17, 37; 22, 33.38.49), e na boca de não-discípulos (9, 61; 10, 40; 12, 23; 18, 41). Zaqueu (19, 8) coloca-se nesta pequena lista. Lucas, seja nos textos exclusivos seja em textos da tradição reelaborados, refere-se a Jesus como kyrios (cf. 7, 13.19; 10, 1.39.41; 11, 39; 13, 15; 17, 5.6; 18, 6; 19, 8; 22, 61). - O título kyrios diz respeito a Jesus Ressuscitado e é expressão da fé da Igreja no senhorio daquele que o Pai ressuscitou e a quem deu "todo o poder no céu e sobre a terra" (Mt 28,18). Chamar Jesus de Senhor é mover-se no âmbito da fé (cf. A t 2,36; 1 Co 12,3; Rm 10,9; Fl 2,11). Cf. VITÓRIO S. J. J. "E Procurava Ver Quem Era Jesus..." Análise do sentido teológico de "ver" em Lc 19,1-10, p. 16.

¹²⁸ RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 279.

¹²⁹ WITHERINGTON III, B. *História e História do Novo Testamento*, p.18.

¹³⁰ BIBLEHUB/Interlin/Luke/19-8.

¹³¹ BIBLEHUB/Interlin/Luke/19-8/Parallel.

¹³² BIBLEWORKS 10/www.bibleworks.com/download.html.

software BibleWorks apresenta estudos de Lc 19,8 sobre quatorze antigos manuscritos ou códices¹³³ deste versículo, e em todos eles os verbos δίδωμι e ἀποδίδωμι foram escritos, na conjugação do presente do indicativo na primeira pessoa do singular (dou e restituo).¹³⁴

Porém, nas interpretações dessa declaração de Zaqueu, existem diferentes entendimentos entre os estudiosos, que surgem a partir da conjugação dos verbos δίδωμι (dou) e ἀποδίδωμι (restituo). Alguns estudiosos que interpretam que Zaqueu era ganancioso e extorsor contumaz e teve uma súbita conversão, argumentam que a declaração de Zaqueu (Lc 19,8) foi uma resolução¹³⁵ a ser feita no futuro, e por isso forçam o entendimento de que os verbos δίδωμι (dou) e ἀποδίδωμι (restituo) devem ser conjugados no futuro (darei e restituirei), para justificarem sua interpretação. Outros estudiosos interpretam que foi uma declaração de defesa¹³⁶ aos que murmuraram contra Jesus e chamaram o publicano de pecador, revelando ser suas ações habituais, porque entendem que a conjugação verbal deve ser lida na sua tradução direta, ou seja, no presente do indicativo na primeira pessoa do singular (dou e restituo). Desta forma existem também diferentes versões bíblicas sobre a fala de Zaqueu, encontradas no mercado editorial. O autor deste livro fez uma pesquisa em 74 Bíblias nas mais diversas edições, traduções e línguas, sobre a declaração de Zaqueu em Lc 19,8c e constatou que em 27 Bíblias os editores conjugaram os verbos δίδωμι e ἀποδίδωμι como “dou e restituo” no presente do indicativo. Em outras 34 Bíblias os editores conjugaram como “darei e restituirei” no futuro. E em outras 13 Bíblias os verbos foram conjugados em “dou” e “restituirei”, presente e futuro respectivamente. Assim percebe-se que não há uma escrita comum no mercado editorial, pois a maioria das edições bíblicas não são traduções diretas de acordo com os quatorze manuscritos ou códices de Lucas 19,8, estudados no BibleWorks.

¹³³ Os quatorze antigos manuscritos ou códices de Lc 19,8 em grego estudados no BibleWorks 10 são: NA28/UBS4 Greek NT; Westcott-Hort Greek NT; Scrivener Greek NT; Robinson-Pierpont (Byzantine); GA 1141; Sinaiticus; Alexandrinus; Washingtonianus; Vaticanus; Vaticanus Corrector; Bezae; Bezae Corrector; GA 1141 Corrector; Tregelles Greek NT.

¹³⁴ BIBLEWORKS 10/Luke/19/8.

¹³⁵ HAMM, D. *Luke 19:8 Once Again: Does Zacchaeus Defend or Resolve?*, p. 431-437; STORNILO, Ivo. *O Evangelho de Lucas: os pobres constroem nova história*, pp. 167-168.

¹³⁶ FITZMYER, J. A. *The gospel according to Luke X-XXIV*, p. 1220-1221; MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited: Luke 19,8 as a defense*, p. 162.

As diferentes interpretações dos estudiosos e das versões bíblicas editadas afetam substancialmente o significado dessa perícopa. A conjugação no presente do indicativo comunica a atitude usual de Zaqueu para com seus bens e como ele conduz seus negócios, da qual entende-se que ele dá metade dos bens que ganha aos pobres e restitui o quádruplo de qualquer coisa que possa ter extorquido involuntariamente de uma pessoa, agindo de forma habitual. A conjugação no futuro do presente, no entanto, indica a resolução de Zaqueu de adotar a atitude declarada a ser conduzida no futuro.

Segundo Alan Mitchell, "a questão destes debates é se δίδωμι e ἀποδίδωμι devem ser entendidos como futuro do presente ou presente do indicativo"¹³⁷.

Diante desse dilema, Mitchell escreveu seu pensamento com o objetivo de "juntar-se à discussão de Lc 19,8 e sugerir que, na história de Zaqueu, Lucas queria mostrar como a salvação veio a um judeu leal, um filho de Abraão, sem necessariamente implicar que Jesus o via como um pecador".¹³⁸

Lucas, em suas obras, escreve algumas passagens de salvação oferecidas por Jesus, que não são relatadas em outros evangelhos, e pede ao leitor para pensar além do que foi relatado nos três Evangelhos Sinóticos. Um dos casos é a salvação, na última hora, oferecida ao malfeitor crucificado (Lc 23,40-43), porque ele reconhece a justiça que está recebendo, não pede perdão, mas pede para Jesus lembrar-se dele no seu Reino. Jesus lhe responde: "Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc 23,43). No caso de Zaqueu, segundo Alan Mitchell, "Jesus estaria oferecendo a salvação porque ele é um judeu crente e age com generosidade e justiça, e não porque ele mudou repentinamente de coração".¹³⁹ Como o julgamento de "pecador" vem somente da multidão murmurante, pode-se perceber a visão preconceituosa e generalista contra os publicanos nos dias de Jesus. Assim, conclui Mitchell, "a interpretação favorecida aqui, é vista como a defesa de Zaqueu declarando suas ações habituais contra as falsas percepções de seus oponentes, que estão criticando Jesus, principalmente, por se associar a um aparente pária."¹⁴⁰

¹³⁷ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited: Luke 19,8 as a defense*, p. 154.

¹³⁸ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited: Luke 19,8 as a defense*, p. 153.

¹³⁹ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited: Luke 19,8 as a defense*, p. 153.

¹⁴⁰ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited: Luke 19,8 as a defense*, p. 154.

Para Mitchell, "interpretar a declaração de Zaqueu como uma resolução para o futuro, é ler a história de acordo com o estereótipo que Lucas está tentando subverter".¹⁴¹

O fato de Lucas escrever que Jesus justificou Zaqueu ao declarar a salvação de um "filho de Abraão" não é um relato único da história da salvação. Em Lc 13,16, o evangelista narra a cura de uma mulher recurvada por um mau espírito, que Jesus chama de "filha de Abraão". O uso da expressão "filho de Abraão" nas obras de Lucas (Lc 3,8) fornece informações que fortalecem a leitura da afirmação de Zaqueu como uma defesa contra a acusação de pecador. Assim, a ligação de Zaqueu a Abraão, feita por Lucas, mereceria um estudo maior dessa narrativa do que recebe pelos estudiosos bíblicos.

Apesar da maioria da opinião acadêmica, editores, tradutores e revisores bíblicos forçarem a compreensão de que a conjugação verbal de δίδωμι (dou) e ἀποδίδωμι (restituo) seria futuro do presente (darei e restituirei), sinalizando futuras ações prometidas por Zaqueu, para Alan Mitchell,

há razões convincentes para interpretar esses verbos como iterativos, marcando suas ações como habituais, no presente do indicativo. Depois que as preliminares de caráter, lugar e tudo são fixadas, Jesus é explicitamente criticado pelas pessoas que murmuram por ter ido à casa de Zaqueu. A implicação da multidão é retratar Jesus como um pecador por se associar com alguém que é considerado pecador.¹⁴²

Dessa maneira, Zaqueu estaria se defendendo da acusação de pecador, revelando seus frutos de generosidade aos pobres e justiça aos extorquidos e, por consequência, defende a ação de Jesus em hospedar-se em sua casa. Com isso, o objetivo seria contrapor as críticas da multidão. Finalmente, a história termina com a justificação explícita feita por Jesus sobre Zaqueu: "Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão" (v. 9), e uma justificação implícita para a ação de Jesus no pronunciamento do v. 10: "Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que que estava perdido".

¹⁴¹ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited: Luke 19,8 as a defense*, p. 154.

¹⁴² MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited: Luke 19,8 as a defense*, p. 158 .

Seguindo seu raciocínio de defesa, Mitchell explica que “o desafio de Lucas de uma conexão fácil entre publicanos e pecadores dá a Jesus um papel crítico na narrativa, como o defensor (salvador) de Zaqueu”.¹⁴³ Dessa forma, a defesa de Zaqueu levaria o julgamento de seus críticos a uma contradição ao mostrar que sua ação costumeira é marcada pela honestidade, e não pela pecaminosidade. Porém, sem a justificação de Jesus, sua defesa seria ineficaz.

Joseph Fitzmyer procura explicar seu entendimento da conjugação no presente do indicativo, do qual Zaqueu estaria fazendo uma defesa, da seguinte forma:

Em reação ao interesse de Zaqueu, Jesus toma a iniciativa e se auto convida para ficar em sua casa, provavelmente para passar a noite. Jesus não hesita em ficar com um homem rico e não na casa do pobre, na casa do publicano e não na do cidadão comum, na casa do “pecador” e não na casa de um homem íntegro. É lógico que a decisão de Jesus provoque críticas e decepções dos companheiros: “Foi hospedar-se na casa do pecador”, uma acusação que lembra os comentários recolhidos em Lc 5,30 e 7,34. Diante dessas críticas, Zaqueu fica chateado; é possível que ele seja um “pecador”, mas dá aos pobres metade de seus bens e restitui amplamente qualquer extorsão em que possa ver-se implicado. Zaqueu não se humilha, mas também não se exalta (compare-se com a série de qualidades de honestidade pessoal de que se presume o fariseu da parábola anterior (Lc 18,11-12) com a *defesa* digna e respeitosa que o publicano Zaqueu faz de si mesmo).¹⁴⁴

Desse modo, tanto Joseph Fitzmyer como Alan Mitchell entendem que Zaqueu estaria se defendendo da acusação de “pecador” e Jesus estaria justificando sua inocência, pois ele seria “um exemplo do rico que entendeu o significado do ministério e da mensagem de Jesus, e de sua preocupação pelos pobres e defraudados.”¹⁴⁵

¹⁴³ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited: Luke 19,8 as a defense*, p. 162.

¹⁴⁴ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas: Vol. IV*, p. 57.

¹⁴⁵ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas: Vol. IV*, p. 58.

Malina e Rohrbaugh seguem o mesmo raciocínio de Fitzmyer e Mitchell, escrevendo que, como os verbos gregos (δίδωμι e ἀποδίδωμι) estão no tempo presente e significam “eu dou e eu restituo” entende-se que essa compensação é realizada de forma costumeira.¹⁴⁶

Dennis Hamm discorda dessa forma de interpretação, pois entende que a leitura correta seria de súbita conversão e não de defesa. Para isso, alega que a interpretação de que foi uma defesa, “erra em sua leitura de texto e contexto e que a leitura tradicional (que Lc 19,8 é a resolução de um convertido) ainda faz o melhor sentido”.¹⁴⁷ Para ele, “a questão não é tanto como esses tempos presentes devem ser traduzidos, mas como eles devem ser entendidos”.¹⁴⁸ Hamm entende que a compreensão futurista mais natural de ἀποδίδωμι é “estou restituindo” e levaria a declaração como uma resolução para reparar fraudes cometidas no passado, como a leitura mais natural de *esycophantêsa* (extorqui) implica.¹⁴⁹ Alega também que “a ideia de que um cobrador de impostos pudesse defender seu comportamento justo e, ao mesmo tempo admitir lapsos de extorsão parece bastante contraditória”.¹⁵⁰ Porém, aqui, Hamm não está levando em consideração que a avaliação para o cálculo de cobrança de impostos seria uma conta complexa e que poderia ocorrer erros involuntários ou até falsas denúncias sobre o valor do patrimônio a ser taxado. Também está desconsiderando que o próprio Zaqueu, para fazer justiça sobre atos falhos, se autopenitencia com a restituição quádrupla, pois esse comportamento é típico de uma pessoa justa. Portanto, neste caso, não haveria nenhuma contradição.

Além disso, Dennis Hamm argumenta que “se Lucas quer que o leitor veja Zaqueu como um exemplo da forma de ser um filho de Abraão, faz mais sentido que o publicano seja um exemplo do tipo de conversão tratado em Lc 3,7-14 do que ele seja um exemplo de uma pessoa justa que não precisa de conversão tratado em 5,32.”¹⁵¹ Aqui também Hamm, com esse argumento, estaria passando despercebido sobre a possibilidade de que Zaqueu poderia estar em Lc 3,7-14 e ter sido um filho

¹⁴⁶ MALINA, B.; ROHRBAUGH, R. L. J. *Evangelhos Sinóticos: Comentário à luz das ciências sociais*, p. 338.

¹⁴⁷ HAMM, D. *Luke 19:8 Once Again: does Zacchaeus defend or resolve?* p. 432.

¹⁴⁸ HAMM, D. *Luke 19:8 Once Again: does Zacchaeus defend or resolve?* p. 432.

¹⁴⁹ HAMM, D. *Luke 19:8 Once Again: does Zacchaeus defend or resolve?* p. 434.

¹⁵⁰ HAMM, D. *Zacchaeus Revisited Once More: A Story of Vindication or Conversion?* p. 249.

¹⁵¹ HAMM, D. *Zacchaeus Revisited Once More: A Story of Vindication or Conversion?* p. 252.

de Abraão convertido por João Batista. Assim sendo, no encontro com Jesus, ele não estaria precisando de conversão, mas de salvação como qualquer pessoa humana justa ou não, pois era conceituado de “pecador” por preconceituosos em relação à sua profissão. Portanto, os argumentos de Dennis Hamm, de que Zaqueu seria um extorsor intencional e converteu-se subitamente no encontro com Jesus, passando a ser generoso e justo, carecem de uma visão sobre a dificuldade de cobrar impostos com exatidão regulamentar (Lc 3,13) e nem a probabilidade de o publicano ter-se convertido e batizado anteriormente por João Batista (Lc 7,29).

Em continuidade, as argumentações sobre essas diferentes interpretações e para reforçar ainda mais seu entendimento sobre a defesa de Zaqueu, Alan Mitchell rebate Dennis Hamm apresentando “mais evidências para interpretar ἐσυκοφάντεϊν (extorqui) em Lucas 19,8 como significando algo não intencional”.¹⁵² As evidências apresentadas por Mitchell, que buscam reforçar a possibilidade de Zaqueu errar involuntariamente devido a falsas acusações sobre o contribuinte a ser taxado, são os exemplos dos relatos de Marcus Agripa ao povo de Cirene (Ant. 16.6.5 § 170), em que são descritas acusações infundadas de defraudações de judeus que, após julgamento, foram inocentados; e de Josefo contando a história de Jeremias (Ant. 10.7.3 § 114-115), que foi acusado e punido injustamente por falsas acusações de deserção.¹⁵³ Assim, Mitchell procura demonstrar que falsas acusações eram práticas comuns naquele tempo.

Diante dessas diferentes interpretações dos estudiosos de Lc 19,8, o autor deste livro segue o pensamento de Joseph Augustin Fitzmyer, Alan Mitchell, Bruce Malina e Richard Rohrbaugh, o qual se interpreta que Zaqueu estava se defendendo ao declarar ações habituais; e não se convertendo subitamente e tomando uma resolução a ser feita no futuro. Dessa forma, entendo que a tradução dos verbos gregos δίδωμι e ἀποδίδωμι (dou e restituo) deve ser feita na conjugação original dos antigos manuscritos do Evangelho de Lucas em grego koiné, no presente do indicativo na primeira pessoa do singular, sem a necessidade de forçar uma tradução no futuro.

¹⁵² MITCHELL, A. C. *The Use of συκοφαντεϊν in Luke 19,8: Further Evidence for Zacchaeus's Defense*, p. 546.

¹⁵³ MITCHELL, A. C. *The Use of συκοφαντεϊν in Luke 19,8: Further Evidence for Zacchaeus's Defense*, p. 547.

Dando sequência aos estudos desse versículo, lê-se, primeiro, que Zaqueu declarou espontaneamente para Jesus: "eis que dou metade dos meus bens aos pobres" (Lc19,8). Mas por que a doação da metade dos bens aos pobres é considerada um ato de conformidade bíblica, corroborada por Jesus? Quem revelou essa regra para Zaqueu? Não é o homem que "adivinha" ou "descobre" Deus e a sua vontade. Nas interpretações bíblicas, é Deus que se revela ao homem e a sua vontade através do Pai, do Filho, do Espírito Santo, dos anjos e dos profetas. A única revelação de dar metade dos bens aos pobres é compreendida em Lc 3,11, em que o profeta João Batista fala: "Quem tiver duas túnicas, reparta-as com aquele que não tem...". Sob entendimento matemático, isso significa que quem tem duas túnicas, *deve dar a metade* a quem não tem. E caso Zaqueu estivesse no local, poderia ter ouvido e entendido dessa forma; tendo passado a agir desse jeito com todos os seus bens e seus futuros ganhos, seguindo os conselhos do profeta, na esperança de receber uma graça divina, ou "fugir da ira que está para vir" (Lc 3,7)

Também perante Jesus, Zaqueu declara espontaneamente: "e se, extorqui a alguém, restituo o quádruplo" (Lc 19,8). Mas por que restituir o quádruplo? A resposta poderá estar na hipótese de que Zaqueu, um filho de Abraão (Lc 19,9), também poderia ter frequentado a sinagoga de Jericó, para orar (Lc 18,10) e ouvir as escrituras sagradas, guardando os ensinamentos em sua consciência. Assim, animado pela sua fé abraâmica, teria adquirido a sabedoria das escrituras e quando tivesse consciência de ter cobrado de alguém além do prescrito (Lc 3,13), aplicaria a si as punições quadruplicadas contidas em Êxodo e 2Samuel, para ser justo diante de Deus e dos homens. As faltas e suas punições são as seguintes:

Se alguém roubar um boi ou uma ovelha e abater ou vender o animal, deverá indenizar cinco bois por um boi e quatro ovelhas por uma ovelha (Ex 21,37).

Por não respeitar o que pertencia a outro, deverá pagar quatro vezes o valor da ovelha (2Sm 12,6).

Em Ex 21,37, caso o roubo for de um animal de grande porte (boi), a restituição é quádrupla pelo agravante do furto, e caso for de animal de pequeno porte (ovelha),

a restituição é quádrupla. Como as defraudações de Zaqueu, que, possivelmente, ocorriam de forma involuntária, poderiam ser de pequena monta e quando ele as reconhecia, punia-se voluntariamente restituindo o quádruplo ao prejudicado. Outra possibilidade, também, é de que Zaqueu poderia ter o conhecimento do livro do profeta Ezequiel, que diz:

Se este, que deixou de ser ímpio, restituir o penhor que havia tomado de alguém por um empréstimo concedido; se devolver o que furtou, se agir de acordo com as leis e princípios que proporcionam vida e não praticar mal algum, é certo que viverá; não morrerá (Ez 33,15).

A expressão "é certo que viverá; não morrerá" (Ez 33,15) é interpretada por mim como equivalente a "fugir da ira que está para vir" (Lc 3,7) e, conseqüentemente, "herdar a vida eterna" (Lc 18,18). Assim, Zaqueu estaria cumprindo esse mandamento profético numa possível esperança de vida eterna após sua morte terrena.

Por coincidência ou não, os romanos também aplicavam punições quadruplicadas em caso de roubo e defraudação. Segundo Dean Smith, "as penalidades das fraudes fiscais eram bastante graves. De acordo com o Código de Justiniano do séc. VI, a pena por fraude cometida por um coletor de impostos era o reembolso quatro vezes maior e, com frequência, o acusado fugia para evitar o processo".¹⁵⁴

Desse modo, Zaqueu estaria definindo que, se caso defraudasse a alguém, restituía o quádruplo, com base na Lei de Deus e na lei romana, pois era um filho de Abraão e uma autoridade tributária dos romanos.

Para David Ravens, o comportamento de Zaqueu, declarado no versículo 8, possui uma ligação com as palavras de João Batista.

A história de Zaqueu também tem uma reminiscência do Batista, que havia dito aos publicanos para "não cobrar mais do que o prescrito" (Lc 3,13) e aos soldados para "não defraudar ninguém por falsa acusação" (συκοφαντήσητε, Lc

¹⁵⁴ SMITH, D. *Salvation Has Come: The Transformation of Zacchaeus*, p. 20.

3,14). A única outra ocorrência deste verbo no Novo Testamento está nos lábios de Zaqueu (Lc 19.8). Sua afirmação, de que se defraudou alguém de qualquer coisa, ele o restitui ao quádruplo, combina com a palavra do Batista aos soldados com a injunção aos publicanos. É possível que Lucas desejasse que seus leitores viessem a deduzir que Zaqueu foi um dos batizados, mas, mesmo que não seja o caso, o fraseado ainda serve para trazer a apresentação de Lucas do τελωται (publicano) no círculo completo.¹⁵⁵

O autor deste livro, seguindo o alerta de David Ravens sobre a possibilidade de Lucas desejar que seus leitores viessem a deduzir que Zaqueu fosse um dos batizados, defende essa interpretação e, como já citado, entende que os verbos dar e restituir (δίδωμι e ἀποδίδωμι) deveriam ser entendidos e traduzidos de forma direta como presente do indicativo (dou e restituo), no qual Zaqueu *já dava* metade dos bens aos pobres e *já restituía* ao quádruplo aos defraudados, quando houve o encontro com Jesus (Lc 19,6), seguindo o pensamento de Fitzmyer, Mitchell, Malina e Rohrbaugh, já expressos anteriormente. E o autor deste livro também entende que muitos tradutores, atualizadores e editores bíblicos deveriam ser unânimes nas conjugações verbais da fala de Zaqueu para Jesus, conforme os antigos manuscritos, sem forçarem uma conjugação diferente do grego koiné, para dar a entender aos leitores as suas interpretações pessoais, evitando assim a publicação de diferentes conjugações nas traduções, atualizações e edições da Bíblia.

¹⁵⁵ RAVENS, D. A. S. *Zacchaeus: the final part of a lucan triptych?* p. 22 .

2.15 JESUS SALVA ZAQUEU

Jesus lhe disse: 'Hoje a salvação entrou nesta casa, [...]' (Lc 19, 9a).

Após a declaração de Zaqueu, Jesus toma a palavra e salva Zaqueu.

Segundo Joseph Fitzmyer, Jesus está justificando Zaqueu.

A declaração de Jesus: 'Hoje a salvação entrou a esta casa' (v. 9) não é uma revelação de seu poder de perdoar pecados, nem implica que extorsões do passado são canceladas (lembra-se que a declaração de Zaqueu contém uma condição: 'e, se a alguém ...', não 'quando alguém ...'). As palavras de Jesus, dirigidas aos murmuradores, justificam Zaqueu e deixam claro que, até uma pessoa como ele pode encontrar a salvação: "ele também é filho de Abraão".¹⁵⁶

Com base na hipótese da conversão do publicano no encontro com João Batista (Lc 3,12-13), Zaqueu, naquele momento, estaria batizado, era rico em Deus e em bens terrenos, porém estava perdido,¹⁵⁷ por ser taxado de pecador, rejeitado e excluído da comunidade dos filhos de Abraão, pelo preconceito da sua profissão e por ser visto como impuro religiosamente. Ele seguia as orientações do profeta João para "fugir da ira que está para vir" (Lc 3,7), realizando obras de caridade e justiça (Lc 19,8), mas estava angustiado, em dúvida sobre sua salvação. Além disso, pode-se ter a compreensão sobre as palavras de salvação de Jesus e os motivos que levaram o Filho do Homem a procurar e salvar o filho de Abraão, que estava perdido. O "hoje" (σήμερον) dito por Jesus, na hipótese de ter ocorrido o batismo do publicano, pode ser interpretado de modo que, antes a salvação ainda não tinha entrado na casa de Zaqueu, porque, apesar de ter-se convertido ao ouvir João Batista e realizado obras

¹⁵⁶ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 58.

¹⁵⁷ Na hipótese de conversão de Zaqueu ter ocorrido anteriormente no batismo de João Batista (Lc 3,12-13), a palavra "perdido" (ἀπολωλός) em Lc 19-10, é interpretada pelo autor deste livro como sinônimo de "aporia" (ἀπορία): "situação sem saída, sem salvação; angústia", cf. RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 70. Ou então "ficar sem saber, não ter certeza, ficar angustiado, ficar em dúvida", Cf. LOUW, J.: NIDA, E. *Léxico: Grego-português do Novo Testamento*: baseado em domínios semânticos, p. 341.

de caridade e justiça, ou frutos dignos do arrependimento, nem o profeta e nenhum outro homem podem salvar-se pelas suas obras. Quem salva é somente Deus (Lc 18,26-27). Para José Tolentino de Mendonça, "se o povo é chamado, pelo apelo do Batista (Lc 3,4), a preparar-se para a salvação é porque o próprio Deus preparou para todos a salvação, em Jesus".¹⁵⁸ . Assim sendo, entende-se que Zaqueu poderia ter sido anteriormente convertido pelo profeta e "hoje" salvo pelo Cristo, porque era um autêntico filho de Abraão, que praticava caridade (Lc 3,11). Esse "hoje" de Lc 19,9 também é semelhante àquilo que Jesus proferiu para o malfeitor crucificado em Lc 23,43: "Em verdade, eu te digo, hoje (σήμερον) estarás comigo no Paraíso". Para Carlos Mesters e Mercedes Lopes, Lucas revela que "através da fé em Jesus, era possível conseguir a pureza e sentir-se bem diante de Deus sem que fosse necessário observar todas aquelas leis e normas da 'tradição dos antigos'".¹⁵⁹ Ademais, pode-se interpretar que Jesus concede a salvação a Zaqueu, por meio da justificação, porque estaria reconhecendo a caridade e a justiça que ele pratica sendo puro, justo, inocente, como significa seu nome. A salvação de Zaqueu também se poderia equiparar com o fato do pobre Lázaro, que, após morto, foi levado pelos anjos ao seio de Abraão (Lc 16,19-31). Outra forma de salvação a Zaqueu, que se pode interpretar, está relacionada com a passagem do rico notável (Lc 18,18-23), que pede para Jesus sobre o que fazer para herdar a vida eterna. Jesus orienta a vender os bens e dar para os pobres e ele não obedece. Já Zaqueu dá metade dos bens aos pobres podendo, neste caso, a herança da vida eterna ser a salvação que Jesus lhe concede. E mais uma forma da salvação de Zaqueu poderia ser semelhante à promessa que Jesus fez ao malfeitor crucificado (Lc 23,42-43) que pede para ser lembrado quando vier o seu reino.

Nas formas até então descritas, se poderia concluir que Lucas revela que na salvação dada por Jesus a Zaqueu estaria incluso o reconhecimento de sua caridade e justiça (justificação), sendo levado pelos anjos ao seio de Abraão (Lc 16,22), herdando a vida eterna (Lc 18,18-22) e estando com Jesus no Paraíso (Lc 23,42-43).

¹⁵⁸ MENDONÇA, J. T. *A construção de Jesus: a dinâmica narrativa de Lucas*, p. 162.

¹⁵⁹ MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes, *Sobre o puro e o impuro*, n.p.

2.16 JESUS REVELA A ASCENDÊNCIA DE ZAQUEU

[...] porque ele também é um filho de Abraão (Lc 19, 9b).

Joseph Fitzmyer esclarece sua interpretação deste anúncio de Jesus da seguinte forma:

Isso não significa que Zaqueu tornou-se filho de Abraão no sentido espiritual, segundo a expressão de Paulo (cf. Gal 3,7.29; Rm 4,16-17); Jesus quer ficar na casa de Zaqueu, porque se trata de um descendente de Abraão, de um autêntico judeu, com tanto direito à salvação que traz Jesus como qualquer israelita (cf. Lc 13,16).¹⁶⁰

“Os detalhes da história de Zaqueu argumentam a favor de, pelo menos, um papel exemplar para Abraão”¹⁶¹, esclarece Alan Mitchell.

É porque Zaqueu se apropriou do exemplo de Abraão que ele é um verdadeiro filho do patriarca, ao contrário daqueles que reivindicam patrimônio apenas no nome. Sabemos que Lucas traça esta distinção entre filhos autênticos e não autênticos de Abraão a partir do desafio de João Batista àqueles que vêm a ele para o batismo. Ele os exorta a marcar suas vidas por ações e ir além de meramente afirmar: “Temos Abraão como nosso pai” (Lc 3,8).¹⁶²

Para Lucas, os filhos autênticos de Abraão são os israelitas que promovem obras de caridade e justiça para fugirem da ira divina que está para vir (Lc 3,7-9), conforme revelou João Batista. Os filhos não autênticos são os israelitas que, para fugirem da ira divina, apenas dizem que possuem Abraão por pai e não praticam boas obras. Em outras palavras, creem que apenas a descendência lhes dá garantia de salvação e ficam omissos e até preconceituam e excluem os outros que sofrem. Zaqueu é um autêntico filho de Abraão, porque, além da descendência, segue os

¹⁶⁰ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 58.

¹⁶¹ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited*: Luke 19,8 as a defense, p. 168.

¹⁶² MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited*: Luke 19,8 as a defense, p. 168.

conselhos do profeta João, praticando boas obras.

Alan Mitchell procura esclarecer que a ligação entre Abraão e Zaqueu também está na hospitalidade e na justificação pelas obras.¹⁶³

Assim, entende-se que Zaqueu recebeu o cumprimento das promessas feitas a Abraão ao realizar boas obras e oferecer hospitalidade a Jesus em Jericó. Suas ações habituais de generosidade foram reconhecidas como justas por Jesus, que pronunciou a salvação para ele. E Lucas entendeu como um sinal do cumprimento das promessas de Deus ao patriarca Abraão e sua descendência autêntica.

O Quadro 2, a seguir, elaborado por Mitchell,¹⁶⁴ mostra como Lucas adaptou a história de Abraão em Gênesis 18 para adequar-se ao seu propósito ao contar sobre Zaqueu.

Quadro 2

Gênesis 18 - Abraão	Lucas 19 - Zaqueu
18,1: O Senhor aparece a Abraão no carvalho de Mambré. 18,8: Ele entretém seus convidados debaixo de uma árvore.	19,5: Jesus encontra Zaqueu em uma árvore de sicômoro.
18,2: Abraão olha para cima e vê seus visitantes.	19,3: Zaqueu busca ver quem é Jesus 19,5: Jesus levanta os olhos e vê Zaqueu.
18,2: Quando ele os viu, correu para encontrá-los. 18,3: Ele deseja que eles não passem por ele. 18,7: Ele corre para o rebanho.	19,4: Zaqueu corre para uma árvore para ver Jesus que passaria por ali.
18,3: Abraão se dirige ao seu visitante como Senhor.	19,8: Zaqueu chama Jesus de Senhor
18,6: Abraão corre para a tenda.	19,6: Zaqueu se apressa, desce e o recebe com alegria.

Fonte: Alan Mitchel (1990).

Visualizando as duas histórias, Alan Mitchell externa a ação de Jesus explicando: "Porque Zaqueu é um verdadeiro filho de Abraão e cumpre as obrigações

¹⁶³ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited: Luke 19,8 as a defense*, p. 169.

¹⁶⁴ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited: Luke 19,8 as a defense*, p. 170.

dos filhos de Abraão, conforme explicitado por João Batista, Jesus vem a ele e o justifica com a salvação"¹⁶⁵ e conclui que a ligação entre Abraão e Zaqueu está nas suas ações exemplares, dando esmolas e promovendo justiça com as restituições.¹⁶⁶

Também se ressalta que Lucas, ao citar Zaqueu, mostrou o único personagem chamado por Jesus de "filho de Abraão", sendo revelado o seu nome no terceiro evangelho. O outro personagem que Jesus cita como "filha de Abraão", não é revelado seu nome (Lc 13,16). Pode-se entender que o evangelista teve a preocupação de citar o nome, dito por Jesus, porque encontrou, na pessoa de Zaqueu e na sua salvação, o ideal do filho de Abraão que cumpriu as orientações de João Batista (Lc 3,7-17). Assim, Jesus estaria justificando Zaqueu porque estava tendo um comportamento digno do significado de pureza, justiça e inocência que tem o seu nome. E para dar ênfase ao papel soteriológico de Jesus, Lucas estaria procurando dar a entender ao seu ilustre leitor, Teófilo (Lc 1,1-4), que Zaqueu estaria esperando o Cristo (Lc 3,15-17) e agindo como autêntico filho de Abraão (Lc 3,8), pois teria sido discípulo de João Batista. E Jesus revela-se como o Cristo, debaixo do sicômoro, chamando Zaqueu pelo seu nome, autoconvidando-se para ser hospedado e dando-lhe a salvação para toda sua casa, cumprindo as promessas de Deus para Abraão e sua descendência autêntica.

2.17 JESUS REVELA SUA MISSÃO

Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido (Lc 19,10).

Dando continuidade às suas palavras, Jesus justifica o encontro e a salvação de Zaqueu como uma missão pessoal. Conforme Craig Blomberg, "Lucas 19,10 oferece um bem fundamentado resumo de todo o evangelho num só versículo".¹⁶⁷ O versículo 10 contempla um proscrito pela sociedade, contado entre os "perdidos" que se abre à salvação. Contempla também a mensagem salvífica de todo o relato da

¹⁶⁵ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited: Luke 19,8 as a defense*, p. 174.

¹⁶⁶ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited: Luke 19,8 as a defense*, p. 175.

¹⁶⁷ BLOMBERG, C. L. *Jesus e os Evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*, p.194.

viagem de Jesus a Jerusalém, e mesmo de todo o Evangelho lucano.¹⁶⁸ Jesus, ao autodenominar-se Filho do Homem, evoca o profeta Daniel (Dn 7,13-14) que revelou ser este título a outorga de um poder, uma honra, um domínio eterno e um reino que jamais será destruído, dado a “um homem que ultrapassa misteriosamente a condição humana”¹⁶⁹. E ao dizer que veio procurar e salvar o que estava perdido, Jesus evoca, em clara alusão, o oráculo de Ezequiel, onde o próprio Iahweh apresenta-se, fazendo-o nos seguintes termos:¹⁷⁰

Com efeito, assim diz o Senhor Iahweh: Certamente eu mesmo cuidarei do meu rebanho e dele me ocuparei. (Ez 34,11)

Buscarei a ovelha que estiver perdida, reconduzirei a que estiver desgarrada, curarei a que estiver fraturada e restaurarei a que estiver abatida... Eu as apascentarei com justiça. (Ez 34,16)

...eu mesmo trarei salvação ao meu rebanho, de modo que não sejam mais saqueadas. (Ez 34,22)

Para Robert Karris: “Assim como Deus se apresentou como um pastor em Ezequiel 34,11-12, Jesus busca por perdidos para serem salvos. Deste modo Lucas sintetiza sua visão de Jesus, o pregador da misericórdia de Deus,”¹⁷¹ e conclui a perícopes mostrando sua missão escatológica e messiânica, salvando Zaqueu em Jericó, “restaurando a ovelha abatida” (Ez 34,16), para dar o seguimento final a respeito do Filho do Homem, em Jerusalém, cumprindo tudo o que foi escrito pelos Profetas (Lc 18,31). E Lucas também mostra que Jesus, mesmo estando crucificado em Jerusalém, nos últimos momentos antes da morte, continua com sua missão de salvador e revelador da misericórdia de Deus, prometendo ao malfeitor crucificado, que estará, ainda naquele dia, com ele no Paraíso (Lc 23,40-43). Na comparação entre as perícopes de Lc 19,1-10 e Lc 23,39-43, poder-se-ia interpretar que Lucas estaria mostrando igual salvação de Jesus para Zaqueu e para o malfeitor crucificado, que seria estar com Cristo no Paraíso.

¹⁶⁸ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 58.

¹⁶⁹ BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*, Nota de rodapé, p.1.568.

¹⁷⁰ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 58.

¹⁷¹ KARRIS, R. *O evangelho segundo Lucas*, p. 288.

Joseph Fitzmyer descreve que “esta perícopé não pode ser lida sem suas nuances ressonantes e alusões a ideias expressadas em outros textos do Evangelho de Lucas, como a pregação ética de João Batista (Lc 3,10-14)”.¹⁷² A compreensão do caso de Zaqueu é complexa ao leitor de Lucas, pois se o seu evangelho é para dar esperança aos pobres e o publicano é citado como rico (πλούσιος), então surgem algumas dúvidas: onde estaria a pobreza daquele rico? E, na possibilidade de ser benevolente e justo, por que estaria perdido (ἀπολωλός)?

No presente estudo, entende-se que sua pobreza seria a exclusão social por tratarem-no como impuro religioso, devido à sua profissão. Já a sua situação de perdido seria a sensação de angústia, sem ter a certeza da salvação, semelhante a uma *ovelha abatida* (Ez 34,16), por ser tratado como pecador, mesmo sendo caridoso e justo. Assim, estaria colocando toda sua esperança somente no Cristo que ainda não tinha encontrado (Lc 3,15-17). Em outras palavras, o autor deste livro procura dar um entendimento diferente da maioria dos intérpretes de Zaqueu que consideram a palavra perdido (ἀπολωλός) como sinônimo de pecador, e sim, como sinônimo de angustiado, abatido, incerto sobre sua salvação.

A hipótese de que Zaqueu seria um discípulo, batizado por João Batista (Lc 3,7-17), estaria sendo reforçada pelos versículos 19,9-10, em que Jesus declara a salvação de Zaqueu, justificando-o como herdeiro legítimo de Abraão, apesar da maneira como os outros veem-no como “pecador” e legitima sua própria missão de salvar aquele que está perdido ou “excluído, abatido e angustiado”. Independentemente do que diga ou mostre sobre si mesmo aos outros, Zaqueu, mesmo sendo batizado, generoso e justo, estaria “perdido” e seria “pecador” na visão daquela sociedade, pois, sem Jesus, ele seria incapaz de fazer um convencimento adequado de sua vida honesta. Conforme Joseph Fitzmyer, Zaqueu “é um exemplo do rico que entendeu o significado do ministério e da mensagem de Jesus, e de sua preocupação pelos pobres e defraudados”.¹⁷³ Porém, esse entendimento e preocupação por parte de Zaqueu só são bem entendidos se ele estivesse nas margens do Jordão em Lc 3,3-17, ouvindo e seguindo João Batista, visto que Lucas não revela outra situação que Zaqueu poderia ter obtido o conhecimento de fazer

¹⁷² FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 58.

¹⁷³ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 58.

aquilo que disse para Jesus em Lc 19,8. Assim, entende-se melhor que Zaqueu, se fosse convertido por João Batista, estaria agindo conforme revelação de um profeta e desejando ver o Cristo. E Jesus respondeu a esse desejo escatológico, encontrando-o e hospedando-se na sua casa, ouvindo-o e dando-lhe a salvação, porque seria um autêntico descendente de Abraão, caridoso, justo e puro, digno do significado do seu nome.

2.18 INTERPRETAÇÃO DE LC 19,1-10 NA HIPÓTESE DE ZAQUEU TER SIDO SEGUIDOR DE JOÃO BATISTA

Para análise desta interpretação, deduz-se que Zaqueu, o publicano, estaria presente em Lc 7-17, junto às multidões. Conforme já citado anteriormente, David Ravens escreve: “É possível que Lucas desejasse que seus leitores viessem a deduzir que Zaqueu foi um dos batizados[...]”¹⁷⁴

Para melhor esclarecimento desta interpretação são citadas a seguir as passagens de Lc 3,2-3 e 3,7-17, em que Lucas narra as ações de João Batista, antes do batismo de Jesus no Rio Jordão.

²Sob o pontificado de Anás e Caifás, a palavra de Deus foi dirigida a João, filho de Zacarias, no deserto. ³E ele percorreu toda a região do Jordão, proclamando um batismo de arrependimento para a remissão dos pecados. (Lc 3,2-3)

⁷Ele dizia às multidões que vinham para serem batizadas por ele: “Raça de víboras! Quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? ⁸Produzi, então, frutos dignos do arrependimento e não comeceis a dizer em vós mesmos: ‘Temos por pai a Abraão’. Pois eu vos digo que até mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão! ⁹O machado já está posto à raiz das árvores; e toda árvore que não produzir bom fruto será cortada e lançada ao fogo”. ¹⁰E as multidões o interrogavam: “Que devemos fazer?” ¹¹Respondia-lhes: “Quem tiver duas túnicas, reparta-as com aquele que não tem, e quem tiver o que comer, faça o mesmo”. ¹²Alguns publicanos também vieram para ser batizados e disseram-lhe: “Mestre, que devemos fazer?” ¹³Ele disse: “Não deveis exigir nada além do que vos foi

¹⁷⁴ RAVENS, D. A. S. *Zacchaeus: The Final Part Of A Lucan Triptych?* p. 22.

prescrito". ¹⁴Os soldados, por sua vez, perguntavam: "E nós, que precisamos fazer?" Disse-lhes: "A ninguém molesteis com extorsões; não denunciéis falsamente e contentai-vos com o vosso soldo". ¹⁵Como o povo estivesse na expectativa e todos cogitassem em seus corações se João não seria o Cristo, ¹⁶João tomou a palavra e disse a todos: "Eu vos batizo com água, mas vem aquele que é mais forte do que eu, do qual não sou digno de desatar a correia das sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. ¹⁷A pá está em sua mão; limpará a sua eira e recolherá o trigo em seu celeiro; a palha, porém, ele a queimará num fogo inextinguível". (Lc 3,7-17)

A possibilidade de Zaqueu ir até as margens do Jordão para ouvir e ser batizado por João Batista é plenamente viável, pois Jericó fica apenas oito quilômetros do rio. E a tradição diz que o local do batismo de Jesus também fica nessa região.¹⁷⁵

Assim, pode-se deduzir que Zaqueu, junto com outras pessoas, inclusive soldados, teria ido ao encontro de João Batista, nas margens do Jordão (Lc 3,3), próximo a Jericó, para ser batizado, pois tinha temor a Deus (Lc 3,10) e tinha expectativa da vinda do Cristo (Lc 3,15). Também possuía esperança da salvação para a vida eterna (Lc 3,17).

Zaqueu, naquele encontro de batismo (Lc 3,7), teria se arrependido para remissão de seus pecados (Lc 3,3), e teria ouvido as seguintes orientações do profeta, para agir de acordo com a vontade Deus (Lc 3,2), e "fugir da ira que está para vir" (Lc 3,7).

- a) Deveria produzir frutos dignos do arrependimento, e não apenas dizer consigo mesmo que tem por pai a Abraão, sem fazer boas obras. (Lc 3,8).
- b) Se tivesse duas túnicas, deveria reparti-las (dar a metade) com aqueles que não tem (aos pobres) e se tiver o que comer, deveria fazer o mesmo (Lc 3,11).
- c) Como publicano, não deveria exigir nada além do que foi prescrito (extorquir) (Lc 3,13).
- d) Que os soldados não deveriam molestar ninguém com extorsões, nem

¹⁷⁵ Atualmente, Qasr el Yahud é o lugar apontado como local do batismo de Jesus. Nas margens do Rio Jordão, ele fica apenas 8 km de Jericó. Cf. WIKIPEDIA. *Batismo de Jesus*, n.p.

74 | Zaqueu e a salvação dos ricos

denunciar falsamente e contentar-se com o seu soldo (Lc 3,14). Então Zaqueu entendeu que ele, como publicano, além de não extorquir ninguém também deveria contentar-se com a remuneração prescrita.

e) Que o próprio João Batista não seria o Cristo pois batizava com água. Mas viria alguém mais forte que o profeta e que batizaria com o Espírito Santo e com o fogo (Lc 3,16). E Zaqueu guardou em seu coração a fé e a esperança de vê-lo um dia e ser salvo por ele.

Reforçando ainda mais essa hipótese, Jesus afirma em Lucas 7,28-30, que os publicanos proclamaram a justiça de Deus, recebendo o batismo do profeta João. Zaqueu, que poderia ser um desses publicanos batizados, iniciaria sua caminhada de fé e obras, tornando-se seguidor das orientações de João e continuaria seu ofício de cobrador de impostos para os romanos na cidade de Jericó. Daquele dia em diante passaria a produzir os "*frutos dignos do arrependimento*"(Lc 3,8) dando metade dos seus bens aos pobres (Lc 3,11) e continuaria dando o que ganharia no futuro. Não exigiria nada além do que foi prescrito (Lc 3,13) e, se extorquisse alguém involuntariamente (Lc 3,14), restituiria voluntariamente o quádruplo, reconciliando-se com seu próximo, sem necessidade de o prejudicado entregá-lo ao juiz¹⁷⁶. Porém, pouco tempo depois do início dessa caminhada de fé, João Batista foi morto a mando de Herodes (Lc 9,9) e, mesmo agindo com generosidade e justiça, como autêntico filho de Abraão, os fariseus, escribas e outros judeus estariam julgando-o como pecador (Lc 19,7), excluindo-o do convívio social (Lc 15,1-2), por trabalhar como publicano, numa atividade dita como desprezível que tornaria a pessoa impura, segundo as regras das autoridades religiosas judaicas.

Diante destes percalços de sua vida, Zaqueu estaria sentindo-se perdido (Lc 19,10), angustiado, sem ter certeza da sua salvação, como uma ovelha desgarrada pelo rebanho (Lc 15,4-6) e abatida (Ez 34,16), porém mantendo seu comportamento generoso, pois estaria mantendo a expectativa de encontrar o Cristo (Lc 3, 15-16). Naquele momento, pode-se entender que Zaqueu estaria praticando as três virtudes teológicas descritas pelo apóstolo Paulo em sua Primeira Carta aos Coríntios (1Cor 13,13) que são: a fé, a esperança e a caridade. Ele estaria tendo fé em Deus e no

¹⁷⁶ SMITH, D. *Salvation Has Come: The Transformation of Zacchaeus*, p. 20.

Cristo, tinha a esperança da salvação para a vida eterna e praticava a caridade, dando metade dos bens aos pobres.

Tempos depois, quando Jesus aproxima-se de Jericó e cura um cego (Lc 18,35-43), Zaqueu, euforicamente, procura ver quem é esse homem (Lc 19,3), possivelmente o Cristo, com tamanho desejo que, impossibilitado pela multidão e agindo com humildade sem abrir passagem como autoridade, corre a frente e chega a ter a coragem de subir num sicômoro (Lc 19,4). E, para sua grande surpresa, é Jesus que o vê, chama-o pelo seu nome e autoconvida-se para ficar em sua casa (Lc 19,5). Naquele momento, Zaqueu reconhece, em Jesus, o Cristo esperado, desce depressa e acolhe-o com alegria (Lc 19,6). Porém, os fariseus, escribas e outros judeus, participantes da multidão, passaram a murmurar contra Jesus, alegando que ele fora hospedar-se na casa de um pecador (Lc 19,7). E Zaqueu, ouvindo essa acusação, fica de pé e defende-se declarando para Jesus que é generoso e justo (Lc 19,8), conforme orientação de João Batista, porém sem nominar o profeta. Em seguida, Jesus justifica Zaqueu declarando a todos que, naquele dia, a salvação definitiva chegou à casa dele, pois ele era um autêntico filho de Abraão que pratica boas obras, como orientou João Batista, porém, também, sem citar o nome do profeta (Lc 19,9). E para fortalecer a justificação de Zaqueu e revelar quem está justificando-o, Jesus declara que ele próprio é o Filho do Homem (Dn 7,13-14), que cumpre uma revelação divina e messiânica, conforme profetizou Ezequiel (Ez 34,16 e 34,22), dizendo que veio procurar e salvar o que estava perdido (Lc 19,10). Outro argumento para a interpretação que Jesus justificou Zaqueu é porque o publicano não seria pecador impuro, mas estaria fazendo jus ao seu nome que significa: puro,¹⁷⁷ limpo, inocente, justo.¹⁷⁸

¹⁷⁷ BUCKLAND, A. R.; WILLIAMS, L. *Dicionário Bíblico Universal*, p. 615.

¹⁷⁸ DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. *Zaqueu*, n.p.

2.19 INTERPRETAÇÃO DE LC 19,1-10 NA HIPÓTESE DE ZAQUEU NÃO TER SIDO SEGUIDOR DE JOÃO BATISTA

Também, para complementar este trabalho, será feita uma breve exposição sobre a hipótese de Zaqueu não ter sido batizado em Lc 1,7-17, com objetivo de se fazer uma melhor compreensão da perícopa de Lc 19,1-10. Caso Zaqueu não estivesse presente nas margens do Jordão, surge uma questão no evangelho de Lucas que não responde a pergunta já feita no subcapítulo 2.14: quem poderia ter revelado a Zaqueu que dar metade dos bens aos pobres é mandamento divino para ser salvo pelo Cristo? Como já expressei, na Bíblia, quem revela a salvação preparada por Deus e seus mandamentos é o Pai, o Filho, o Espírito Santo, anjos e profetas. Lucas não cita quem dessas pessoas revelou as regras para Zaqueu, em forma de mandamento divino, que justificam a salvação. Estudiosos tentam explicar essa questão com argumentações pessoais, sem referências de revelação divina ou profética.

Um exemplo é Rinaldo Fabris, que cita "O compromisso do funcionário do fisco, de dar metade dos bens aos pobres e restituir o quádruplo às pessoas logradas, supera toda prescrição e costume religioso e social".¹⁷⁹ Contudo, o teólogo não explica quem orientou Zaqueu para essa superação única na Bíblia. Outro exemplo é Silvano Fausti que faz um brevíssimo comentário sobre a decisão de Zaqueu: "Vai além do exigido na Lei (Lv 5,20-24)".¹⁸⁰ Este teólogo italiano é outro estudioso que também não esclarece quem revelou a orientação de dar a metade dos bens aos pobres. E assim seguem os estudiosos de Lucas tentando explicar a regra dita por Zaqueu (Lc 19,8), antes de Jesus lhe salvar, no entanto, sem comentar a fonte divina ou profética que revelou essa regra ao publicano. Porém, a interpretação de que Zaqueu poderia estar presente entre os batizados por João Batista em Lc 3,7-17 visa responder essa questão no evangelho de Lucas, buscando argumentar que foi o profeta quem revelou a regra seguida pelo publicano de Jericó.

O objetivo de apresentar essa forma interpretativa é mostrar supostamente que a conversão de Zaqueu não teria sido um súbito momento no encontro com

¹⁷⁹ FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*, p. 183.

¹⁸⁰ FAUSTI, S. *Uma comunidade lê o Evangelho de Lucas*, p. 759.

Jesus, como procuram entender muitos estudiosos bíblicos. Lucas estaria revelando, na pessoa de Zaqueu, uma caminhada de fé, que teria iniciado no encontro com João Batista, que "*preparava o caminho do Senhor*" (Lc 3,4). A seguir, esse caminho foi trilhado por Zaqueu na esperança e na caridade, e culminou no Senhor Jesus Cristo encontrando-o e salvando-o (Lc 19,9).

2.20 CONSEQUÊNCIAS DAS DIFERENTES INTERPRETAÇÕES

As diferentes interpretações sobre o fato de Zaqueu, no encontro com Jesus, ter tido uma súbita conversão e tomar uma resolução de caridade e justiça para ser realizada no futuro ou ter realizado uma defesa por já estar sendo caridoso e justo, passam a dar diferentes entendimentos sobre o comportamento das pessoas, durante a leitura ou evangelização sobre a passagem de Jesus e Zaqueu. Para compreender-se melhor as consequências desses diferentes entendimentos, faz-se a seguinte pergunta: o que poderá entender uma pessoa atual sobre a esperança da sua salvação e qual poderá ser seu comportamento cristão, quando ler ou lhe for ensinada a passagem de Jesus e Zaqueu? A resposta para essa pergunta depende da sua interpretação pessoal ou do ensino que o evangelizador lhe transmite.

Caso a pessoa atual interpretar ou o evangelizador lhe ensinar que Zaqueu procurava ver quem era Jesus e converteu-se num encontro de súbita união mística¹⁸¹ com o Cristo e que somente depois começou a realizar de obras de caridade e justiça, então, com essa interpretação ou explicação a pessoa atual poderá entender que a sua salvação parte do princípio que deve, primeiro, procurar ver quem é Jesus e ficar na espera de um futuro encontro místico transformador, como Zaqueu estaria em cima do sicômoro. Entenderá que, no futuro, quando Jesus encontrá-la de forma mística e tocá-la com a Graça Divina é que ocorrerá a sua súbita conversão e, a partir desse evento, começará a fazer boas obras. Poderá entender que não precisa converter-se no

¹⁸¹ "O progresso espiritual tende à união sempre mais íntima com Cristo. Esta união recebe o nome de 'mística', pois ela participa no mistério de Cristo pelos sacramentos –'os santos mistérios'- e, nele, no mistério da Santíssima Trindade. Deus nos chama a todos a esta íntima união com Ele, mesmo que graças especiais ou sinais extraordinários desta vida mística sejam concedidas apenas a alguns, em vista de manifestar o dom gratuito feito a todos nós". Cf. CATECISMO da Igreja Católica, num. 2014.

presente, por livre arbítrio e iniciar obras de bondade, mas esperar que Jesus encontre-a, ficando apenas na expectativa, procurando ver quem é Jesus. Em outras palavras, dentro dessa interpretação, a pessoa atual poderá entender que enquanto Jesus não a encontrar e não a tocar com uma graça mística, ela não precisa converter-se, assim, não precisa fazer obras dignas do arrependimento, pois o ato inicial de sua mudança deve vir de Jesus, e não do seu livre arbítrio.

Esse processo não é coerente com o que ensinou João Batista, descrito em Lc 3,7-14, em que o profeta ensina que, para fugir da ira que está para vir, a pessoa deve, em primeiro lugar, arrepender-se e produzir frutos dignos do arrependimento, como a generosidade e a justiça, de forma pessoal e livre. Também não é coerente nem com o que ensinou o próprio Jesus aos seus ouvintes, sobre livremente e primeiramente, amar os inimigos (Lc 6,27), fazer para os outros aquilo que gostaria que os outros fizessem para si (Lc 6,31), amar o próximo como o bom samaritano (Lc 10,30-37), estar vigilante para o retorno inesperado de seu Senhor (Lc 12,35-40; 21,34-36), ser um administrador fiel e prudente, aguardando a vinda imprevista do Senhor (Lc 12,42-45), estar produzindo bons frutos e não ser uma figueira estéril (Lc 13,6-8) e estar cuidando de pobres tipo Lázaro (Lc 16,19-29), para, depois, receber a recompensa divina, num futuro encontro com o Salvador (Lc 19,9; 23,42-43).

Caso a pessoa atual interpretar ou o evangelizador lhe ensinar que Zaqueu realizou uma caminhada de fé ou “progresso espiritual”¹⁸², iniciado com seu arrependimento e conversão pessoal, tendo continuado com obras de caridade e justiça, frutos de sua fé e esperança na vinda do Cristo, seu Salvador, antes do encontro com Jesus, e que, nesse dia, fez uma defesa contra a acusação de pecador, tendo, após, sido salvo por sua já praticada conduta de caridade e justiça, então, com essa interpretação ou explicação, a pessoa atual poderá entender melhor que deve, primeiro, arrepender-se dos seus pecados e iniciar obras dignas do arrependimento, como a caridade e a justiça, por livre iniciativa, depositando sua fé e esperança de salvação cristã num futuro encontro salvífico com Jesus. Expresso em outros termos, deverá permanecer caridoso, justo, vigilante e prudente na espera do seu Senhor Salvador. Assim, poderá entender melhor que quem inicia a caminhada da salvação é a própria

¹⁸² Cf. CATECISMO da Igreja Católica, num. 2014.

pessoa, por meio do seu arrependimento e conversão de maneira livre, depositando sua fé e esperança num futuro encontro definitivo com Jesus Cristo. Esse processo está coerente com o que ensinou João Batista e o próprio Jesus, conforme passagens descritas no parágrafo anterior.

Essa forma de buscar uma interpretação dentro de um processo coerente com todo o Terceiro Evangelho, entende-se melhor que Lucas quis mostrar ao seu ilustre leitor Teófilo, que a conversão e a prática de bondade e justiça de Zaqueu iniciou-se antes do encontro com Jesus, aumentando ainda mais a probabilidade de que, naquele momento, ele já era puro, limpo, inocente e justo, como significa seu nome, fazendo uma defesa diante da acusação de pecador, feita por aqueles que murmuram contra Jesus, e que foi justificado com a salvação promovida pelo Filho do Homem, por ser um autêntico filho de Abraão.

2. 21 SIMILARIDADES NOS ENCONTROS DE JESUS COM NATANAEL E COM ZAQUEU

O poder messiânico de Jesus em ver e conhecer Zaqueu mesmo nunca tendo havido um encontro anterior, conforme descreve Lucas, é também descrito de forma semelhante pelo evangelista João, no encontro de Jesus com Natanael. A seguir, é citada a passagem de

Jo 1,45-51, da *Bíblia de Jerusalém*, para análise comparativa dessas passagens.

⁴⁵ Felipe encontra Natanael e lhe diz: "Encontramos aquele de quem escreveram Moisés, na Lei, e os profetas: Jesus, o filho de José de Nazaré". ⁴⁶ Perguntou-lhe Natanael: "De Nazaré pode sair algo de bom?" Felipe lhe disse: "Vem e vê". ⁴⁷ Jesus viu Natanael vindo até ele e disse a seu respeito: "Eis verdadeiramente um israelita em que não há fraude". ⁴⁸ Natanael lhe disse: "De onde me conheces?" Respondeu-lhe Jesus: "Antes que Felipe te chamasse, eu te vi quando estavas sob a figueira". ⁴⁹ Então Natanael exclamou: "Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel". ⁵⁰ Jesus lhe respondeu: "Crês, só porque te disse: 'Eu te vi sob a figueira'? Verás coisas maiores do que estas". ⁵¹ E lhe disse: "Em verdade, em verdade, vos digo: Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem". (Jo 1,45-51)

O evangelista João descreve que Natanael era uma pessoa que esperava o Messias, Filho de Deus (Jo 1,49) e Felipe lhe disse que ele foi encontrado. Mesmo que Natanael não tenha acreditado, devido à identificação de Jesus com a pequena localidade de Nazaré, Felipe convidou-o para ir e ver, e ele concorda. Naquele momento, pode-se entender uma situação similar de Natanael com a situação de Zaqueu que procurava ver quem era Jesus (Lc 19,3), possivelmente, para saber se era ou não o Messias, mas era impedido pela multidão. Portanto, ambos os personagens, Natanael e Zaqueu, querem um encontro com Jesus para tirar suas dúvidas sobre ele ser ou não ser o Messias. Natanael segue Felipe e Zaqueu corre à frente e sobe num sicômoro (Lc 19,4), que é uma espécie de figueira.

João descreve que Jesus antecipa o seu "ver" para com Natanael (Jo 1,47) como também Lucas descreve que Jesus antecipa seu "ver" para com Zaqueu (Lc 19,5). A seguir, em João, Jesus revela quem é Natanael citando: "Eis verdadeiramente um israelita em que não há fraude" (Jo 1,47). Em Lc 19,9, Jesus também revela quem é Zaqueu, ao referir: "Ele também é um filho de Abraão". Nesses dois conhecimentos sobrenaturais de Jesus, há uma equivalência entre Natanael e Zaqueu, porque os conceitos étnicos e teológicos de *"verdadeiramente um israelita em que não há fraude"* possuem a mesma relação com um autêntico *"filho de Abraão"*. Para a etnia judaica, o termo *israelita* designa um descendente de Israel, segundo nome dado a Jacó (Gn 36,10). Como Jacó/Israel é neto de Abraão, todo o israelita é etnicamente descendente de Abraão e designado *filho de Abraão*. Neste caso, Natanael e Zaqueu seriam descendentes de Jacó/Israel e de Abraão. Para a teologia, os termos ditos por Jesus *verdadeiro israelita em que não há fraude* e *filho de Abraão* são conceitos idênticos dados para aqueles que são descendentes de Abraão, Isaac e Jacó, creem no Deus desses patriarcas (Ex 3,6), obedecem às leis ditas por Moisés (Dt 4,1-14) e fogem da ira divina praticando boas obras (Lc 3,8). Nesses conceitos teológicos, a expressão *"verdadeiro israelita em que não há fraude"* significa que Natanael era um judeu autêntico, sem falsidades ou defraudações. Essas características de Natanael são sinônimas do significado do nome de Zaqueu, ou seja, justo, puro, limpo, inocente.

Outra similaridade é a localização dos personagens quando Jesus os viu. Jesus disse que viu Natanael sob uma figueira e viu Zaqueu empoleirado também

numa figueira (sicômoro). Estar junto a uma figueira tem um simbolismo bíblico espiritual. Segundo Craig Blomberg,

“como explicação se diz que o assento sob uma figueira era com frequência um lugar de oração. Porém, talvez, sejam mais significativas as passagens a respeito da era futura, uma era de benção, em que cada israelita se sentará em paz sob a própria figueira (1Rs 4,25; Mq 4,4; 1Mc 14,12), sendo que ao menos uma delas se apresenta num contexto aparentemente messiânico (Zc 3,10)”.¹⁸³

Dessa forma, pode-se interpretar que tanto Natanael quanto Zaqueu, juntos a figueiras, estavam num momento propício, prontos para receberem uma revelação messiânica, uma benção e ficarem em paz.

A seguir, João narra que Natanael pergunta a Jesus de onde ele o conhecia. A resposta de Jesus foi: “antes que Felipe te chamasse, eu te vi quando estavas sob a figueira” (Jo 1,48). Essa resposta surpreendente foi o sinal sobrenatural pelo qual Natanael reconhece com alegria que o Nazareno é “o Filho de Deus, o Rei de Israel” (Jo 1,49). De forma similar, pode-se entender que Jesus revelou-se como o Cristo para Zaqueu, que estava em cima da figueira, dando-lhe um sinal sobrenatural, chamando-o pelo seu nome e autoconvidando-se para ficar em sua casa (Lc 19,5). Então, Zaqueu, conforme sua expectativa, entende o sinal sobrenatural e reconhece Jesus como o Cristo (Lc 3,15-17), desce depressa e recebe-o com alegria (Lc 19,6).

Seguindo a narrativa, João descreve que Jesus responde a Natanael dizendo: “Crês, só porque te disse ‘Eu te vi sob a figueira’? Verás coisas maiores... vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem” (Jo 1,50-51). Nessa declaração, Jesus proclama-se Filho do Homem e faz uma analogia relacionada com o sonho de Jacó, descrito em Gn 28,12-15, revelando que Natanael verá essa glória no juízo divino.

Segundo Johan Konings, “no tempo de Jesus acentuava-se muito que este Filho do Homem tinha autoridade para proferir o juízo em nome de Deus. João reforça isso: Jesus tem o poder de outorgar, com o juízo, a vida eterna (Jo 5,26-27)”.¹⁸⁴ Lucas

¹⁸³ BLOMBERG, C. *Jesus e os evangelhos; uma introdução aos estudos dos quatro evangelhos*, p. 286.

¹⁸⁴ KONINGS, J. *João: o evangelho do amor de Deus*, p. 18.

também narra uma declaração similar de Jesus para Zaqueu ao dizer: "Hoje a salvação entrou nesta casa... Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido". (Lc 19,9-10). No caso de Zaqueu, Jesus também estaria declarando a sua salvação no juízo divino.

A similaridade das declarações de Jesus para Natanael e para Zaqueu está na revelação do seu poder escatológico no juízo final, como Filho do Homem, para o qual o céu se abre e anjos de Deus sobem e descem (Jo 1,51) e do seu poder de salvador para a vida eterna.

Assim, percebe-se o poder messiânico de Jesus de conhecer antes de ver, narrado pelos evangelistas João e Lucas, com similaridade para Natanael e Zaqueu. Natanael tornou-se discípulo de Jesus e seguiu-o até depois da ressurreição (Jo 21,2). Quanto a Zaqueu, Lucas não revela qual foi seu caminho, após o encontro com Jesus. Uma diferença é que Natanael conheceu Jesus no início de seu magistério e Zaqueu conheceu-o no final, pouco antes de sua crucificação. Essa análise comparativa descrita neste subcapítulo visa dar ênfase ao argumento de que Zaqueu era uma pessoa honesta, tinha fé na expectativa da vinda do Cristo, tinha esperança de vida eterna e praticava caridade, antes do seu encontro com Jesus, assim como era Natanael, um verdadeiro israelita, autêntico filho de Abraão, em que não há fraude.

2.22 MIDRASH DE LUCAS NA PERÍCOPE DE ZAQUEU

O *midrash* desta perícopa é a busca e a investigação para entender que as promessas feitas por Deus a Abraão e sua descendência (Gn 22,16-18) cumprem-se na pessoa de Jesus. Lucas estaria mostrando que Jesus cumpre as promessas de Deus, contidas no Antigo Testamento ao salvar Zaqueu, porque este produz frutos dignos do arrependimento (Lc 3,8), sendo merecedor da salvação prometida para Abraão e seus descendentes. Dessa forma, entende-se que Lucas procurou formular um *midrash* neotestamentário no modelo promessa-cumprimento.¹⁸⁵ Assim sendo, percebe-se que Lucas também teria investigado os livros veterotestamentários para

¹⁸⁵ SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 9.

escrever nesta perícopa, com objetivo de atualizar a Escritura e mostrar a solidez dos ensinamentos que seu ilustre leitor, Teófilo, tinha recebido (Lc 1,3-4). Entre os modelos de *midrash*, pode-se citar:

Primeiro: Lucas narra a travessia de Jesus por Jericó (Lc 19,1), onde cura um cego (Lc 18,42) e salva um rico (Lc 19,9), buscando relacionar com a passagem do povo de Israel, no Antigo Testamento (Js 6,1-27), onde, sob comando de Josué, destrói a cidade e mata seus habitantes. Ao citar também que, em Jericó, havia um homem chamado Zaqueu, que era generoso e justo, Lucas mostra a existência de um filho de Abraão em contraposição a Josué, que massacrou Jericó e, do mesmo modo, era descendente de Abraão.¹⁸⁶ Assim, Jesus, seus discípulos e Zaqueu estariam representando o Novo Povo na Nova Aliança, onde houve cura, generosidade, justiça e salvação, em substituição a Josué e o povo israelita que provocaram destruição e matança, num *midrash* do modelo inserção-substituição e de oposição/contraposição.¹⁸⁷

Segundo: ao narrar o encontro de Jesus (Senhor) com Zaqueu num sicômoro, ir até sua casa e ser recebido com alegria (Lc 19,5-6), Lucas relaciona o encontro de Iahweh (Senhor) com Abraão no carvalho de Mambré e ser hospedado com muita reverência (Gn 18,1-8). Lucas também narra que Zaqueu fica de pé diante de Jesus e chama-o de Senhor (Lc 19,8), relacionando com o idêntico comportamento de Abraão diante de Iahweh (Gn 18,3; 8). Esse *midrash* de Lucas estaria relacionado com a busca da confirmação que Jesus é Iahweh (Senhor) e que Zaqueu é um íntegro descendente de Abraão, digno merecedor da salvação.

Terceiro: quando Lucas descreve a generosidade de Zaqueu em dar metade dos seus bens aos pobres (Lc 19,8a), também está buscando relacionar a generosidade de Abraão que deu o dízimo de tudo ao sacerdote Melquisedec (Gn 14,20), narrando um *midrash halakhah*.¹⁸⁸ Assim, Lucas narra um comportamento ético sobre o proceder com os bens materiais, no seu evangelho, mostrando a produção de atos generosos de Zaqueu semelhantes aos atos de seu ancestral Abraão, narrados na Torá.

¹⁸⁶ Josué era filho de Num da tribo de Efraim, que era neto de Abraão. (Ex 33,11; Nm 11,28; 13,8-16).

¹⁸⁷ SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 9.

¹⁸⁸ CHARPENTIER, E. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 38.

Quarto: Lucas contempla outro *midrash halakhah*, relacionando as leis e as punições do Antigo Testamento com a aplicação no tempo do Novo Testamento, escrevendo que Zaqueu *se extorquiou alguém, restitui o quádruplo* (Lc 19,8). Essa atitude está relacionada com as normas contidas em Ex 22,1 e 2Sm 12,6, em que é determinado que o extorsor deve restituir o quádruplo do dano.

Quinto: em Lc 19,9, verifica-se a existência de mais um *midrash*. Ao narrar que Jesus anunciou dizendo: "Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão", Lucas está buscando a relação com Gn 18,10, no qual o hóspede (Senhor) de Abraão anunciou que sua esposa Sara, que já era estéril, teria um filho. Para Abraão, o anúncio de um filho é a garantia da sua descendência, prometida por Deus em Gn 26,4, e Zaqueu seria uma confirmação do cumprimento dessas promessas, ditas pelo próprio Deus na pessoa de Jesus. Outro estudo é o fato de o hóspede (Senhor) fazer o anúncio para Abraão (Gn 18,10) e o hóspede Jesus (Senhor) fazer o anúncio para Zaqueu (Lc 19,9), o que está relacionado com o *midrash* do messianismo de Jesus (Dt 18,15; 2Sm 7,16; Is 9,5-6). Assim, Lucas faz um *midrash* confirmativo, pois ele busca relacionar às Escrituras para confirmar a proclamação do Kérigma de Jesus.¹⁸⁹

Sexto: quando a multidão murmura dizendo que Zaqueu seria um pecador (Lc 19,7) e Jesus contrapõe afirmando que a salvação entrou na sua casa, porque ele também é um filho de Abraão (Lc 19,9), significa que Lucas narra um *midrash* modelo oposição/contraposição. Para reforçar o argumento desse *midrash*, essa expressão pode ser relacionada com a seguinte comparação que Jesus poderia ter dito aos murmurantes: "Vocês dizem que ele é um pecador, *eu porém vos digo*: 'hoje a salvação entrou nesta casa porque ele também é um filho de Abraão'", sendo que "a contraposição aparece através de antítese".¹⁹⁰

Sétimo: no último versículo, Lucas descreve que Jesus revela sua missão ao dizer: "Porque, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido" (Lc 19,10). A expressão "o Filho do Homem", já citado anteriormente, remonta a Dn 7,13-14 que trata sobre aquele que, com poder e honra, reinará eternamente. Também o

¹⁸⁹ MUNÓZ, L. *Deras, los caminos y sentido de la palabra...*, apud SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 5.

¹⁹⁰ SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 9.

“procurar e salvar o que estava perdido”, tem relação com Ez 34,16 e 34,22, onde o “Senhor Iahweh *buscará* a ovelha perdida” e “*trará salvação* ao seu rebanho”. Como é o “Senhor Iahweh” que busca e salva no Antigo Testamento, Lucas demonstra que Jesus, ao declarar que veio “procurar e salvar” o que está perdido, está reivindicando a própria autoridade messiânica e divina, formulando mais um *midrash* confirmativo.¹⁹¹

Segundo Raimundo Sousa, “[...] o *midrash* (*darash*) é todo um conjunto de passos que proporciona ao exegeta o meio para que possa entender, com maior clareza, o modo e a forma com que os hagiógrafos neotestamentários leram e compreenderam as Escrituras”.¹⁹² Assim, percebe-se o caminho percorrido por Lucas para compor seu Evangelho, bem como a perícopé exclusiva de Zaqueu. Esse caminho longo e árduo é descrito no prólogo (Lc 1,3-4). Vê-se, então, que a acurada investigação de Lucas não se limitou apenas aos fatos vividos por Jesus, mas também foi uma profunda pesquisa nos livros que compõem a Torá, promovendo vários modelos de *midrashim*. Por isso, o ilustre Teófilo, a quem Lucas dedica seu livro, também poderia verificar a solidez dos ensinamentos que recebeu, comparados aos fatos narrados pelo evangelista, observando que as promessas divinas contidas nos antigos escritos sagrados cumprem-se na pessoa de Jesus que, nesta perícopé, salva Zaqueu por ser um autêntico filho de Abraão.

¹⁹¹ SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 9.

¹⁹² SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 9.

3. ESTUDOS DOS ENSINAMENTOS

Como este trabalho está focado no exemplo de Zaqueu e a salvação dos ricos, o capítulo, a seguir, busca estudar os ensinamentos que se obtêm na compreensão das mensagens contidas nas obras de Lucas que se referem exclusivamente a essas pessoas de muitas posses. Primeiramente, há uma análise da pedagogia lucana que está perceptível aos ricos, em Atos dos Apóstolos. Depois, é analisado o aprendizado idêntico do encontro, tanto do pobre cego como do rico publicano, com Jesus em Jericó. E, por último, procura-se aprender sobre o que Lucas quer ensinar aos ricos por meio do exemplo de Zaqueu.

3.1 OS ENSINAMENTOS DE LUCAS

Segundo José Comblin, Lucas escreveu o Evangelho para dar esperança da salvação aos pobres e como havia um número significativo de ricos que queriam ser cristãos, já nas primeiras comunidades, então escreveu, para eles, o Atos dos Apóstolos.¹ Como já citado, o destinatário das obras de Lucas é Teófilo, que recebe a deferência de *ilustríssimo ou excelentíssimo* (κράτιστε)² em Lc 1,3. Por dirigir suas obras de forma respeitosa e com consideração, é possível que Teófilo fosse um "alto funcionário"³ e, conforme François Bovon, possa ter sido o financiador da cópia de vários exemplares, gozando de muitos recursos financeiros.⁴

Sob análise teológica e socioeconômica, é difícil imaginar que Lucas teria escrito suas obras para levar esperança da salvação divina unicamente para pessoas pobres. Naquele tempo, o custeio de produção de uma obra literária e suas cópias eram muito elevados. Por isso, os autores dedicavam suas obras também para pessoas ricas que custeavam a publicação e as cópias, e Lucas não devia ser rico. Então, Lucas, após escrever o Evangelho para dar esperança da salvação aos pobres, doentes, pecadores e excluídos, pode ter-se preocupado com Teófilo, a elite e outros

¹ COMBLIN, J. "Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos", p. 2.

² LOUW, J.: NIDA, E. *Léxico: Grego-português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*, p. 657

³ BIBLIA DE JERUSALÉM. Nota de rodapé de Lc 1, letra c, p. 1.786.

⁴ BOVON, F. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 204.

abastados, que já faziam parte das primeiras comunidades cristãs, motivando-se a escrever Atos dos Apóstolos para eles.

José Comblin explica esse entendimento com o seguinte argumento:

O interesse pelos ricos e o destaque que eles recebem no livro dos Atos percorre-o por inteiro, a começar pela visão idílica da primeira comunidade em Jerusalém. Nessa comunidade, onde havia tanta comunhão, fraternidade, e possivelmente também muitos pobres, Lucas cita apenas três nomes (todos de pessoas ricas): Barnabé, Ananias e Safira, porque quer exortar e advertir os ricos, aos quais se destina o livro.⁵

Das três pessoas ricas da primeira comunidade cristã, Lucas cita, como bom exemplo de participação comunitária, a atitude de Barnabé que vendeu um campo e depositou o dinheiro aos pés dos apóstolos (At 4,36-37). A seguir, cita, como mau exemplo, o casal de ricos, Ananias e Safira, que vendeu uma propriedade e entregou aos apóstolos somente parte do valor, mentindo que era o todo. Logo, foram advertidos e morreram pela sua mentira, fraude e tentação contra o Espírito Santo. (At 5,1-10).

A seguir, em At 9,36-41, Lucas cita o nome da discípula Tabita, em Jope, que era rica em boas obras e em esmolas, que adoeceu e morreu. Em seguida, Pedro reavivou-a. Para José Comblin, "parece evidente que Lucas aproveita o milagre de Pedro para dar uma lição aos ricos".⁶ Mais adiante, Pedro ficou por mais tempo hospedado na casa de um curtidor, que, provavelmente, não era pobre e Lucas cita seu nome que era Simão (At 10,43). Após citar Tabita e Simão, o nome seguinte é de Cornélio, centurião romano. Como era grande autoridade, obviamente era muito bem remunerado e, portanto, rico. Cornélio também foi um exemplo de pessoa rica que Lucas exaltou por sua bondade, sua fé, sua caridade e a lembrança de Deus (At 10,1-4). O evangelista também lembra do procônsul de Pafos, Sérgio Paulo, que abraçou a fé depois de ver um prodígio de Paulo contra o mago Élimas (At 13,6-12), por ser alta autoridade romana, é sensato crer que um procônsul fosse uma pessoa rica.

⁵ COMBLIN, J. "Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos", p. 3.

⁶ COMBLIN, J. "Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos", p. 4.

Na sequência de Atos dos Apóstolos, Lucas narra os fatos acontecidos em Antioquia da Pisídia, onde a pregação de Paulo e Barnabé teve muita adesão à fé, com a presença de mulheres de alta posição. Isso provocou uma revolta dos líderes judeus e os apóstolos foram expulsos da cidade (At 13,50). Essa reação ocorreu, certamente, porque Paulo conseguiu converter algumas pessoas notáveis da elite. É possível que, se a conversão ocorresse apenas com algumas pessoas pobres, essa revolta não teria acontecido, pois são os ricos que causam maior impacto na liderança da sociedade. Assim, Lucas vai demonstrando que os apóstolos também iam convertendo ricos e o resultado desse trabalho causava maiores repercussões.

A narração seguinte ocorre em Filipos, onde Paulo encontra um grupo de mulheres e Lucas cita o nome de apenas uma delas. Trata-se de Lídia, que era rica comerciante de púrpura, um item muito precioso. Lucas narra que ela converteu-se, foi batizada e hospedou os pregadores cristãos em sua casa (At 16,14-15). O evangelista continua sua narração escrevendo que Paulo e Silas, chegando a Bereia, foram muito bem acolhidos na sinagoga local, citando mulheres da alta sociedade (At 17,12).

Estes são os exemplos de que Lucas concentra sua preocupação nos Atos dos Apóstolos, pelas pessoas ricas e da alta sociedade, enquanto destinatárias da evangelização. José Comblim procura explicar essa posição de Lucas na seguinte maneira:

Se nos perguntarmos por que o livro evoca tanto pessoas ricas, particularmente mulheres, a resposta pode ser esta: porque Atos foi escrito para elas, as pessoas ricas, e particularmente às mulheres de alta sociedade que participavam da vida cristã".⁷

Lucas também deve ter-se inspirado no grupo de mulheres ricas, composto por Maria Madalena, Joana, Suzana e várias outras, descritas no seu Evangelho (Lc 8,3), que acompanhavam Jesus e seus doze discípulos, "e providenciavam o necessário para que eles fossem recebidos e mantidos".⁸ As novas cristãs,

⁷ COMBLIN, J. "Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos", p. 6.

⁸ DAVIDSON, F. *O Novo Comentário da Bíblia*, p. 1038.

seguidoras de Jesus pela pregação dos apóstolos, deviam perguntar-se a respeito de serem cristãs e ricas ao mesmo tempo, e Lucas, preocupado com elas, procurou dar as respostas no livro dos Atos dos Apóstolos.

Lucas faz muitos relatos em Atos, dando importância especial ao dinheiro, pois é uma linguagem que facilita o entendimento para os ricos. Por exemplo, o primeiro conflito interno da Igreja, que Lucas narra, refere-se à questão do esquecimento da distribuição diária para as viúvas helenistas (At 6,1). Já em At 8,18-24, Lucas narra o episódio do mago Simão que ofereceu dinheiro para os apóstolos no intuito de ter também o poder de impor as mãos. Lucas não descreve fatos significativos de Paulo no livro dos Atos, que ocorreram em Éfeso, como a escrita de importantes cartas, o combate à oposição de outros apóstolos, inclusive que fora preso. Mas utilizou dez versículos para narrar a conversão de um grupo de judeus intelectuais que queimaram os seus livros de magia, calculando-se que o valor chegava a cinquenta mil moedas de prata (At 19,11-20).⁹ No relato seguinte, ocorrido também em Éfeso, no templo de Artêmis, onde havia grande comércio de objetos religiosos dedicados a deusa, Lucas narra a reclamação dos prejuízos que os comerciantes passaram a ter e o motim destes contra o apóstolo Paulo. Mais uma vez, o tema é o dinheiro, pois, com a pregação de Paulo, a profissão dos artesãos e comerciantes ficou ameaçada economicamente com a conversão de muitos seguidores de Artêmis ao cristianismo (At 19,23-40). Como já descrito anteriormente, os ricos entendem melhor por meio da linguagem econômica e não deixa de ser significativo que Lucas se interesse por narrar fatos que envolvem a queda do comércio religioso de um templo pagão decorrente da pregação do apóstolo Paulo.

Na primeira comunidade cristã de Jerusalém, um dos principais comportamentos econômicos baseava-se na partilha dos bens (At 2,44-45; 4,32-37). Essa forma de lidar com o dinheiro em comunidade deveria causar muita estranheza e incompreensão para os ricos que queriam seguir Jesus. Como precisavam de explicações e exemplos, Lucas refere os casos de Barnabé, Ananias e Safira, usando relatos que envolvem dinheiro.

⁹ COMBLIN, J. "Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos", p. 7.

Para esclarecer sobre a partilha dos bens, José Comblin explica que consistia na esmola:

Trata-se de vender bens relevantes e dar o arrecadado à comunidade. Lucas aponta aos ricos o caminho da esmola. Porém, não se deve entender *esmola* no sentido atual da palavra. Hoje dar esmola é dar parte insignificante da riqueza, que em nada altera a vida de quem a oferece. No caso de Barnabé ou de Ananias, trata-se de verdadeiro sacrifício".¹⁰

Os ricos eram motivados a fazer doações significativas, convertendo valores de vida material individual para valores do amor em comunidade. Na primeira das duas passagens de referência em Atos, anteriormente citadas, que mostram o modo de partilha dos primeiros cristãos de Jerusalém, Lucas descreve que "todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um" (At 2,44-45). Na segunda passagem, é descrito que: "Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum [...]. De fato, os que possuíam terrenos ou casas, vendendo-os, traziam os valores das vendas e os depunham aos pés dos apóstolos. Distribuía-se então, a cada um, segundo a sua necessidade" (At 4,32b; 34-35).

Barnabé, que vendeu um terreno e depositou o dinheiro aos pés dos apóstolos (At 4,36-37), é o exemplo que Lucas usa para ensinar aos ricos o comportamento correto. Por suposição de sustentabilidade econômica, Barnabé deveria possuir mais bens além daquele terreno como uma casa, outro terreno produtivo, animais e bens de uso pessoal, necessários à sua sobrevivência e da comunidade, que não pôs à venda e nem doou.

Para melhor entendimento da realidade que acontecia nessa primeira comunidade cristã, José Comblin esclarece que:

As fórmulas famosas: "punham tudo em comum" (4,32), "tudo partilhavam" (2,44), não devem ser tomadas em seu sentido rigoroso, ao pé da letra.

¹⁰ COMBLIN, J. "Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos", p. 7.

Igualmente é preciso relativizar as fórmulas genéricas: "Vendiam as suas propriedades e os seus bens para repartir o dinheiro" (2,45), "os que possuíam terrenos ou casas, vendendo-os, traziam os valores das vendas, e os depunham aos pés dos apóstolos" (4,34-35). Essa generalização trata-se de fórmula de retórica."¹¹

Seguindo essa interpretação, Córdula Langner esclarece da seguinte maneira:

Lucas vê claramente que, em última análise, é mais adequado e eficiente que os ricos não deem tudo e fiquem pobres e carentes, mas é melhor que apoiem e subvençionem solidaria e permanentemente a comunidade, com seus bens e ganhos, segundo suas possibilidades próprias e reais, como praticava a primeira comunidade em Atos. Fazer o possível e atuar segundo as próprias possibilidades, sublinha também a parábola das minas (Lc 19,11-27). Não importa a quantidade, e sim, empenhar-se a fundo e dar o possível".¹²

É possível interpretar em At 2,44-45 e 4,32b; 34-35, que Lucas não quis explicar um modelo socioeconômico, mas ressaltar o desapego à propriedade privada desnecessária e seu compartilhamento numa comunidade de amor ao próximo, aumentando a esperança da salvação. O mundo da economia possui dois elementos essenciais que são: a *produção* e a *distribuição* dos bens e serviços que necessita-se para sobreviver. Lucas, nestas perícopes, só relata a forma de doação e distribuição do dinheiro, fruto da venda dos bens. Como não relata a forma de produção, não está descrevendo um sistema econômico. Então, é possível concluir que a venda das propriedades, dos bens, terras e casas, descritas por Lucas não seria desfazer-se de tudo o que possuíam, mas se trataria da venda dos bens que lhes eram desnecessários. Em outras palavras, a venda seria dos bens que "*não precisavam*" e a posterior distribuição do dinheiro para os membros da comunidade sob gestão dos apóstolos, que davam a cada um, conforme a sua necessidade. É sensato entender que os bens necessários e essenciais para subsistência e para o

¹¹ COMBLIN, J. "Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos", p. 7.

¹² LANGNER, C. *Evangelio de Lucas Hechos de los Apóstoles*, p. 211.

trabalho não poderiam ser vendidos, mas mantidos como propriedade do detentor original, que não os consideraria como exclusivamente seus, mas usaria, faria a gestão e compartilharia com quem precisasse.

Clara evidência do entendimento de que a venda total não seria a regra geral está na análise das propriedades do apóstolo Pedro. Lucas menciona que Pedro possuía uma casa (Lc 4,38) e um barco (Lc 5,3) antes de seguir a Jesus. Em seguida, após o convite de Jesus, Pedro e outros discípulos deixaram tudo e seguiram-no (Lc 5,11; 18,28). A palavra grega ἀφέντες (deixar) usada nessas passagens é diferente das palavras gregas ἐπίπρασκον e πωλοῦντες (vender) usadas em At 2,45 e 4,34, respectivamente. A palavra ἀφέντες significa "deixar que algo seja colocado para trás em determinado lugar – 'deixar, deixar para trás'".¹³ Já ἐπίπρασκον e πωλοῦντες significam "transferir a posse de uma propriedade ou prestar serviços em troca de dinheiro ou outro valor - vender".¹⁴ Estudando essas palavras usadas por Lucas, entende-se que Pedro não vendeu (trocou por dinheiro) a sua casa e seu barco, mas parou de usufruí-los, deixando-os para trás, para começar uma nova vida de peregrinação, seguindo Jesus. Possivelmente, o barco foi deixado para seus familiares ou aos sócios de outro barco (Lc 5,7) e a casa foi deixada para sua família (Lc 4,38), sem a desvinculação da propriedade. Outro detalhe a ser considerado sobre a destinação da propriedade do barco de Pedro, e que pode reforçar a ideia de que ele não vendeu, é a análise da passagem de Jo 21,3. Após a ressurreição de Jesus (Jo 20,1-31), Pedro e alguns discípulos estavam à margem do lago de Tiberíades. Então, "Simão Pedro lhes disse: 'Vou pescar'. Eles lhe disseram: 'Vamos nós também contigo'. Saíram e subiram ao barco e, naquela noite, nada apanharam" (Jo 21,3). Apesar de João não revelar de quem era o barco, a iniciativa de pescar parte de Pedro, de forma individual, dando maior entendimento de que ele seria o dono do barco. A seguir, os outros acompanharam-no. Dessa forma, pode-se interpretar que Pedro não vendeu suas propriedades, mas as deixou na confiança de outras pessoas e, tempo depois, retomou o uso.

¹³ Exemplo também usado por Mt 4,20: "Eles imediatamente deixaram as redes e o seguiram (οἱ δὲ εὐθέως ἀφέντες τὰ δίκτυα, ἠκολούθησαν αὐτῷ). Cf. LOUW, J.; NIDA, E. *Léxico Grego-português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*, p. 648.

¹⁴ LOUW, J.; NIDA, E. *Léxico Grego-português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*, p. 515.

Outra argumentação de que a venda dos bens, descritas nos Atos, não seria o total, refere-se ao que o próprio Lucas escreveu no terceiro evangelho sobre a orientação de João Batista: "*quem tiver duas túnicas, reparta-as com aquele que não tem*" (Lc 3,11); e o exemplo de Zaqueu: "*dou metade dos meus bens aos pobres*" (Lc 19,8).

Córdula Langner esclarece que, em Lucas, "Não há uma exigência geral para todos (dar tudo ou dar metade), senão que cada um deve fazer o possível",¹⁵ e "não entende como exigências gerais para todos os cristãos, senão como exigências pessoais ou individuais".¹⁶

José Comblin escreve que a retórica do pertencimento comum total está ligada à cultura da amizade.

Quando se diz da primeira comunidade cristã que tudo era comum entre eles, a palavra "tudo" é retórica, e provavelmente procede da filosofia grega, na forma de divulgação popular. Os filósofos antigos valorizavam muito a "amizade" e se dizia que "entre amigos tudo é comum" – embora, na prática, raramente isso funcionasse. Sabe-se que a amizade entra em crise quando um amigo perde o status econômico e social. Lucas quis dizer que encontrou na primeira comunidade cristã a realização do ideal da amizade."¹⁷

Esse modelo de comunidade é relatado somente por Lucas em Atos e, como já expressei, não é descrita a forma de produção dos bens e serviços necessários, nem o sistema de organização do trabalho. Sendo assim, surgem dúvidas sobre como seriam realizadas essas atividades essenciais da vida econômica e social. José Comblin explica essa situação citando que os primeiros cristãos não vendiam tudo o que tinham, mas mantinham sob sua posse os bens necessários para si, suas famílias e para o trabalho. O prestígio de Barnabé, certamente, era dado pela sua condição de rico e da sua generosidade.¹⁸ Para reforçar o pensamento de Comblin, vê-se que as várias viagens de Paulo e de Barnabé mostram que havia

¹⁵ LANGNER, C. *Evangelio de Lucas Hechos de los Apóstoles*, p. 211.

¹⁶ LANGNER, C. *Evangelio de Lucas Hechos de los Apóstoles*, p. 210.

¹⁷ COMBLIN, J. "Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos", p. 7.

¹⁸ COMBLIN, J. "Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos", p. 8.

disponibilidade de recursos, com grande probabilidade de serem do próprio Barnabé e dos frutos do trabalho laboral de Paulo (1Ts 2,9; 2Ts 3,8).

Neste capítulo, conclui-se que o ensinamento que Lucas transmite sobre a função dos ricos na comunidade cristã e na história da salvação é a generosidade para com os pobres.

O anúncio da salvação, no Terceiro Evangelho, resume-se na esperança da misericórdia de Deus, o qual é dirigido aos pobres, pecadores e excluídos. Por sua vez, no Ato dos Apóstolos, resume-se na conversão e na caridade, sendo dirigido aos ricos e outras elites.

Para Córdula Langner, "Lucas ensina que a riqueza não impede a comunhão com Jesus, nem ao acesso a ele, porque Jesus aceitou os ricos e lhes concedeu explicitamente a salvação como a Zaqueu".¹⁹ Os ricos virtuosos citados nas obras lucanas como Zaqueu, Barnabé, Tabita, e Cornélio, tinham comportamento comum colocando suas riquezas à disposição dos pobres, com desapego. José Comblin descreve que:

A obra de Lucas foi uma resposta aos ricos convertidos do primeiro século. Guardadas as proporções, a resposta continua valendo para os nossos dias. Se o povo de Deus é dos pobres, há espaço para os ricos que colocam a sua riqueza à disposição dos pobres. Não precisam necessariamente tornar-se semelhantes aos pobres - que no fundo, é impossível. O que os integra no povo dos pobres é o dom de si próprios - o dom de suas capacidades.²⁰

3.2 OS ENSINAMENTOS DO ENCONTRO DE JESUS COM O CEGO E ZAQUEU

Neste subcapítulo, estuda-se o ensino que Lucas, possivelmente, desejou dar ao seu leitor, Teófilo, sobre a amplitude da salvação que Deus oferece a toda humanidade, exemplificada nas pessoas do cego e de Zaqueu.

¹⁹ LANGNER, C. *Evangelio de Lucas Hechos de los Apóstoles*, p. 210.

²⁰ COMBLIN, J. "Ricos e pobres no Ato dos Apóstolos", p. 8.

Ambos, o cego (Lc 18,40) e Zaqueu (Lc 19,5), em Jericó, tiveram um encontro com Jesus. Um fora (Lc 18,35), outro dentro da cidade (Lc 19,1); um doente (Lc 18,35), outro saudável (Lc 19,4); um pobre (Lc 18,35), outro rico (Lc 19,2); um deles coleta esmolas (Lc 18,35), outro coleta impostos (Lc 19,2). Ambos estão, portanto, nos extremos opostos da vida física e econômica. Porém, ambos calados e cegados pela multidão (Lc 18,39; 19,3). Ambos rejeitados, excluídos e preconceituados, taxados de impuros (Lc 18,39; 19,7). Um deles grita alto (Lc 18,38) e outro sobe ao alto (Lc 19,4). Ambos querem ver Jesus e ambos Jesus os faz vê-lo (Lc 18,38; 19,5). Ambos perdidos (Lc 18,39; 19,10), ambos salvados (Lc 18,42; 19,9). Ambos queriam um encontro e ambos são encontrados.

O primeiro estava cego e queria ver Jesus (Lc 18,38); o segundo estava perdido e procurava ver quem era Jesus (Lc 19,3). Jesus fez o cego ver, porque este queria enxergar (Lc 18,41); Jesus veio procurar e salvar Zaqueu, porque este desejava a salvação e estava perdido (Lc 19,10). O cego queria a compaixão do Filho de Davi (Lc 18,38) e Jesus revela-se fazendo-o ver de novo (Lc 18,42); Zaqueu procura reconhecer o Cristo (Lc 19,3) no Filho do Homem (Lc 19,10) e Jesus revela-se reconhecendo-o empoleirado num sicômoro e autoconvidando-se para ficar em sua casa (Lc 19,5). Esse encontro de salvação promovido pelo Filho de Davi para o cego e Filho do Homem para Zaqueu revela o desejo de Deus em Jesus. Deus quer que o homem cego e o homem perdido, que desejam ver e encontrar Deus, sejam restaurados ao seu Reino (Lc 2,30-32), como a ovelha desgarrada e perdida (Ez 34,16; Lc 15,4) deseja voltar ao rebanho e é encontrada pelo pastor, permanecendo salva na sua proteção (Ez 34,22; Lc 15,5-6). O homem não pode salvar-se, pois só Deus salva (Lc 18,26-27); sendo que salvar a todos é seu desejo (Lc 2,30-32); e assim o faz para aqueles que também desejam ser salvos por Ele. Aquele que tem fé e esperança no Deus Salvador e não sabe onde Ele está, está perdido; e quando deseja encontrá-Lo (Lc 19,3-4), é Deus que o encontra (Lc 19,5) e alegra-se com seu achado (Lc 15,6), alegrando também aquele que é encontrado (Lc 18,43; 19,6). Assim, foi com o cego e com Zaqueu e assim é com aquele que quer ver Deus e está cego e perdido. Dessa forma, Lucas ensina que Jesus é a esperança do encontro com Deus e quem procura vê-lo é ele que encontra e salva (Ez 34,16-22; Lc 19,5-9). Não importa se pobre ou rico, se coletor de esmolas ou coletor de impostos, Deus quer a todos e

salva a todos que o querem. Este é o resultado do encontro com Jesus. Para aquele que quer o encontro, é o próprio Jesus que o encontra.

3.3 OS ENSINAMENTOS DE ZAQUEU

Lucas realiza um ensino bem definido no exemplo de Zaqueu: que os bens são para o bom usufruto de todos, principalmente, direcionados para os pobres e para a justiça. Zaqueu exercia sua profissão com grande empenho, pois seria o maioral (Lc 19,2) e esforçava-se para não cometer cobranças a mais que o prescrito (Lc 3,13). Possuía autoridade romana e não abusava para abrir espaço no meio da multidão. (Lc 19, 4)

Zaqueu recebia grandes somas pelo seu trabalho (Lc 19,2) e era solidário com as pessoas pobres em sua volta (Lc 19,8). Diferente do filho que dissipou a herança do pai numa vida devassa (Lc 15,11-13) ou do outro rico, também filho de Abraão, mas não autêntico, porque ignorava o pobre Lázaro (Lc 16,19-31). Mesmo ganhando muito e sendo rico, Zaqueu era desapegado e não servia ao dinheiro (Lc 16,13), nem queria acumular como o rico em Lc 12,16-20, pois estava dando metade para os pobres e restituindo os defraudados (Lc 19,8), tornando-se rico para Deus (Lc 12,21).

Zaqueu também tinha um comportamento ingênuo e até cômico, semelhante a uma criança. Para poder ver Jesus, e talvez, porque desejasse receber o Reino de Deus (Lc 18,15-17), ele até subiu numa árvore à frente de uma multidão (Lc 19,4). Sabia lidar com o perigo das riquezas, pois era desapegado, tendo uma conduta contrária ao rico notável que desejava herdar a vida eterna, mas optou em não se desapegar de seus bens terrenos (Lc 18,23). Também era humilde e reconhecia que poderia errar na sua profissão, mas se autopenitenciava com a restituição quadruplicada (Lc 19,8), tendo um comportamento semelhante ao publicano que foi justificado em Lc 18,9-14.

Assim, Lucas, utilizando o exemplo de Zaqueu, procura ensinar para aqueles que possuem muitas posses e querem ver Jesus, que devem esforçar-se na caminhada e ir além das limitações físicas ou sociais, ultrapassando os preconceitos

98 | Zaqueu e a salvação dos ricos

e barreiras das multidões, permanecendo perseverante na fé do encontro, praticando caridade e justiça com suas riquezas.

4. ESTUDOS SOBRE PAX ROMANA E OS PUBLICANOS JUDEUS

Para um melhor entendimento sobre a situação de Zaqueu e sua possível conduta honesta, é necessário conhecer o ambiente político, econômico e profissional, bem como as circunstâncias que ele estava vivendo. Assim sendo, a seguir, é demonstrado, de forma sensata, o ambiente romano que vigorava na Judéia, as características de sua profissão de publicano, de sua condição econômica e as diferentes visões religiosas e morais.

4.1 A PAX ROMANA

A passagem de Lc 19,1-10 aconteceu no tempo em que o Império Romano dominava extensas possessões em volta do Mar Mediterrâneo e governava por meio da difusão e implantação da Pax Romana, que, segundo Klaus Wengst, "se caracterizava como uma paz solidificada pelas vitórias imperiais, cujo aspecto militar está em primeiro lugar"¹. Segundo Aristides, foi uma "idade de ouro".² Essa idade ocorreu no período de 27 a.C até o ano 180 d.C e foi importante na manutenção do poder romano sobre as regiões que havia conquistado.³

Na época de Jesus, de acordo com Margaret Antonio, "a cidade de Roma tinha um milhão de habitantes"⁴ e, para a manutenção do seu estilo de vida, possuía necessidade de proteger e controlar as principais regiões onde eram produzidos os alimentos, extraído os minerais ou constituíam rotas comerciais dos produtos de interesse.

Antes da ocupação romana, os outros povos que habitavam certa região de interesse romano viviam em guerras e disputas constantes contra si, inclusive na Judéia⁵ e contra Roma, por motivos políticos e econômicos, mas também por interesse de sobrevivência, liberdade, autonomia e manutenção de seus territórios, valores culturais, étnicos e religiosos. Enfim, para manter a sobrevivência e

¹ WENGST, K. *Pax Romana: pretensão e realidade*, p. 21.

² ARISTIDES, E. *Romrede 106*, in WENGST, K. *Pax Romana: pretensão e realidade*, p. 21.

³ SILVA, D. N. *Pax Romana*, n.p.

⁴ ANTONIO, M. L. *et al. Ancient Rome: A genetic crossroadsof Europe and Mediterranean*, p. 3.

⁵ Macedônios, selêucidas, samaritanos, idumeus, itureios e outros.

perpetuação de cada povo, havia muitas guerras, invasões, assaltos e pilhagens que não permitiam as pessoas e suas famílias desenvolverem-se em paz em seus territórios. A vida humana tinha pouco valor e os estrangeiros geralmente eram vistos como inimigos. Essas lutas constantes faziam as pessoas terem grande desejo e necessidade de paz, pois atrapalhavam e ameaçavam a manutenção e a sobrevivência dos seus povos, inclusive os romanos.

Diante de tamanha insegurança, o Império Romano desenvolveu a seguinte estratégia:

a) ocupava, com seu poderoso exército, a região de interesse econômico ou político, que, no caso da Judéia, foi no ano 63 a.C.

b) dominava militarmente e exigia que os povos e seus governantes ficassem submissos ao imperador, ou colocava um governador próprio, quando havia disputas entre os reis locais. No caso da Judéia, no tempo de Jesus, quem governava era Pôncio Pilatos.

c) prometia manter a tão desejada paz geral, conservando guarnições para proteger os habitantes, as famílias, seu trabalho e prosperidade. Caso outros exércitos ou saqueadores adversários tentassem atacar o povo dominado ou surgisse violência e revoltas internas, tudo seria rechaçado pelas tropas romanas. Também realizavam a construção de estradas, aquedutos, teatros e outras obras de infraestrutura para o desenvolvimento econômico, social e cultural romano na região dominada. Para Daniel Silva, " a Pax Romana foi, ao mesmo tempo, uma forma de garantir a produtividade da economia romana e de controlar as regiões conquistadas e foi justificada por oferecer 'benefícios' aos outros povos".⁶

d) a sustentação de todo esse aparato de paz armada, "era feita com impostos, alfândegas, contribuições, tributos e recrutamentos"⁷. De acordo com Klaus Wengst, "o lucro que Roma auferia das províncias fazia-se de acordo com o Direito, a saber, de acordo com os direitos dos vencedores"⁸. Os habitantes dominados deveriam pagar impostos ao império, sobre a propriedade, produção, comercialização e uso das rotas protegidas. Para cada tipo de atividade, havia uma

⁶ SILVA, D. N. *Pax Romana*, n.p.

⁷ WENGST, K. *Pax Romana: pretensão e realidade*, p. 48.

⁸ WENGST, K. *Pax Romana: pretensão e realidade*, p. 46.

determinada taxa, imposta pelas autoridades romanas. Parte dos tributos era destinada para a remuneração dos coletores, manutenção das tropas, da ordem, da paz, da infraestrutura e da administração na província dominada e a outra parte, a maior e mais preciosa, era destinada para Roma;

e) Na província da Judéia, no início do séc. I, a coleta de impostos era realizada pelos publicanos, judeus contratados, e a sua fiscalização era feita pelos questores.⁹

Segundo Buckland e Williams, “havia duas espécies de publicanos: os publicanos gerais e os delegados”.¹⁰ Os gerais eram cidadãos romanos responsáveis pela renda do império, perante o imperador, enquanto os publicanos delegados eram cidadãos da nação a ser tributada, contratados pelos gerais em cada província ou região, responsáveis pela coleta inicial entre seus compatriotas.¹¹ De acordo com este estudo, Zaqueu seria um publicano delegado, maioral entre outros publicanos, na região de Jericó, possivelmente, nomeado pelos publicanos gerais de Roma.

Jesus, que também viveu nessas circunstâncias, foi questionado por alguns fariseus e herodianos sobre a licitude do pagamento de tributos ao imperador, que mantinha financeiramente a Pax Romana na região. Ao pedir que mostrassem o denário do imposto, ele deu como resposta em Lc 20,25: “Devolvei, pois, a Cesar, o que é de César.” Mário Demarchi explica que “o denário que os questionadores mostraram a Jesus, tinha de um lado a imagem do Imperador Tiberius (anverso), com a inscrição *Tibérius César Augusto, filho do divino Augusto*, e, no outro lado (reverso), a figura de Livia como ‘*deusa da paz sentada*’, simbolizando a autoridade do imperador e os objetivos da paz romana”.¹² Alguns estudiosos interpretam que Jesus tomou uma posição de isenção em relação aos impostos e à paz romana. Conforme Wolfgang Schrage, “fazendo os que lhe propunham a pergunta, tirar o dinheiro do próprio bolso, Jesus mostra que a pergunta não era feita a sério; na realidade, os questionadores já tinham respondido à pergunta pois já estavam usando o dinheiro do imperador”,¹³ e sendo coniventes com a paz romana. Gerg Petzke faz uma

⁹ HESSER, H. *Os Questores*, p. 73.

¹⁰ BUCKLAND, A. R; WILLIAMS, L. *Dicionário Bíblico Universal*, p. 502.

¹¹ BUCKLAND, A. R; WILLIAMS, L. *Dicionário Bíblico Universal*, p. 502.

¹² DEMARCHI, M. *Moedas no Velho Testamento e do tempo de Jesus*, n.p.

¹³ SCHRAGE, W., *apud* WENGST, K. *Pax Romana: pretensão e realidade*, p. 87.

resposta paralela como se Jesus dissesse:

Uma vez que vós vos ocupais, em nível do dinheiro, da economia e naturalmente da política, então deveis aguentar também as consequências e pagar a taxa para aquele que é responsável por este sistema, a saber, o imperador.¹⁴

Assim, Jesus isenta-se de um “não”, que seria perigoso para ele, mas também de um “sim” pessoal, pois o sistema da paz romana já fora aceito pelos seus questionadores.

4.2 SOBRE A CONTRATAÇÃO DO PUBLICANO ZAQUEU

Lucas descreve que Zaqueu era o maioral dos publicanos de Jericó, cidade pertencente à Judéia, que estava sob governo de Pôncio Pilatos. Como não foram encontrados registros históricos precisos que descrevem a forma de contratação que os romanos faziam para a coleta de impostos por intermédio desses profissionais locais, assim como as suas regras, muitos estudiosos passaram a deduzir supostas maneiras. Porém, nenhum deles mostram fontes fidedignas de seus relatos e alguns descrevem contratações e regras de difícil viabilidade.

Um exemplo é de Émile Morin que indica: “os arrematadores dos impostos régios (indivíduos ou grupos) assinavam um contrato, quase sempre quinquenal, que os obrigava a pagar uma quantia fixa e lhes dava todo o direito de recuperar dos contribuintes seu dinheiro. Então, para não ficarem prejudicados, tributavam amplamente”.¹⁵ Essa descrição de Morin traz muitas dúvidas sobre a sua veracidade, sob uma análise mais racional, principalmente, para aplicação na cidade de Jericó.

Primeiro: se os arrematadores tinham que fazer um pagamento fixo de uma suposta arrecadação futura de cinco anos, é compreensível concluir que seria praticamente impossível um grupo de nativos de Jericó possuírem tanto dinheiro em denários para fazer esse arremate.

¹⁴ PETZKE, G. *apud* WENGST, K. *Pax Romana: pretensão e realidade*, p. 87.

¹⁵ MORIN, E. *Jesus e as escrituras do seu tempo*, p. 34.

Segundo: se o arrematador tinha a liberdade de tributar amplamente, então não havia um limite prescrito por João Batista em Lc 3,13 e tornar-se-ia difícil julgar qual valor seria uma extorsão.

Terceiro: se a remuneração do arrematador fosse a cobrança a maior que a quantia paga aos romanos, então os publicanos batizados por João Batista teriam que cobrar somente o que pagaram aos romanos, para seguirem as orientações do profeta, e não ganhariam nada pelo trabalho de arrecadação. Obviamente, que isso não seria sensato. Assim, essa descrição de Morin não seria ponderadamente aplicável ao publicano Zaqueu de Jericó.

Desse modo, como não foi encontrado nenhuma fonte fidedigna sobre o trabalho de um publicano, na cidade de Jericó, sob governo romano de Pôncio Pilatos, e o que existe são suposições, geralmente de viabilidade duvidosa, será feita uma descrição de contratação, baseada na sensatez e na lógica mais próxima possível da sabedoria romana sobre seus tributos, para fortalecer a hipótese de que Zaqueu enriqueceu de forma honesta.

Ao contratar uma pessoa do povo judeu, para ser publicano delegado em Jericó, obviamente, que os romanos exigiriam duras regras e muita honestidade. Deve-se lembrar que um dos maiores legados do império foi o Direito Romano. Eles souberam fazer boas leis e eram muito disciplinadores no seu cumprimento. Uma simples desobediência ou roubo poderia resultar numa enorme punição, principalmente, para um não romano de confiança, que lidava com os tributos de César. De acordo com Dean Smith, "no Código de Justiniano do séc. VI, a pena por fraude cometida por um coletor de impostos era o reembolso quatro vezes maior e, com frequência, o acusado fugia para evitar o processo".¹⁶ Essas regras, possivelmente, já seriam aplicadas na Judéia, no tempo de Pôncio Pilatos (Lc 19,8).

As exigências óbvias é que o judeu a ser contratado teria que possuir capacidades muitos específicas e raras. A primeira delas, já descrita anteriormente, é ser honestíssimo, pois os romanos eram muito criteriosos com as leis e com os tributos de César, assim como eram muito violentos nas punições, principalmente, para infratores estrangeiros. Marco Túlio Cícero, em 66 a.C., descreve os publicanos

¹⁶ SMITH, D. *Salvation Has Come: The Transformation of Zacchaeus*, p. 20.

como “[...] *publicani, homines honestissimi atque ornatissimi*”¹⁷ (homens honestíssimos¹⁸ e ornadíssimos¹⁹). Além disso, o contratado também deveria ter muita prudência ao coletar impostos dos seus compatriotas, pois a extorsão acima do exigido levava à delação às autoridades, a revoltas internas e à forte pressão popular sobre o governador, ameaçando a paz romana.

Outra exigência sensata dos romanos seria que o publicano tivesse que possuir recursos próprios significativos como casa, animais, terras e dinheiro e uma família, pois, assim, o império teria maiores garantias sobre a correta coleta de impostos, cerceando a probabilidade de fraudes, enganações e desvios do dinheiro das arrecadações, por parte do coletor. Outra capacidade necessária ao publicano seria ter excelente raciocínio numérico, pois iria lidar com dinheiro e cálculos contábeis. No tempo de Jesus, poucas pessoas eram alfabetizadas e sabiam lidar bem com números e controles financeiros. Teria também que ter grande conhecimento da atividade econômica, do valor patrimonial de seus compatriotas e das rotas de circulação de mercadorias, para que pudesse taxar com exatidão na forma prescrita pelos romanos. Igualmente, estaria em grande risco de assalto, pois estaria carregando altos valores arrecadados para os romanos.

Contratar uma pessoa com essas sensatas características, habilidades e conhecimentos, naquele tempo, seria de extrema dificuldade. Por fim, o publicano judeu saberia que seria rejeitado e excluído socialmente de seu grupo étnico e religioso, porque era contumaz a revolta popular ao pagar impostos, principalmente, para um império estrangeiro dominante, onde, tradicionalmente, o preconceito e a exclusão social dos cobradores de impostos eram comuns, onde seriam taxados de pecadores, traidores, ladrões e impuros. Mesmo que a maioria dos publicanos fosse honesta, essa rejeição é um fato comumente abordado.

Portanto, diante de todas essas exigências, para aceitar e exercer o ofício, os publicanos judeus teriam que ser muito bem remunerados e protegidos pelos romanos; e como teriam que ter notória capacidade de administração dos bens, naturalmente, tornavam-se ricos, bem ornados, bem providos ou “*ornadíssimos*”

¹⁷ CICERO, M. T. *Pro lege Manila*, p. 50.

¹⁸ QUICHERAT, L. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*, p. 556-557.

¹⁹ *Ornatissimi* em latim significa provido de virtudes, que não tem falta de coisa alguma, honroso, de boa família, ornado, elegante. Cf. QUICHERAT, L. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*, p. 828.

como descreve Marco Túlio Cícero.²⁰ Essa forma de entendimento, reforça o argumento de que Zaqueu e os outros publicanos de Jericó teriam sido contratados pelos romanos, na expectativa de um comportamento fiel às regras e honestos na taxaço. E Zaqueu teria enriquecido por uma suposta alta remuneraço e muita competênca, tornando-se maioral.

Para compreender mais ainda sobre essa alta remuneraço, busca-se conhecer a situaço econômica da regiào. Jericó, naquele tempo, era um importante centro de rotas comerciais que também contava com um palácio do rei Herodes. Conforme Flávio Josefo, a cidade de Jericó, além disso, possuía um importante polo de produço de palmeiras e bosques de bálsamo. O unguento derivado do bálsamo de Jericó era muito apreciado na época²¹. A utilizaço desse perfume é descrita em muitas passagens bíblicas (Gn 37,25; Gn 43,1; Jer 8,22; Ez 27,17; Mt 26,17; Mc 14,3; Lc 7,37; Jo 11,2; Jo 12,3) e era muito valioso. Tudo isso mostra que aquela regiào era uma fonte de impostos muito significativa. Jericó deveria ser uma importante coletoria de impostos, sendo que Zaqueu era o maioral dessa arrecadaço. Obviamente, uma importante coletoria também possuiria especial atenço dos questores, que fiscalizavam todo sistema de tributos e tinham autoridade de intervir numa regiào ou província, caso fosse descoberta alguma corrupço.²²

Outra forma de fiscalizaço do trabalho de coleta é o fato do qual os publicanos seriam constantemente acompanhados de soldados romanos para a proteço dos tributos coletados²³. Esse fato é explicado no subcapítulo seguinte. Por lógica orientaço superior, esses soldados também exerceriam um papel indireto de fiscalizaço sobre o publicano para evitar fraudes ou ainda revoltas, indignaçoes e violênccas no momento da coleta. Esses fatos aumentam a argumentaço de que Zaqueu só poderia ter enriquecido de forma honesta, fruto de uma alta remuneraço obtida sob rígida fiscalizaço.

²⁰ CICERO, M. T. *Pro lege Manilia*, p. 50.

²¹ FLÁVIO Josefo: *Uma Testemunha nos Tempo dos Apóstolos*. p. 25.

²² HESSER, H. *Os Questores*, p. 52.

²³ AEFE. *Quem foram os publicanos?* n.p.

4.3 PUBLICANO JUDEU ACOMPANHADO POR SOLDADOS

Por consequência de seu ofício, os publicanos estariam carregando cotidianamente altas somas em moedas romanas, resultado do exercício das coletas. Obviamente, seriam visados por assaltantes ou vingadores. Como registro histórico do perigo de um publicano ser assaltado é a existência do grupo dos "zelotes", que formavam uma facção judaica nacionalista que lutava contra o domínio romano sobre Israel. No ano 6 d.C. Judas, o Galileu, liderou uma revolta contra a dominação romana, por rejeitar o pagamento de tributos pelos israelitas ao imperador. Segundo Eduard Lohse, na perspectiva dos zelotes, quem reconheceu o imperador como seu senhor e pagou-lhe impostos infringiu o primeiro mandamento, que prescreve honrar somente a Deus.²⁴ Seu modo de vida era habitar lugares distantes e escondidos, principalmente, nas montanhas e atacar de assalto as forças romanas. Para os romanos, eles não passavam de bandidos e ladrões, e defendiam-se ou contra-atacavam com muito rigor.²⁵ Logo, a existência dos zelotes e sua institucional revolta contra a dominação de Roma e seus tributos representavam uma grave ameaça de assalto aos cobradores de impostos para os romanos, com o agravante de que eles também eram judeus.

Um relato bíblico que pode reforçar a hipótese que os publicanos judeus seriam acompanhados por soldados romanos está em Lc 3,12-14. Lucas revela que publicanos e soldados, numa mesma ocasião, foram até João Batista para serem batizados. Outro apontamento coerente é argumentar que os publicanos seriam muito respeitados e protegidos pelo império, devido sua importância na atividade econômica. Comparados com os soldados, percebe-se que ambos os profissionais seriam de relevante importância para Roma. Porém, os publicanos exerciam uma atividade que gerava o aumento da riqueza de Roma e os soldados exerciam outra atividade necessária para manter a paz e evitar conflitos, contudo geravam despesas. E quando esses dois profissionais paravam de exercer a atividade, o império não tinha mais nenhuma responsabilidade com o publicano judeu, mas tinha

²⁴ LOHSE, E. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, p. 75.

²⁵ LOHSE, E. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, p. 76.

que continuar provendo o soldado romano que se aposentava com uma pensão.²⁶

Dessa forma, os publicanos deveriam ser muito respeitados e protegidos pelos romanos, o que também contribuiria com o desprezo e a rejeição por parte dos zelotes, fariseus, escribas e outros israelitas. Esse argumento reforça, ademais, o fato de os fariseus, escribas e alguns outros judeus tratarem Zaqueu, o maioral dos publicanos de Jericó, como um pecador impuro e excluído da sociedade judaica, por estar trabalhando a serviço do império opressor e acompanhado constantemente por soldados pagãos.

4.4 SOBRE OS RISCOS DAS EXTORSÕES DOS PUBLICANOS JUDEUS

Pagar a mais por um produto, serviço ou imposto gera natural revolta nas pessoas, em qualquer tempo. Caso os publicanos de Jericó cobrassem constantemente a mais, é natural que surgissem revoltas populares contra os romanos o que ameaçaria a *Pax Romana*, como foi o caso dos zelotes. O principal objetivo de um governador romano e suas guarnições numa província era manter essa paz armada, por meio da ordem e do progresso, assegurando a tranquila cobrança dos impostos. É importante aqui lembrar que Pôncio Pilatos, mesmo não tendo encontrado culpa em Jesus (Lc 23,22), mandou crucificá-lo por pressão da multidão de judeus (Lc 23,23). Assim, observa-se que os judeus também tinham poder de pressão sobre o governador romano e, no caso de cobranças abusivas, por parte dos publicanos judeus contra o próprio povo, é sensato concluir que também haveria forte pressão contra o governador, para punição dos judeus extorsores.

Também é sensato concluir que, caso houvesse denúncias populares contra os excessos dos publicanos, "estes seriam punidos com muito rigor", afirma Dean Smith.²⁷ Inclusive as punições poderiam ser mais graves ainda, pois se os publicanos cobrassem acima do estipulado e retivessem para si o excedente, eles também

²⁶ O imperador Augusto em 6 d.C. instituiu o "Aerarium Militari", como uma fonte permanente de proventos para os veteranos do exército romano, mediante o pagamento de pensões (praemia) aos militares que encerravam o seu tempo de serviço. Assim, após 20 anos de serviço, o soldado romano recebia uma pensão de 12.000 sestércios, equivalente a doze anos de pagamento. Cf. PAULA, E. S. *O erário militar*, p. 193.

²⁷ SMITH, D. *Salvation Has Come: The Transformation of Zacchaeus*, p. 20.

estariam roubando do império, pois os tributos eram de César. Segundo Campos, os romanos praticavam regularmente punições exemplares, para garantir a manutenção do seu império. As penas máximas seriam a perda total dos bens familiares e uma punição exemplar executada publicamente como morte por crucificação, açoitamento, espancamento, decapitação, esquartejamento, enforcamento, carbonização, enterramento ou lançamento de uma rocha.²⁸ Assim, conclui-se, com sensatez que os publicanos de Jericó não poderiam enriquecer de forma extorsiva e explícita.

Mas, por mais rígidas que fossem as regras e as punições, é também sensato concluir que nem tudo era perfeito, e que poderia haver alguma corrupção ou extorsão, pois os publicanos não tinham má fama apenas por preconceito e João Batista não estaria orientando-os a não cobrarem mais que o prescrito (Lc 3,12-13) em vão. Igualmente, deve-se lembrar que o próprio Zaqueu declarou para Jesus: “e se, extorqui a alguém...”(Lc 19,8), revelando a existência de possíveis extorsões de sua parte.

Porém, no exercício de Zaqueu, essas possíveis extorsões não poderiam ser contumazes, propositais e de grande monta, pois se assim fosse, seria necessário o envolvimento de muitas autoridades, inclusive do governador. Além disso, teria que ter o envolvimento dos soldados que acompanhavam os publicanos para proteção dos tributos coletados.²⁹ Mas, como o império era muito organizado e precavido, também previa a possível ocorrência desses delitos. Herman Hesser afirma que existia “os questores, membros do senado, que fiscalizavam todo sistema de tributos e tinham autoridade de intervir numa região ou província, caso fossem descobertos significativos casos de corrupção”.³⁰

Mas mesmo levando em consideração a hipótese de que houvesse esse tipo de corrupção junto com autoridades, Zaqueu teria que extorquir seus conterrâneos em grande monta, visto que teria que dividir os resultados do roubo com o governador e com os soldados, ficando com quantidade a menor daquilo que extorquiou. Aqui se faz necessário explicar que o dano total de Zaqueu teria sido

²⁸ CAMPOS, R. C. *Punições exemplares garantiram a manutenção do império romano*, n.p.

²⁹ AEFÉ. *Quem foram os publicanos?* n.p.

³⁰ HESSER, H. *Os Questores*, p. 73.

contra os judeus, pagadores de impostos, independente se ele dividiu as extorsões com o governador ou com os soldados. Caso existisse esse tipo de corrupção, seria impossível Zaqueu dar metade para os pobres e restituir ao quádruplo, com seus próprios recursos, do total que extorquiou, incluindo o que deu para as autoridades corruptas, pois a declaração foi feita para Jesus, o Filho do Homem, e interpreta-se, por revelação do seu poder messiânico, que nenhum dos prejudicados ficaria injustiçado, sem receber quatro vezes mais do dano total. No apêndice deste livro, são apresentados cálculos contábeis que concluem a rara probabilidade de Zaqueu ter sido um extorsor proposital e contumaz.

Dessa forma, mais uma vez se reforça a interpretação de que Zaqueu teria agido sempre com honestidade, sem pagar propinas para governador e soldados, nem correndo altos riscos em extorsões.

4.5 PUBLICANOS VISTOS COMO EXTORSORES CONTUMAZES

Segundo Jean-Noel Aletti, “os evangelistas sempre deixam seus personagens (Jesus, os fariseus, o povo) para cuidar em apontar a conotação pejorativa do termo ‘publicano’. Nesse sentido pode-se dizer que, como contadores de histórias, eles são neutros”.³¹

Malina e Rohrbaugh concluíram que “a pesquisa acadêmica recente dá a entender que embora moralistas rabínicos do final do séc. II e do séc. III só atacassem os cobradores de impostos quando fossem desonestos, os comerciantes o faziam sempre. De modo semelhante, as elites universalmente desprezavam os cobradores de impostos”.³² Assim desenvolveu-se uma retórica comum de que ser publicano é ser extorsor.

Alguns estudiosos³³ aceitam facilmente a hipótese de que os publicanos enriqueciam na corrupção durante a cobrança de impostos, inclusive Zaqueu. Por

³¹ ALETTI, J. N. *El arte de contar a Jesucristo: Lectura narrativa del Evangelio de Lucas*, p. 20.

³² MALINA, B.; ROHRBAUGH, R. L. J. *Evangelhos Sinóticos: Comentário à luz das ciências sociais*, p. 377.

³³ MESTERS, C.; OROFINO, F. *Crescer em Amizade, uma chave de leitura para o Evangelho de Lucas*, p. 51; STORNILOLO, I. *Como ler o Evangelho de Lucas, os pobres constroem a nova história*, p. 168; AMBROSIO DE MILÃO, *apud*. TOMÁS DE AQUINO, *Catena Aurea*, exposição contínua sobre os Evangelhos, p. 549; PARSONS, *Short in Stature*: Luke's Physical Description of Zacchaeus, p. 6.

isso, interpretam e propagam que eles eram extorsores contumazes, acreditando que cobravam a mais que o determinado de forma habitual e proposital, ficando ricos com o excedente. Porém, esse tipo de interpretação ignora ou não leva em consideração a inteligência, a sensatez, o poder e o principal propósito da dominação romana, que era os tributos ou a riqueza econômica.

Para esse império, poder conquistar e manter enorme poder político e econômico, durante séculos, só poderia ser liderado por pessoas inteligentes, prudentes e perspicazes, seguidos de uma organização militar à frente do seu tempo, e sistemas políticos, legislativos e tributários dotados de pessoas extremamente capazes, honestas e fiéis aos propósitos imperiais. Neste sentido, o principal propósito do domínio romano sobre outros povos sempre foi o poder econômico, baseado na cobrança de impostos, produzidos e coletados sob a paz armada ou *Pax Romana*. Sob essas colocações, é sensato interpretar que os publicanos teriam que ser honestíssimos para com os romanos e seus tributos, conforme já citado por Marco Túlio Cícero, que descrevia os publicanos como "homens honestíssimos e também ornadíssimos (...*publicani, homines honestissimi atque ornatissimi*)."³⁴ *Ornatissimi* em latim significa provido de virtudes, que não tem falta de coisa alguma, honroso, de boa família, ornado, elegante,³⁵ sinônimos de rico. Portanto, é prudente citar que os romanos tinham a honestidade e a eficiência dos publicanos como virtudes a serem enaltecidas, sendo que esses fatos são desconsiderados por alguns estudiosos.³⁶

Os estudiosos que julgam os publicanos da Judéia, principalmente Zaqueu, de extorsores contumazes, também ignoram que "os cidadãos pagadores de impostos estavam cientes dos valores exatos que precisavam pagar".³⁷ Esse conhecimento popular obrigaria o publicano a ter prudência e licitude ao coletar impostos dos seus compatriotas, pois, segundo aponta Dean Smith, a extorsão fora do prescrito levava

³⁴ CICERO, M. T. *Pro lege Manilia*, p. 50.

³⁵ QUICHERAT, L. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*, p. 828.

³⁶ MESTERS, C.; OROFINO, F. *Crescer em Amizade*, uma chave de leitura para o Evangelho de Lucas, p. 51; STORNILOLO, I. *Como ler o Evangelho de Lucas*, os pobres constroem a nova história, p. 168; AMBRÓSIO DE MILÃO, *apud*. TOMÁS DE AQUINO, *Catena Aurea*, exposição contínua sobre os Evangelhos, p. 549; PARSONS, *Short in Stature*: Luke's Physical Description of Zacchaeus, p. 6.

³⁷ UNITED NATIONS OF ROMA VICTRIX. *Tax in the Early Days of the Roman Republic*, n.p.

à queixa e julgamento às autoridades dominantes³⁸, ou então a revoltas. Essas revoltas que, obviamente, ameaçariam a paz romana e gerariam ódio vingativo e violento contra o extorsor, principalmente pelos zelotes, é também ignorada pelos estudiosos que interpretam os publicanos como extensores contumazes.

Para Malina e Rohrbaugh, “embora fizessem parte do abuso que o sistema comportava, poucos cobradores de impostos teriam sido ricos, e muitos eram indubitavelmente justos e honestos”.³⁹ Dessa forma, entende-se que a maior probabilidade é de que os publicanos de Jericó, no tempo de Jesus, agiriam de forma habitualmente honesta, tanto para com os romanos, como para os judeus. É sensato também considerar que se fossem desonestos durante o exercício profissional, quando estavam protegidos pelos romanos, ao final da profissão, perderiam essa proteção e teriam que fugir para uma terra distante, para não serem perseguidos e vingados pelas suas vítimas judaicas, principalmente pelos zelotes.

Assim, conclui-se que as muitas interpretações de que os judeus publicanos, principalmente Zaqueu, seriam extensores contumazes não levam em consideração a sensatez dos romanos e a sabedoria dos próprios judeus, não percebendo que a atividade de publicano seria exercida, na maioria das situações, de forma honesta, dentro do prescrito. Essas ponderações também servem para reforçar ainda mais a suposição da moralidade positiva de Zaqueu como um profissional íntegro e eficiente, ao qual lhe teria sido confiada uma região de grande arrecadação e ele teria ficado rico de forma honesta.

4.6 PUBLICANOS JUDEUS: PECADORES PELA PROFISSÃO?

Os fariseus, escribas e muitos judeus, no tempo de Jesus, consideravam que o publicano era um “pecador”, excluído da Aliança⁴⁰, porque viam a cobrança de impostos para os romanos uma conivência e exploração da dominação estrangeira sobre seu povo. Para Craig Blomberg, “pecadores”, neste contexto, se refere àqueles

³⁸ SMITH, D. *Salvation Has Come: The Transformation of Zacchaeus*, p. 20.

³⁹ MALINA, B.; ROHRBAUGH, R. L. J. *Evangelhos Sinóticos: Comentário à luz das ciências sociais*, p. 377.

⁴⁰ PAGOLA, J. A. *O caminho aberto por Jesus*, p. 310.

que notoriamente violaram as normas culturais e religiosas do judaísmo".⁴¹ Por isso, a multidão, em Lc 19,7, murmurou contra Jesus, porque ele fora hospedar-se na casa de Zaqueu, um publicano, logo pecador para eles.

Mas será que esses detratores tinham razão ou era só preconceito? Realmente, alguns publicanos cobravam a mais que o prescrito conforme adverte João Batista em Lc 3,13. Além disso, a cobrança acima do prescrito poderia ter também a conivência e o compartilhamento com os soldados que acompanhavam os publicanos, para proteção dos impostos coletados. Alguns soldados poderiam molestar com extorsões e falsas denúncias contra os pagadores de impostos, para ter um ganho extra sobre o seu soldo, como também adverte o Batista em Lc 3,14, sendo aliados à defraudação dos publicanos (Lc 3,13). Obviamente que esses fatos geravam revoltas e indignações ao povo judeu e a difamação aos publicanos espalhava-se continuamente e até historicamente. Porém, as defraudações poderiam ser raras e perigosas, pois o próprio império possuía fiscalização superior e regras punitivas para quem abusasse das coletas e ficasse com o excedente para si, conforme foi explicado no subcapítulo 4.4.

Contudo, quando o publicano cobrasse impostos conforme o prescrito, citado por João Batista (Lc 3,13), estaria sendo honesto e fazendo parte da estrutura tributária da época, não rejeitada por Jesus, que citou em Lc 20,25: "Devolvei, pois, a César o que é de César". Mas, mesmo agindo de forma honesta, ainda assim, o publicano era tratado como pecador e rejeitado como um pária impuro, principalmente pelos fariseus e escribas. Estes, por uma série de interpretações relativas à pureza do povo judeu, criaram listas de profissões tidas como desprezíveis, que rebaixavam socialmente aqueles que as exerciam, taxando-os de impuros. Numa dessas listas, constavam jogadores de dados, agiotas, organizadores de concursos de pombos, pastores, coletores de impostos e publicanos.⁴² Para Joachim Jeremias, "pode-nos parecer que cada lista é organizada de modo fantasista, de um ponto de vista inteiramente subjetivo".⁴³ Os motivos que

⁴¹ BLOMBERG, C. *Jesus e os Evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*, p. 193.

⁴² JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus, pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*, p. 404.

⁴³ JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus, pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*, p. 405.

os fariseus davam para considerar uma determinada profissão de atividade impura eram de uma complexidade e subjetividade muito pessoal. Por exemplo, a atividade de pastor era considerada impura, porque, como empregados, eles poderiam ter desprezo pelas ovelhas por não serem donos delas⁴⁴. E no caso dos publicanos, o motivo é jamais saberem a quantos lesaram ou ludibriaram para poderem fazer reparação.⁴⁵ Assim, para os fariseus, “é difícil para pastores, coletores de impostos e publicanos fazer penitência”,⁴⁶ pois não podiam ficar “puros” como eles.

Malina e Rohrbaugh dão um prudente conselho: “na avaliação da baixa opinião moral dos cobradores de impostos tão frequentes nos textos antigos, devemos, portanto, ser cuidadosos em perguntar a respeito de quem se está fazendo os julgamentos”.⁴⁷ E, no caso de fazer julgamento de Zaqueu, esse cuidado deve ser maior ainda, pois está-se julgando um publicano, filho de Abraão, que Jesus salvou (Lc 19,9).

Em várias passagens do Novo Testamento, alguns publicanos são citados como pecadores, sem descrição do pecado, mas não pela profissão. Vê-se nos exemplos a seguir. Em Mt 9,10-11 e Lc 15,1-5, em que é citado pelos evangelistas e pelos fariseus que publicanos e pecadores sentaram a mesa com Jesus, a conjunção “e” (καί) pode significar⁴⁸: *e, mas, porém, também, ainda*. Caso essa conjunção signifique “*mas, porém, também ou ainda*”, então ela une dois vocábulos em que o segundo expressa um acréscimo da ideia iniciada no primeiro. Então “publicanos ‘mas’ pecadores” significa uma afirmação que aquelas pessoas que estavam na mesa com Jesus, além de publicanos, também eram pecadores. Logo elas teriam as duas características de publicanos e de pecadores ao mesmo tempo. Aqui também pode-se entender que os fariseus estariam chamando os publicanos de pecadores, porque, segundo Benedict Viviano, era “um termo técnico para designar membros de profissões desprezadas, consideradas suscetíveis de

⁴⁴ JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus, pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*, p. 412.

⁴⁵ JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus, pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*, p. 413.

⁴⁶ JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus, pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*, p. 413.

⁴⁷ MALINA, B.; ROHRBAUGH, R. L. J. *Evangelhos Sinóticos: Comentário à luz das ciências sociais*, p. 377.

⁴⁸ RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 244.

impureza ritual e outras máculas".⁴⁹ Neste caso, são os fariseus que veem a profissão de publicano como pecadora, devido às suas regras de pureza, que Jesus muito censurou (Lc 11,39-44). Para Joachim Jeremias, a censura de Jesus aos fariseus é pela "hipocrisia no cumprimento das prescrições de pureza, quando eles mesmos são interiormente impuros".⁵⁰

Porém se a conjunção "e" (καὶ) foi escrita como uma união de dois vocábulos diferentes como "preto e branco", então Mateus, Lucas e os fariseus estariam definindo as pessoas assentadas à mesa com Jesus, umas como publicanos e outras como pecadores. Independente do significado da conjunção, ninguém está afirmando que os publicanos seriam pecadores pela profissão. Benedict Viviano interpreta que os fariseus estariam excluindo socialmente os publicanos, porque os consideravam desleais e suspeitos de traição, acreditando que lucravam mediante extorsão, logo vistos como exploradores.⁵¹ Nessa interpretação, os publicanos seriam excluídos por supostas extorsões e não pela profissão.

Assim, entende-se que os evangelistas não dizem que os publicanos são pecadores pelo exercício de sua profissão, como é o caso das prostitutas, assaltantes ou matadores de aluguel, mas somente aqueles publicanos que estavam assentados à mesa poderiam ser pecadores por extorsões ou outros delitos. Assim sendo, os fariseus estariam taxando-os de pecadores devido às suas complexas e controversas regras de pureza.

Na parábola do fariseu e o publicano (Lc 18,9-14), Jesus compara o comportamento vangloriante, arrogante e soberbo de um fariseu, com o comportamento humilde e temente a Deus de um publicano. Dessa forma, entende-se que o publicano, apesar de ser repudiado pelo fariseu, consegue a justificação por meio da sua humildade. Logo, Jesus revela que um publicano, humilde e temente a Deus, pode obter a exaltação divina, sem a necessidade de mudar de profissão. O fariseu orava dizendo: "não sou como os demais homens: ladrões, injustos e adúlteros; *nem como o publicano que está ali*".

⁴⁹ VIVIANO, B. T. *O evangelho segundo Mateus*, p. 168.

⁵⁰ JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus, pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*, p. 343.

⁵¹ VIVIANO, B. T. *O evangelho segundo Mateus*, p. 168.

Nessa passagem, não há uma afirmação clara e convicta, por parte do fariseu, de que o publicano era pecador pela profissão. Poderia ser uma rejeição preconceituosa como a um pária e conceituá-lo de impuro por estar em contato com os pagãos romanos ou exercer uma profissão vista pelo fariseu como desprezível. Porém, na sua humildade, o publicano pede piedade a Deus, porque confessa que é pecador. Mas Jesus, nessa parábola, não diz quais seriam os pecados do publicano. Poderiam ser roubos, injustiças e adultério que o fariseu disse que não praticava. Mesmo que fossem, não há relação de ser pecador por ser publicano.

Assim, verifica-se que alguns publicanos acreditaram em João Batista (Mt 21,32) e foram batizados (Lc 3,12), outro largou a profissão, seguiu Jesus (Lc 5,27-28) e foi um dos doze (Mt 10,3). Jesus era amigo deles (Mt 11,19), vários se sentavam com ele (Mt 9,10) e comiam juntos (Lc 5,29). Muitos publicanos reconheceram a justiça de Deus (Lc 7,29) e aproximavam-se de Jesus para ouvi-lo (Lc 15,1). Um publicano humilhou-se e foi justificado (Lc 18,13-14), finalmente, outro hospedou Jesus e obteve a salvação (Lc 19,1-10). Logo, muitos eram tementes a Deus. Verifica-se também que nem Jesus e nem os evangelistas afirmam que os publicanos judeus eram pecadores por causa da profissão. Apesar de serem rejeitados, repudiados, malvistas, discriminados, excluídos, enfim tratados como párias impuros pelos fariseus, escribas, sumo sacerdotes e anciãos, não há uma clara definição de que os publicanos eram pecadores pelo exercício da profissão.

Malina e Rohrbaugh advertem que “devemos ser cautelosos ao avaliar o evidente conflito entre fariseus e cobradores de impostos nos Evangelhos. A prova é menos substancial do que se pode supor a partir da leitura dos Sinóticos”.⁵²

Essa avaliação de estudiosos atuais também deve ser cautelosa, porque se julgarem Zaqueu como pecador pelo fato de ser publicano, julgarão um personagem bíblico do qual existe grande possibilidade de não ter sido um pecador pela profissão e nem proposital. Essa abordagem aqui expressa também serve para reforçar a possibilidade de Zaqueu ter sido um publicano honestíssimo e um autêntico filho de Abraão, que poderia ter realizado uma caminhada de fé para encontrar o Cristo

⁵² MALINA, B.; ROHRBAUGH, R. L. J. *Evangelhos Sinóticos: Comentário à luz das ciências sociais*, p. 378.

116 | Zaqueu e a salvação dos ricos

Salvador, a partir de um suposto batismo por João Batista em Lc 3 7-17, que culminou com o próprio Filho do Homem encontrando-o e salvando-o em Lc 19,5.

5. REFLEXÃO BÍBLICA SOBRE AS RIQUEZAS

Como Lucas cita que Zaqueu era rico (Lc 19,2) alguns estudiosos interpretam que essa condição já o faz ser pecador.¹ Porém, na Bíblia, há muitos textos pelos quais a riqueza possuída por uma pessoa poderia ser entendida como *bens de Deus* nos exemplos da fé, caridade, justiça, piedade, misericórdia, talentos (Lc 12,16-21; Mt 25,20-21) e como *bens materiais* nos exemplos do dinheiro e coisas (Gn 26,12; Gn 30,43). Logo, os homens poderiam ser classificados de *ricos em Deus* (Pr 10,22; Nm16,13; Dt 4,5-8; 11,8-15; Lc 12,16-21) e *ricos em bens materiais* (Gn 13,2; Lc 16,19-31). Neste sentido, a obtenção de bens materiais possuiria duas formas antagônicas: uma *por bençãos de Deus* (Gn 24,35; Pr 10,22 e Sl 112,3) e outra *por atitudes pecaminosas* (Ex 20,15; 1Tm 6,9).

O fiel a Deus pode ser considerado rico ou pobre em bens materiais e isso não é relevante, porque o que faz a pessoa ser pecadora não é a quantidade de suas riquezas, mas a forma de adquiri-las, o uso e o apego a elas. Sendo um fiel rico em bens materiais e dinheiro, deverá ser desapegado desses bens, e saber que a vida só é mesmo rica se vivida amando a Deus e as pessoas, compartilhando seus bens e dons para o bem comum. Os ensinamentos bíblicos mostram de que nada adianta ter coisas, bens, dinheiro, acumular riquezas e fazer sucesso em negócios, se aquele que se diz crente em Deus não o amar, nem ao próximo que está afetado pela pobreza e injustiça. A pobreza do rico está no vazio de seu coração, sem fé e insensível ao destino final prometido por Deus (Lc 18,18-23). A maior riqueza de um rico não está no acúmulo de bens e dinheiro, mas no dar caridosamente com justiça para aquele que é pobre. A verdadeira riqueza está em "ser rico para Deus" (Lc 12,16-21).

Existem muitas passagens bíblicas que mostram as formas de riquezas que salvam o homem e aquelas que o levam para a perdição. Não são os bens e o dinheiro que salvam ou levam a perdição, mas o modo de obtê-los e o propósito que seu detentor lhes dá. Tudo se resume no maior mandamento (Dt 6,5; Lv 18,5; Lv 19,18; Mt 22,34-40; Lc 10,27; Mc 12,28-31):

¹ STORNILOLO, I. *O Evangelho de Lucas: os pobres constroem nova história*, p. 167-168; FAUSTI, S. *Uma comunidade lê o Evangelho de Lucas*, p. 756.

Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo.

Segundo Córdula Langner, “embora possa ser, a riqueza em si mesma não é obstáculo para encontrar-se com Jesus, nem impede a comunicação com ele, nem exclui da salvação”.² No caso de Zaqueu, sua declaração em Lc 19,8 demonstra que ele não era apegado aos seus bens, logo não poderia ser considerado pecador por ser rico. E ainda estando rico, Jesus lhe oferece a salvação.

5.1 RICOS QUE CAEM EM DESGRAÇAS

Zaqueu era rico e poderia ter caído em desgraças bíblicas caso servisse com egoísmo e avareza aos seus bens, mas não agiu dessa forma. Muitas pessoas ricas economicamente caem em desgraças espirituais e promovem injustiças sociais quando não nutrem o devido amor a Deus e ao próximo, depositando sua confiança existencial no dinheiro e acabam idolatrando-o por meio da cobiça e avareza. Assim, o amor ao dinheiro passa a ser raiz de muitos males (1Tm 6,10).

Portanto, é o amor que o homem nutre, ou por Deus e pelo próximo, ou pelo dinheiro e bens materiais, que define a sua salvação ou perdição; e não a sua condição econômica. Há várias outras orientações bíblicas sobre a relação do homem e o dinheiro e bens materiais, que são prudentes guardá-las e cumpri-las, não importando se rico, remediado ou pobre.

Não roubarás (Ex 20,15).

Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo (Ex 20,17).

Aquele que ama o ouro não estará isento de pecado; aquele que busca a corrupção será por ela cumulado (Eclo 31,5).

² LANGNER, C. *Evangelio de Lucas Hechos de los Apóstoles*, p. 208.

Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro (Mt 6,24; Lc 16,13).

Os ricos também são igualmente alertados em Tg 4,17; 5,1-3, onde é revelado que aqueles que sabem fazer o bem e não o fazem estão cometendo pecado e muitas desgraças estão para vir.

Um exemplo da grande dificuldade de um rico entrar no Reino de Deus é descrito em Lc 18,18-27, em que um homem rico e de alta posição deseja herdar a vida eterna, porém não demonstra a mesma reverência a Jesus como Zaqueu (Lc 19,8), pois o chama de bom mestre (Lc 18,18) e não de "Senhor" (Κύριε), além disso, mesmo cumprindo parte dos mandamentos da lei mosaica (Dt 5,16-20), não é capaz de desapegar-se de seus bens e seguir Jesus. O problema daquele homem de posição em herdar a vida eterna não era o fato de ter riquezas, mas o apego a elas e não acreditar no que Jesus lhe disse. Mesmo cumprindo parte dos mandamentos, desde a juventude, o seu apego às riquezas terrenas era maior que o desejo da herança da vida eterna. Assim, ele estava servindo ao dinheiro e não a Deus (Mt 6,24) e aos pobres (Lc 18,22). Na sequência, Jesus adverte aos outros ouvintes que a dificuldade de um rico, apegado às riquezas, entrar no Reino de Deus é semelhante a hipérbole do camelo entrar pelo buraco de uma agulha.

Para Isidoro Mazzarolo, "esta é uma hipérbole para dizer que os ricos não entrarão facilmente no Reino, por causa da forma perversa como acumulam, guardam e apegam-se nas suas riquezas".³

Para a maioria dos israelitas na época de Jesus, as riquezas eram identificadas como um sinal da aprovação e das bênçãos divinas, tanto aqui quanto no além,⁴ a exemplo dos patriarcas Abraão (Gn 24, 35), Isaac (Gn 26, 12), Jacó (Gn 30,43) e do rei Salomão (1Rs 10,14-29). Para os judeus, as chances de um rico, que cumpria a lei, ser salvo eram muito maiores que um pobre, pois acreditavam que este sofria por estar pagando pecados seus ou de seus pais (Ex 20,5). Quando os ouvintes perceberam que aquele homem de posição, com toda sua riqueza e que guardava

³ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 227-228.

⁴ KARRIS, Robert. "O evangelho segundo Lucas", p. 287.

alguns mandamentos desde a juventude, não havia sido totalmente aceito, ficaram chocados e perguntaram a Jesus: "Mas então, quem poderá salvar-se?" (Lc 18,26).

Diante dessa pergunta, a resposta de Jesus foi sobre a dificuldade em entrar no Reino de Deus daqueles que têm apego às riquezas, mas não a impossibilidade. Ele também não se limitou apenas aos ricos, mas se estendeu a todos os homens dizendo: "As coisas impossíveis aos homens são possíveis a Deus" (Lc 18,27). Assim, Jesus estava revelando, de forma clara, que a salvação não é realização humana, ela é obra de Deus, ou seja, é impossível para qualquer homem, seja ele rico ou pobre, senhor ou servo, conseguir salvar-se por si mesmo.

Outra advertência de Jesus aos ricos que prosperam e agem de forma egoísta está na parábola sobre o homem rico em Lc 12,16-21, cujos campos produziam muito e ele resolveu acumular as colheitas e os bens só para si, acreditando que teria vida longa. Isidoro Mazzarolo escreve que:

A parábola coloca os bens materiais como importantes para a vida, para a subsistência, mas sem nenhuma garantia de perpetuá-la ou de prolongá-la. Desta forma, quem acumula tesouros onde a traça devora, acumula coisas passageiras (Mt 6,9-21; Lc 12,33-34).⁵

O significado dessa parábola pode ser facilmente entendido diante das palavras de Jesus que precedem imediatamente o seu início: "Precavei-vos cuidadosamente de qualquer cupidez, pois, mesmo na abundância, a vida do homem não é assegurada por seus bens" (Lc 12,15). Todo esse comportamento egoísta e soberbo também se harmonizava com sua falta de gratidão a Deus. Em nenhum momento, aquele homem rico agradeceu e glorificou a Deus por tamanha abundância que estava recebendo, mas engrandeceu a si mesmo. Ele orgulhou-se dos bens que, em sua insensatez, pensou ser o único responsável por ter juntado. Ademais, caiu no erro de pensar que era o senhor de si, sendo assim, juntou seus bens contando que viveria muitos anos. Pensou ter controle de seus dias, assim como tinha controle dos grãos que juntava em seu celeiro. Ele pensou ser completamente independente de Deus, e este foi seu maior erro, pois, ainda naquela

⁵ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 179.

noite, a sua alma seria requisitada.

Em Lc 16,14-25, existe outra narração de Jesus para fariseus avarentos sobre o terrível destino escatológico de um homem rico, que, mesmo sendo filho de Abraão, era avarento e omissos com um pobre chamado Lázaro. Jesus revela que o rico vestia roupas de púrpura e linho fino e banquetearia todos os dias, numa mesa farta. O pobre Lázaro, coberto de úlceras, ficava na porta do rico, desejando matar a fome com as migalhas que caíam da mesa. Mas nem as migalhas lhe eram dadas e até os cães vinham lambendo suas feridas. Morreram os dois homens e Lázaro foi conduzido pelos anjos ao seio de Abraão; e o rico padeceu os tormentos na mansão dos mortos. Agostinho de Hipona comenta essa narração de Jesus com a seguinte interpretação: "Não foi a pobreza que conduziu Lázaro ao céu, mas a sua humildade; nem foram as riquezas que impediram o rico de entrar no descanso eterno, mas o seu egoísmo e a sua infidelidade."⁶ Em outras palavras, foi a omissão, a avareza e a indiferença do homem rico, filho de Abraão, que o conduziu para os tormentos após a morte. Comparando as palavras de Jesus que fala em "*seio de Abraão*" e Agostinho que interpreta como "*céu*", entende-se que os anjos levaram Lázaro para o céu e lá estava Abraão (Lc 16,22), que foi rico em rebanhos, prata e ouro na terra (Gn 13,2); sendo assim, pode-se interpretar que também há ricos no céu.

Essa passagem também pode ser comparada com a parábola do bom samaritano, em Lc 10,25-37, em que Jesus explica para um doutor da lei do Deus de Israel o que vem a ser o amor ao próximo. Nessa parábola, Jesus conta que um homem foi assaltado, maltratado e deixado muito ferido no meio do caminho. Passou um sacerdote e, depois, um levita, que aqui entende-se como israelitas, descendentes de Abraão, que foram completamente omissos e passaram adiante. A seguir, passou um samaritano, cuja origem era considerada impura religiosamente pelos doutores da lei e, movido de compaixão, cuidou do ferido, praticando o verdadeiro amor ao próximo. O pobre Lázaro estava na mesma situação do homem espancado, despojado e muito ferido. O rico da mesa farta, identificado como filho de Abraão, age com o mesmo comportamento omissos do sacerdote e do levita, também descendentes de Abraão, que passaram adiante ignorando o ferido. O que

⁶ AGOSTINHO, *Sermão 24, 3* apud COSTA, A. C., *Qual o grande abismo que separa os homens na terra?* n.p.

faltou para o rico, que tinha o pobre Lázaro a sua porta, era agir com amor ao próximo, como agiu o bom samaritano (Lc 10,33-35), assim evitaria os "*tormentos da mansão dos mortos*" (Lc 16,24). Caso ele tivesse "*dado de comer ao faminto, dado de beber ao sedento, vestido o despido e cuidado do doente*" (Mt 25, 35-36), certamente, seria levado pelos anjos ao seio do pai Abraão, junto com Lázaro (Lc 16,22). Observa-se nessas passagens ditas por Jesus que o acúmulo desnecessário e o apego às riquezas promovem injustiças sociais para com os pobres, feridos e doentes, gerando um pecado. Outra destinação divina para quem peca dessa forma está em Lc 1,53, quando Maria cita que o Todo-Poderoso "cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias".

Esses textos bíblicos, ao final deste subcapítulo sobre as desgraças dos ricos, fortalecem a interpretação que o pecado não está em ter bens e dinheiro, mas está no apego, na avareza, na omissão, na falta de caridade e nas injustiças cometidas por amor ao dinheiro (Lc 16,19-25). Este subcapítulo serve para reforçar a interpretação de que Zaqueu não seria pecador, por ser rico. Deus quer ser amado e que haja amor ao próximo como a si mesmo (Lc 10,27). Quando alguém é avarento, cobiçador, amante do dinheiro, não pratica caridade e é injusto, está em pecado, porque ama bens e dinheiro acima de Deus e do próximo (Ecl 31, 5) e não foi o caso de Zaqueu, porque foi generoso com os pobres e justo com os possíveis extorquidos (Lc 19,8). Logo, o pecado e sua conseqüente desgraça na vida eterna não estão em possuir bens e dinheiro, mas nos maus desejos e na má prática do homem, que confia sua vida nos bens e não em Deus, assim como não auxilia o próximo.

5.2 RICOS ABENÇOADOS

Zaqueu era rico e foi abençoado com a salvação de Jesus. Na Bíblia, também há relatos de personagens que ficaram ricos em bens e dinheiro com as bênçãos de Deus. No Antigo Testamento, cita-se como exemplo Abraão, Isaac e Jacó.

Deus escolheu Abraão para ser o patriarca, que iria dar início a um povo, sendo que o próprio Deus iria revelar a plenitude de sua Verdade na pessoa de seu Filho, Jesus Cristo. Abraão foi sucedido pelo seu filho Isaac e, depois, pelo neto Jacó. Os três personagens foram escolhidos e abençoados por Deus e foram ricos, conforme

revelam as passagens veterotestamentárias que seguem.

Abrão era muito rico de rebanhos, de prata e de ouro (Gn 13, 2).

O Senhor cumulou Abraão de bênçãos e tornou-o muito rico: deu-lhe ovelhas e bois, prata e ouro, servos, servas, camelos e jumentos (Gn 24, 35).

Isaac semeou naquela terra e, naquele ano, colheu o cêntuplo, porque o Senhor o abençoava. O homem enriqueceu, e sua riqueza continuou a crescer, tornando-se extremamente rico (Gn 26, 12-13).

Assim, Jacó tornou-se extremamente rico e chegou a possuir enormes rebanhos de ovelhas e cabras, servos e servas, camelos e jumentos (Gn 30, 43).

Disse mais: 'Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó' (Ex 3,6).

Numa leitura interpretativa socioeconômica dessas cinco passagens, conclui-se que o Deus de Abraão, Isaac e Jacó é também Deus dos ricos, relacionando com o rico Zaqueu, revelado por Jesus como filho de Abraão (Lc 19,9).

No Novo Testamento, em Lc 8,3 percebe-se que Jesus também tinha discípulas ricas como Maria Madalena; Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes; Suzana e várias outras que o serviam com seus bens e eram abençoadas por estarem seguindo o Filho de Deus.

Para Hahn e Mitch, "a missão urgente de Jesus não deixava tempo para ele e seus discípulos se estabelecerem num negócio. Várias mulheres, portanto, os acompanhavam para oferecer provisão e assistência financeira".⁷ Lucas ao descrever que Joana era mulher de Cuza, um alto funcionário do rei Herodes, estaria revelando que ela era rica, como eram também Maria Madalena, Suzana e várias outras, que mostram seu desapego ao dinheiro e grande amor a Jesus, por meio da assistência financeira. Francis Davidson esclarece que "Jesus e os doze formaram

⁷ HAHN, S.; MITCH, C. *O Evangelho de São Lucas: Caderno de estudo bíblico*, p. 64.

um grupo viajante, indo de um lugar para o outro com a mensagem do Reino de Deus; e outro grupo, composto de mulheres ricas, que acompanhavam e providenciavam o necessário para eles serem recebidos e mantidos".⁸ Esse grupo de mulheres seguiu Jesus até a cruz (Lc 23,49).

Outros discípulos ricos de Jesus foram José de Arimatéia e Nicodemos. G. D. Gordini explica que José de Arimatéia era "homem rico (Mt 27,57) e membro ilustre do Sinédrio (Mc 15,43; Lc 23,50), José tinha em Jerusalém um sepulcro novo, cavado na rocha, próximo do Gólgota. Era discípulo de Jesus, mas mantinha isso em segredo".⁹ Joachim Jeremias refere que "o conselheiro Nicodemos era rico; dizem que levou ao túmulo de Jesus, para ungi-lo, 100 libras romanas de mirra e aloés (Jo 19,39)".¹⁰

José de Arimatéia e Nicodemos tinham características comuns. Eram discípulos de Jesus, ricos, membros do sinédrio e muito corajosos, pois expuseram-se publicamente, à vista dos fariseus e romanos, ao cuidarem, com muito zelo, do corpo de Jesus, retirado da cruz (Mt 27,57; Mc 15,43; Lc 23,50 e Jo 19,39). Como conclusão desse tema, vê-se que alguns personagens bíblicos ficaram muito ricos sob as bênçãos de Deus, como Abraão, Isaac e Jacó. E Jesus era servido com bens de mulheres ricas como Maria Madalena, Joana, Suzana e várias outras, assim como tinha discípulos ricos como José de Arimatéia e Nicodemos, e que também eram abençoados, por estarem seguindo o Filho de Deus. Assim, se poderia interpretar que Zaqueu também seria um rico abençoado, por ser honesto e íntegro filho de Abraão, que, batizado por João Batista, recebeu a bênção da salvação de Jesus.

5.3 A RECOMPENSA DOS RICOS BEM-AVENTURADOS

Zaqueu era rico e foi bem-aventurado, pois teve um encontro com Jesus e recebeu a recompensa da salvação. Os ricos em bens materiais podem ser bem-aventurados e recompensados, caso também forem ricos para Deus (Lc 12,21) e generosos com o próximo, no exemplo de Zaqueu. No Antigo Testamento, em Eclo

⁸ DAVIDSON, F. *O Novo Comentário da Bíblia*, p. 1038.

⁹ GORDINI, G. D. *Giuseppe di Arimateia*, p. 1292, apud OPUS DEI. *Quem foi José de Arimateia?* n. p.

¹⁰ JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus, pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*, p. 139.

31,8-11, há uma citação que chama de bem-aventurado o rico que foi achado sem maldades e não colocou sua esperança no dinheiro. Para esse rico, é reservada uma glória eterna e suas esmolas serão louvadas.

No Novo Testamento, em Mt 6,2-4, Jesus revela o verdadeiro e o falso zelo moral da esmola e sua recompensa, orientando os seus discípulos que deem esmolas de forma oculta, sem alardes públicos, para receber a recompensa do Pai. Segundo Jean Croiset:

Por esmolas deve-se entender não só todas as bondades que os ricos fazem para com os pobres, mas também suas boas obras e sobretudo os frutos de seu zelo. Ora, todos os santos podem agir com zelo, de qualquer condição que sejam. Ou seja, o verdadeiro zelo tem o puro amor de Deus por princípio; o falso zelo, contudo, é fruto do amor-próprio e da vaidade.¹¹

Jesus também revela, em Mt 25,34-36, a recompensa no último julgamento para aqueles que agiram amando ao próximo com seus bens terrenos, lembrando dos famintos, sedentos, forasteiros, desabrigados, despedidos, doentes e prisioneiros. Para dar ao pobre os bens materiais que ele precisa, é necessário ser possuidor desses bens como: comida, bebida, casa, roupas, remédios e, para facilitar, dinheiro. Os ricos em bens materiais são os maiores possuidores dessas riquezas confiadas por Deus, que eliminam o sofrimento da pobreza material. Esse *dar* que Jesus revela é a caridade econômica, na qual o caridoso ama o próximo com seus bens e dinheiro, e quanto mais tem, maior será a cobrança, conforme Lc 2,48: "A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido". Assim, a salvação do pobre é a humildade e a salvação do rico é a caridade.

Na parábola do Bom Samaritano (Lc 10,33-35), já citada anteriormente, Jesus revela a caridade econômica, ao explicar o amor ao próximo para um doutor da lei. O samaritano, rejeitado pelos legistas, estava de viagem, longe de sua casa, em terreno hostil, e possuía um animal, remédios e dinheiro. Esse personagem, analisado sob a ótica socioeconômica do seu tempo, só poderia ser rico ou classe média alta, pois seria improvável ser pobre ou até classe média baixa, devido às posses que

¹¹ CROISSET, J. *O verdadeiro e o falso zelo*, n.p.

Jesus revela e à distância de sua terra natal. Ao mover-se de compaixão com o ferido, ele aproximou-se e cuidou de suas feridas, dispensando-lhe cuidados, agindo com caridade social. Ao custear os serviços de saúde que o hospedeiro realizaria, com dois denários¹² e ressarcir o que fosse a mais, quando regressasse, Jesus revela que o samaritano está amando aquele próximo, praticando caridade econômica, com seu dinheiro.

É com essa misericórdia social e econômica que os ricos devem agir para demonstrar amor ao próximo. Assim, se tiverem fé e esperança, também amarão a Deus, pois cumprirão a revelação de Pr 3,9: "Honra ao Senhor com teus bens e com as primícias de todos os teus rendimentos". Sobre esse tema Clemente de Alexandria também escreveu: "De modo que não é rico aquele que tem dinheiro e o conserva, mas aquele que o reparte. É a doação e não a retenção que o faz feliz. A generosidade é fruto da alma; por isto que a riqueza tem sua sede na alma."¹³

Agostinho de Hipona, comentando suas percepções cristãs a respeito dos ricos e da recompensa da salvação, escreveu que a conquista da vida eterna está em fazer o bem e ser rico em generosidade, depositando toda confiança no Deus vivo.¹⁴

5.4 RICOS E FAMOSOS: VÍTIMAS DE INVEJOSOS

Jesus era famoso e Zaqueu era rico. O fato de possuir fama e riquezas, geralmente, causa inveja a algumas pessoas. "A inveja é um sentimento em que se misturam o ódio e o desgosto, e que é provocado pela felicidade, prosperidade de outrem"¹⁵. Esse sentimento de inveja em relação aos outros que possuem fama e/ou prosperam em riquezas é um comportamento comum entre as pessoas e acaba gerando preconceitos e hostilidades por parte dos invejosos.

No Antigo Testamento, existe relato sobre esse fato em Gn 26,13-14, no qual Isaac enriqueceu muito em rebanhos e em empregados e os filisteus acabaram ficando com inveja dele. No Sl 73,1-3, o salmista declara que quase desviou-se de ser limpo de coração porque teve inveja dos arrogantes ao ver a prosperidade dos

¹² Em Mt 20,1-16, um denário valia um dia de trabalho de um coletor de uvas.

¹³ CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *O Pedagogo*, p. 259.

¹⁴ AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*, XV, 4.

¹⁵ HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, p. 1.642.

ímpios.

Essa inveja também poderia estar sendo sentida por aqueles que murmuraram contra Jesus e conceituavam Zaqueu como pecador (Lc 19,7). Jesus era famoso, pois juntava multidões e Zaqueu era maioral dos publicanos e rico. Assim, no meio dos murmuradores, teriam pessoas que tinham inveja de Jesus por causa de sua fama e invejariam Zaqueu devido ao seu sucesso profissional e a sua riqueza. Neste sentido, Jesus ao ser criticado e Zaqueu ao ser taxado de pecador poderiam estar sendo vítimas de invejosos. Essa narração é mais um argumento para fortalecer a interpretação de que Zaqueu, em Lc 19,8, poderia estar fazendo uma defesa contra os murmuradores invejosos e Jesus o teria justificado (Lc 19,9).

6. A EVANGELIZAÇÃO DE RICOS EMPRESÁRIOS

Zaqueu era rico e autoridade pública. Após receber de Jesus a graça da salvação e ser reconhecido como filho de Abraão, supostamente continuou sua atividade profissional, pois Lucas não revela nenhuma mudança que merecesse ser descrita. Ele sempre será exemplo para os ricos devido à sua fé e conduta caridosa. Este trabalho concentra-se nas pessoas ricas e, atualmente, existem muitos tipos de atividades econômicas para obtenção de riquezas. Entre esses tipos, cita-se: empresários, dirigentes empresariais, autoridades públicas, herdeiros, artistas, jogadores esportivos etc. Como cada atividade possui características, capacidades e comportamentos diferentes, descrever as evangelizações específicas para cada uma delas seria um trabalho exaustivo. Assim sendo, os temas seguintes focarão na evangelização específica para ricos da área empresarial, pois, nessa atividade, concentra-se o maior número de pessoas, assim como na sua contribuição para diminuir a pobreza.

José Comblin traz um pensamento para a introdução desse tema sobre a evangelização específica devido à existência da diversidade dos carismas. Os ricos têm lugar na comunidade, pois cada pessoa ocupa um lugar na vida social. Os seres humanos não são totalmente iguais e cada pessoa possui capacidades distintas e praticando-as nos grupos sociais, religiosos, políticos e econômicos.¹ O estudioso conclui que “por isso o ideal da comunidade cristã não é a igualdade, e sim, como diz São Paulo, a diversidade dos carismas na unidade da fé e da caridade. Entre os carismas, também existe o de governo”.²

Na diversidade do carisma de governo, pode-se encontrar o de gestão e o de liderança empresarial, fazendo que algumas pessoas tenham maiores qualidades ou talentos para liderar um empreendimento econômico. Possuindo liberdade e responsabilidade, elas sabem multiplicar melhor os talentos, de acordo com suas capacidades, conforme Jesus exemplifica na parábola dos talentos (Mt 25,14-30). Na vida em sociedade, nenhum grupo subsiste sem liderança esclarecida e decidida. Nenhuma empresa ou sistema social funciona por pura virtude de ideias

¹ COMBLIN, J. “Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos”, p. 8.

² COMBLIN, J. “Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos”, p. 8.

consensuais ou associação. Sempre é necessário ter líderes. Alguém que tome a iniciativa, que dê orientação e que assegure a perseverança nas diferentes atividades humanas. Por outro lado, sempre haverá alguém que se destacará mais que os outros nos enfrentamentos dos diferentes desafios que surgem na economia, na política, na religião e na vida social, liderando pessoas para alcançar o bem comum, tornando-se “ricas” naquilo que fazem. Na atividade econômica, essas pessoas são os empresários de sucesso.

Os maiores “ricos”, contudo, são aqueles que possuem valores humanos e uma grandiosa fé que os motiva a promover o amor, cuja maior recompensa é receber a graça da salvação de Jesus, como no exemplo de Zaqueu. Por isso, todos os ricos em bens materiais e capacidades econômicas devem ser evangelizados, para compreenderem melhor seu papel na sociedade, respondendo a sua vocação e tornarem-se também ricos para Deus (Lc 12,13-21), participando na edificação do Seu Reino.³

Mais uma vez, José Comblin esclarece com sabedoria o papel dos ricos na construção da sociedade.

A sociedade atual tornou-se infinitamente complexa e ainda não aprendemos a viver na nossa sociedade ou, melhor, estamos bem no início de nossa aprendizagem. De que maneira os ricos contemporâneos, todos os que possuem capacidades que lhes permitem ter acesso à condição e às vantagens da burguesia, poderiam colocar os seus talentos a serviço dos pobres? Sem a colaboração dos ricos as massas pobres não têm nenhuma possibilidade de se articular para a formação de movimentos sociais populares. Menos ainda poderiam criar-se meios de subsistência que tirassem essas massas da condição precária em que estão hoje. Sozinhos, os pobres não têm possibilidade alguma de se libertar da condição de opressão. Precisam de pessoas que estejam bem inseridas no mundo atual e conheçam todos os seus recursos, colocando todas as suas capacidades à disposição da libertação dos pobres. Simplesmente distribuir bens, como Barnabé, poderia ser um paliativo

³ DICASTERIO PARA O SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E INTEGRAL. “A Vocação do Lider Empresarial: uma reflexão”, p. 32.

momentâneo, ainda que indispensável em certas situações, mas não seria libertação".⁴

Também de nada adiantaria economicamente para um rico empresário vender todos os seus bens, casa e empresa e distribuir para os pobres. Se assim o fizesse, ele passaria a ser mais um pobre em bens materiais, empresariais e não teria condições de realizar sua vocação de empresário. A capacidade de um rico empresário amar, igualmente, está na colocação de suas habilidades de liderança e bens materiais para a promoção das pessoas pobres e sua inclusão numa melhor qualidade de vida. Mas para a salvação do rico, também não adianta fazer filantropias e ignorar a pessoa de Jesus. Lucas revela que quem salva é Jesus. É como na passagem do rico notável (Lc 18,18-30), não adianta querer entrar na vida eterna sendo bom cumpridor de parte dos mandamentos, mas apegado ao dinheiro e aos bens terrenos, não ser generoso com os pobres e não seguir Jesus. Nessa passagem, Jesus revela aos discípulos que é impossível ao homem salvar-se, mas, para Deus, tudo é possível. Assim, verifica-se que é essencial para a salvação de um rico, além de ajudar os pobres, ele também deve amar a Deus.

Um fato observado, atualmente, é que o desejo de salvação eterna está sendo ofuscado pelo desejo concentrado na felicidade terrena, focado no desenvolvimento econômico e na acumulação de riqueza. Mesmo havendo melhoria da qualidade de vida da maioria da atual população humana, principalmente, nos últimos trinta anos, ainda existe muita pobreza a ser combatida. Antes da pandemia, o Banco Mundial registrava 830 milhões de pessoas ou 11% da humanidade, vivendo abaixo da linha da pobreza, denominando-as de extremamente pobres⁵. Após a pandemia, calcula-se que esse número aumentará em mais de 150 milhões de pessoas⁶.

Em Mc 14,7, Jesus disse: "Na verdade, sempre tereis os pobres convosco e, quando quiseres, podeis fazer-lhes o bem, mas a mim nem sempre tereis". Assim, muitas pessoas e instituições fazem o bem cuidando dos pobres, por sua vez, os

⁴ COMBLIN, J. "Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos", p. 9.

⁵ BANCO MUNDIAL. *A Pobreza Extrema Mundial Continua a Baixar, mas a Um Ritmo Mais Lento: Banco Mundial*, n.p.

⁶ BANCO MUNDIAL. *COVID-19 pode levar mais de 150 milhões de pessoas para a extrema pobreza até 2021*, n.p.

cristãos têm por missão propagar os valores ensinados por Jesus, para aumentar a fé e promover a caridade e a justiça aos mais necessitados. Em uma simples visão sobre a economia, conclui-se que quem mais pode ajudar os pobres são os ricos. Então, um dos maiores desafios cristãos é ensinar os valores do Evangelho para essas pessoas ofuscadas somente pela felicidade terrena, para promover a sua conversão e aumentar a esperança da felicidade eterna, como consequência de uma caminhada, que culminará com um encontro pessoal com Cristo.

Como já expressei, este trabalho também tem por perspectiva dar mais um auxílio para a catequese de ricos, com vistas a iniciar uma caminhada para o encontro com Cristo e melhorar a vida dos pobres. A catequese atual está focada na opção preferencial pelos pobres, mas não deve transcurar a evangelização dos ricos. Essas ações legítimas do cristianismo devem incluir todas as pessoas, independentemente de suas situações sociais, econômicas e políticas. A salvação é para todos e assim também deve ser o ensino promovido pela Igreja. Jesus não excluiu os ricos e relembra-se que ele tinha discípulos ricos como Maria Madalena, Joana, Suzana, José de Arimatéia e Nicodemos. Assim também a evangelização deve conter ensinamentos e exemplos para ricos, como o de Zaqueu. Igualmente, deve-se considerar que a conversão dessas pessoas da elite econômica produzirá frutos que beneficiarão toda a sociedade, principalmente os pobres.

Baseado na suposição do batismo (Lc 3,12), o rico Zaqueu (Lc 19,2) tinha a esperança da salvação, teve fé em Jesus como Cristo (Lc 3,15) e foi salvo (Lc 19,9). Essa caminhada de fé motivou-o a promover caridade para os pobres e justiça para os injustiçados (Lc 19,8). Esse rico publicano é exemplo para os atuais ricos, que são empresários e possuem a esperança da salvação. Sendo assim, faz-se necessário um entendimento bíblico e moderno sobre a classe empresarial, para elaboração de uma evangelização mais específica. Para contribuir para essa evangelização, o presente trabalho traz a seguir um estudo que define o conceito de empresário, sua vocação e indicações sobre a catequese específica para essas pessoas.

6.1 O EMPRESÁRIO

A definição de *empresário*, nos conceitos socioeconômicos, é aquele que, na sua atividade econômica, possui dois elementos: é proprietário dos bens de capital e dos bens de produção, comercialização e serviços da sua atividade; e emprega pessoas para trabalharem com seus bens, chamadas de empregados.⁷ Na lógica econômica, os empresários precisam ser ricos, possuindo riquezas empresariais em dinheiro e bens produtivos que viabilizam a atividade, também dão segurança empregatícia aos seus empregados e podem diminuir o desemprego, diminuindo a pobreza.

No Brasil, em janeiro de 2022, a população ocupada era de 95 milhões de pessoas.⁸ Destas, quatro milhões (4,2%) eram empresários, que empregavam 47 milhões (49,2%) de empregados do setor privado. Isso mostra que cada empresário emprega, em média, 12 pessoas, refletindo sua importância social e econômica para o país. O restante das outras pessoas (46,6%) era do setor público (11,9%), trabalhadores domésticos (5,9%) ou trabalhavam por conta própria (26,8%). Ainda assim, existiam 12 milhões de pessoas desempregadas. Observa-se aqui que a maior probabilidade para a redução do número de desempregados está nas ações empreendedoras dos empresários.

Alguns empresários não são ricos em bens empresariais e/ou possuem dificuldades econômicas. Estando nessas condições, eles possuem também muitas dificuldades para multiplicar seus talentos empresariais que gerariam mais empregos, inovações, melhorias aos seus trabalhadores, clientes e ajudas sociais a outras pessoas fora da empresa. Como este livro é focado nos ricos, serão descritas formas de evangelização aos empresários que possuem boa sustentabilidade econômica de seus negócios.

A existência de personagens bíblicos com semelhantes elementos socioeconômicos dos atuais empresários ricos é observada em várias passagens. Começa-se pelo Antigo Testamento, analisando a situação socioeconômica dos

⁷ LORANDI, J. *Deus e o empresário, uma vocação*, p. 80-81.

⁸ MINISTÉRIO DA FAZENDA. *Centrais de conteúdo. Publicações da conjuntura econômica, emprego e renda/2022. Informativo Pnad. Jan.2022*, n.p.

patriarcas. Em Gn 13,2 e 24,35, há a descrição de que Abraão era muito rico em ouro e prata, rebanhos, servos e servas. Nos tempos modernos, esses elementos são totalmente semelhantes aos dos atuais empresários. O ouro e a prata e os rebanhos são bens de capital, de produção, comercialização e serviços; e os servos e as servas são os empregados. Assim, pode-se conceituar que Abraão foi um "empresário" na sua atividade econômica. Pode-se até defini-lo melhor como "empresário pecuarista". Em Gn 26,12-13; 26,19 e 30,43, percebe-se a existência desses mesmos elementos na vida socioeconômica de Isaac e Jacó. Assim, pode-se afirmar que os três patriarcas eram "empresários pecuaristas".

Um entendimento oportuno é lembrar que, em Ex 3,6, Deus disse a Moisés: "Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó". Desse modo de comparação, é afirmativo entender que o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó é o Deus de três "ricos empresários".

No Novo Testamento, encontram-se os elementos socioeconômicos que definem o empresário atual em várias parábolas de Jesus. Pode-se verificar, como exemplo, na parábola do filho pródigo em Lc 15,11-32. O homem que tinha dois filhos, possuía bens de capital como a herança. Também tinha empregados, campo e rebanho. Os bens de produção, comercialização e serviços, da linguagem moderna, são o campo e o rebanho na parábola. Com essas características socioeconômicas, pode-se afirmar que esse personagem da parábola de Jesus era um "empresário".

Há outras parábolas em que são percebidos personagens que possuem os elementos socioeconômicos que os caracterizaria como empresários. São elas: parábola do joio e do trigo (Mt 13,24-30); parábola dos trabalhadores da vinha (Mt 20, 1-16); parábola dos vinhateiros homicidas (Mt 21,33-44; Mc 12,1-12; Lc 20,9-19); parábola do mordomo (Mt 24,45-51); parábola dos talentos (Mt 25,14-30); parábola da figueira infértil (Lc 13,6-9); parábola do administrador infiel (Lc 16,1-8) e parábola da fé (Lc 17,5-10).

Paulo Apóstolo, que também trabalhou como fabricante de tendas com Áquila e Priscila (At 18,1-4), escreve orientações éticas e espirituais aos "empregados" e "empresários" do seu tempo. Em Cl 3,22-24, o apóstolo orienta os servos (empregados) a obedecerem aos senhores dessa vida (empresários) com humildade e temor a Deus. E aos senhores dessa vida (empresários), em Cl 4,1, Paulo orienta a

dar aos servos (empregados) aquilo que é justo e equitativo, sabendo que esses empregadores também têm um Senhor no Céu.

Assim, interpreta-se que a classe empresarial e sua conduta ética também são componentes bíblicos.⁹ Logo, a relação empresário e empregado deve conter os mandamentos do amor a Deus e ao próximo, como a si mesmo, para herdarem a vida eterna (Lc 10,25-28). O empresário deve amar Deus sabendo que tem um Senhor no céu e amar seus empregados com justiça e equidade (Cl 4,1). Os empregados devem amar Deus fazendo tudo como fosse para o Senhor e amar os empresários por meio da obediência com simplicidade de coração (Cl 3,22-24).

Mas, nessa relação empresarial, também existem injustiças e extorsões que tornam as pessoas pecaminosas. No caso dos empresários ricos, mas avarentos, egoístas (Lc 16,19-31), que não remuneram com justiça seus trabalhadores (Ex 20,17) e que depositam suas vidas nas riquezas materiais e não são ricos para Deus (Lc 16-21), eles são alertados sobre muitas desgraças como em Tg 5,1-6. Nessa carta, há uma previsão de desgraças aos ricos "empresários" que não pagaram o salário aos seus trabalhadores. Por isso, uma evangelização específica torna-se necessária tanto para a conversão e salvação dessas pessoas pecadoras, como para a libertação e justiça aos oprimidos.

6.2 VOCAÇÃO DO EMPRESÁRIO: UMA NOBRE TAREFA

Como a atividade empresarial é interpretada como um componente bíblico, desse modo, ser empresário ou empresária também é interpretado, pelo Magistério da Igreja, como uma vocação.

A vocação é um chamado específico de Deus a cada pessoa. Vários documentos atuais da Igreja, descritos a seguir, citam essa conclusão vocacional dos empresários. O Episcopado no Documento de Aparecida esclarece que Jesus revela a vocação e o Espírito Santo motiva especificamente cada pessoa, incluindo os empresários, descrevendo que: "Jesus Cristo revela o amor misericordioso do Pai

⁹ O entendimento sobre a classe empresarial e sua conduta ética serem componentes bíblicos também está baseado no reconhecimento do Magistério da Igreja de que ser empresário é uma vocação. O capítulo seguinte 6.2 contém maiores esclarecimentos.

e a vocação, a dignidade e o destino da pessoa humana."¹⁰ Além disso, esclarece que:

Quando o impulso do Espírito Santo impregna e motiva todas as áreas da existência, então também penetra e configura a vocação específica de cada pessoa. Assim se forma e desenvolve a espiritualidade própria de presbíteros, de religiosos e religiosas, de pais de família, de empresários, de catequistas etc. Cada uma das vocações tem um modo concreto e diferente de viver a espiritualidade, que dá profundidade e entusiasmo para o exercício concreto de suas tarefas ¹¹

O Papa Francisco define que a vocação de um empresário é uma nobre tarefa.¹² Essa tarefa parte, inicialmente, em dar um sentido mais amplo em sua vida e focar verdadeiramente o bem comum. No Compêndio da Doutrina Social da Igreja, o magistério também ensina que a vocação na atividade econômica pode ser transformada em caminho de santificação, desde que sejam realizadas obras de justiça e solidariedade.¹³ A santificação aqui citada refere-se a uma atividade econômica em que haja a dedicação nas virtudes teologais dos discípulos de Cristo, conforme 1Cor 13,1-13, que são a fé, a esperança e a caridade. Os Bispos no Documento de Aparecida reconhecem a atividade empresarial e louvam a Deus por esses talentos que promovem a geração de trabalho e elevam a condição humana e o bem-estar social.¹⁴ O magistério que formulou o Catecismo da Igreja Católica cita que, nas responsabilidades dos empresários, pesam os valores econômicos e ecológicos e, principalmente, o bem das pessoas.¹⁵

Assim, conclui-se teologicamente que as funções de empresário e empresária são uma vocação com nobre tarefa para fins de ordenamento e liderança da atividade econômica, com objetivos do bem comum, da justiça e da solidariedade,

¹⁰ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO – CELAM. *Documento de Aparecida*, par. 6.

¹¹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO – CELAM. *Documento de Aparecida*, par. 285.

¹² FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: A alegria do Evangelho*, par. 203.

¹³ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina social da Igreja*, par. 326.

¹⁴ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO – CELAM. *Documento de Aparecida*, par. 122.

¹⁵ CATECISMO da Igreja Católica, num. 2432.

trilhando o caminho da santificação. E como, naturalmente, os empresários de sucesso tornam-se ricos como Zaqueu (Lc 19,2), é muito importante para o cristianismo haver uma evangelização específica para que essas pessoas possam ser generosas e justas (Lc 19,8), podendo receber a salvação de Jesus em sua casa (Lc 19,9).

6.3 A EVANGELIZAÇÃO DOS EMPRESÁRIOS

Como a vocação de empresário é uma nobre tarefa, a sua evangelização é outra tarefa do Magistério da Igreja e dos catequistas. Como o "ser" empresário exige uma série de habilidades, conhecimentos laborais, necessidades de mercado, liderança, coragem, persistência e ânimo específicos da dimensão econômica, assim também a evangelização dessas pessoas exige, por parte dos evangelizadores, habilidades, conhecimentos, liderança, coragem, persistência e carisma específicos da Doutrina Cristã para a classe empresarial. Neste caso, o evangelizador deve possuir os mesmos sentimentos de Lucas que o levou a escrever o Terceiro Evangelho para a esperança dos pobres¹⁶ e Atos dos Apóstolos para orientação aos ricos¹⁷ assim como usar o exemplo do rico Zaqueu e sua salvação por Jesus. A preparação dos evangelizadores dos empresários e seus ensinamentos possui muitas fontes de auxílio, apresentadas a seguir. Essas fontes seguem os entendimentos definidos na Bíblia, citados anteriormente, e nos diversos documentos pastorais e sociais da Doutrina Cristã. Esses documentos também servem de base para a formação dos caminhos para a evangelização e salvação dos ricos.

Entre inúmeros documentos que auxiliam essa evangelização, citam-se várias mensagens contidas nas encíclicas papais. Uma das mais importantes, que merece destaque ao evangelizador é a *Rerum Novarum*, de 1891, do Papa Leão XIII, que trata sobre a condição dos operários.¹⁸ Nela, o Sumo Pontífice dá orientações equilibradas dos deveres dos cristãos no campo do trabalho.

¹⁶ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 18.

¹⁷ COMBLIN, J. *Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos*, p. 2.

¹⁸ LEÃO XIII. *Rerum Novarum*: Sobre a questão dos operários.

Entre estes deveres, há os que dizem respeito ao pobre e ao operário que deve fornecer integral e fielmente todo o trabalho a que se comprometeu por contrato livre e conforme à equidade; não deve lesar o seu patrão, nem nos seus bens, nem na sua pessoa; as suas reivindicações devem ser isentas de violências e nunca revestirem a forma de sedições; devem fugir dos homens perversos que, nos seus discursos artificiosos, lhe sugerem esperanças exageradas e lhe fazem grandes promessas, as quais só conduzem a estéreis pesares e à ruína das fortunas. Quanto aos ricos e aos patrões, não devem tratar o operário como escravo, mas respeitar nele a dignidade do homem, realçada ainda pela do cristão.¹⁹

Essas orientações do Papa são inspiradas na epístola Cl 3, 22-24; 4,1. Depois dessa encíclica, foram emitidas muitas outras, além de inúmeros documentos como: catecismos, compêndios, exortações, documentos episcopais etc., todos em plena conciliação com os Evangelhos, e que servem de luz para formação de planos de evangelização para ricos empresários.

Um documento muito oportuno para a formação de valores aos empresários é *A Vocação do Líder Empresarial, Uma Reflexão*²⁰, no qual há uma orientação da Igreja sobre a atividade empresarial e sua importância e responsabilidade. Neste documento, os líderes empresariais são chamados a comprometer-se com o mundo econômico e financeiro contemporâneo à luz dos princípios da dignidade humana e do bem comum. Conforme Peter Turkson²¹, "este documento é uma espécie de *vademécum* para homens e mulheres de negócios e para ser utilizado por professores nos momentos de formação e para a instrução nas escolas e universidades".²²

Os empresários cristãos também têm o dever de evangelizar seus irmãos de fé e de atividade econômica para cumprir o ordenamento de Jesus: "Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura" (Mc 16,15). Essa forma de evangelizar pode ser por intermédio de associações e movimentos de Igreja. O

¹⁹ LEÃO XIII. *Rerum Novarum*: Sobre a questão dos operários, núm. 12.

²⁰ DICASTERIO PARA O SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E INTEGRAL. "A Vocação do Líder Empresarial: uma reflexão".

²¹ PETER TURKSON é cardeal e prefeito do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano e Integral da Santa Sé.

²² TURKSON, P. *Prefácio de A Vocação do Líder Empresarial: uma reflexão*, p. 3.

Compêndio da Doutrina Social da Igreja indica que:

As associações de categoria, que unem os associados em nome da vocação e da missão cristã no interior de um determinado ambiente profissional ou cultural, podem desempenhar um precioso trabalho de amadurecimento cristão. Assim se pode dizer de associações de docentes cristãos, de médicos, de juristas, de empresários, pois é em tal contexto que a Doutrina Social Cristã revela a sua eficácia formativa diante da consciência de cada pessoa e da cultura de um país.²³

Um dos exemplos dessas associações de evangelização de empresários é a União Internacional de Empresários Cristãos (UNIAPAC)²⁴ e suas afiliadas em quatro continentes que possuem objetivo de unir, orientar e inspirar os líderes empresariais para que, à luz do Pensamento Social Cristão, comprometam-se à sua formação pessoal, à transformação de suas empresas e do ambiente de negócios e à contribuição para a construção de uma sociedade mais justa e humana, a qual foi fundada em 1931. Há novos movimentos tais como o Legatus, Economia de Comunhão dos Focolares, Compagnia delle Opere da Comunhão e Libertação, Ignatian Business Chapters, Christians in Commerce ou grupo de investidores tais como o Interfaith Center for Corporate Responsibility, que também buscam a união de cristãos vocacionados ao empresariado.²⁵ Outro exemplo é a Comunidade Internacional de Empresários e Executivos Schoenstattianos (CIEES)²⁶, que busca promover a pedagogia e a espiritualidade do padre José Kentenich no mundo do trabalho e da empresa, e que, atualmente, está presente em 12 países das Américas.

Outra forma de evangelização de empresários é a criação de uma Pastoral do Empresário nas paróquias e dioceses. Uma pastoral sob responsabilidade espiritual do bispo diocesano é um dos clamores do próprio episcopado expresso no Documento de Aparecida. Os sucessores dos apóstolos esclarecem que os leigos

²³ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina social da Igreja*, par. 550.

²⁴ UNIAPAC. *The purpose of UNIAPAC is*, n.p.

²⁵ DICASTERIO PARA O SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E INTEGRAL. *A Vocação do Líder Empresarial: uma reflexão*, p.26, nota 72.

²⁶ CIEES. *CIEES: Shoenstatt en el trabajo*, n.p. Disponível em: <https://cieesinternacional.org/>. Acesso em 01 abr. 2022.

precisam ser doutrinados nos valores cristãos nos âmbitos social, político, econômico e cultural. Para optar preferencialmente pelos pobres, os pastores devem entender e acolher o discípulo de Cristo, com especial atenção aos responsáveis pelas finanças e dos que fomentam o emprego. Para isso, é proposta uma pastoral urbana que desenvolva uma atenção especializada das diferentes categorias, entre elas, a dos empresários.²⁷

No Brasil, existem vários movimentos de Igreja para evangelização de empresários. Um deles é a Pastoral do Empreendedor²⁸ que já está implantada em mais de 50 paróquias brasileiras. Sua missão específica é cuidar pastoralmente dos empreendedores. Há também instituições religiosas que têm por objetivos primordiais a evangelização para a santificação de todos e possuem doutrinas cristãs, igualmente, orientadas para os empresários. Um dos exemplos é a prelazia Opus Dei²⁹, fundada por José Maria Escrivà, canonizado em 2002, cuja finalidade é contribuir para a missão evangelizadora da Igreja, promovendo, entre fiéis cristãos de todas as condições, uma vida plenamente coerente com a fé nas circunstâncias correntes da existência humana e, especialmente, por meio da santificação do trabalho. Essa prelazia está presente em todos os continentes.

É muito importante ressaltar que todos estes movimentos de evangelização de ricos empresários só terão validade cristã se o principal fruto ofertado for o aumento da fé em Jesus, para aumentar a esperança da salvação. De nada adianta existir movimentos intitulados cristãos se seus principais frutos forem somente ações de solidariedade ou ensino de gestão empresarial com valores éticos. Esses frutos são importantes, mas o encontro com Jesus Salvador, a exemplo de Zaqueu, jamais deve ser colocado em segundo plano. Como bem está orientado no Compêndio: "Se nos dedicarmos com a fé, a esperança e a caridade dos discípulos de Cristo, a própria economia e o progresso podem ser transformados em atividades de santificação",³⁰ assim como está postado pelos bispos no Documento de Aparecida: "aqui está o desafio fundamental que afrontamos: mostrar a capacidade

²⁷ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO – CELAM. *Documento de Aparecida*, par. 212, 312, 395, 517 e 518.

²⁸ Seu site está disponível em <https://www.pastoraldoempreendedor.org.br/>.

²⁹ Seu site em disponível em <https://opusdei.org/pt-br/>.

³⁰ PONTIFICIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina social da Igreja*, par. 326.

da Igreja para promover e formar discípulos e missionários que respondam à vocação recebida e comuniquem por toda a parte, transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Jesus Cristo".³¹

Essa gratidão e alegria devem ser as mesmas sentidas pelo rico Zaqueu, quando desce imediatamente do sicômoro e recebe Jesus com alegria, em sua casa (Lc 19,6).

Um grande desafio para essa evangelização específica é a compreensão do sistema capitalista, seus pontos positivos e negativos. O conceito de que o capitalista é aquele que ama o dinheiro e deseja somente maximizar o lucro, um dos frutos do capitalismo, é uma ideia generalista, em forma de retórica, que prejudica o diálogo com os empresários cristãos, dentro do próprio cristianismo. Para Max Weber, o capitalismo teria origem no cristianismo, citando que "um dos elementos fundamentais do espírito do capitalismo moderno [...] é a conduta racional baseada na ideia de vocação, nascida [...] do espírito do ascetismo cristão".³² Michael Novak também entende que o espírito do capitalismo foi circunscrito, corrigido e alargado pela ética católica a partir do pensamento social da Igreja, desde Leão XIII a João Paulo II.³³ Stefano Zamagni, comentando a obra de Novak, afirma que o teólogo católico americano ocupa-se em mostrar como um capitalismo 'democrático e liberal', que aceitasse a regra democrática e se reconhecesse o primado da política sobre a economia, não estaria em contradição com a ética católica, mas seria apoiado e legitimado por ela.³⁴ O economista italiano, presidente da Pontifícia Academia de Ciências Sociais, esclarece que, atualmente, pode-se sustentar uma relação entre a ética religiosa católica e o sistema capitalista.³⁵

Mesmo assim, há incompreensões sobre o sistema, pois o que define se o tipo de capitalismo é benéfico ou perverso para os envolvidos e para a sociedade em geral são a intenção e a conduta das pessoas que agem dentro desse sistema, e não a sua forma de ser.

³¹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO – CELAM. *Documento de Aparecida*. n. 14.

³² WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 134.

³³ NOVAK, M. *A ética católica e o espírito do capitalismo*, n.p.

³⁴ ZAMAGNI, S. *A ética católica e o espírito do capitalismo*, p. 29.

³⁵ ZAMAGNI, S. *A ética católica e o espírito do capitalismo*, p. 5.

Entre os vários tipos, há o *capitalismo liberal*³⁶, construído num sistema no qual as pessoas consideram o lucro como motor essencial do progresso econômico, a concorrência como lei suprema da economia, a propriedade privada dos bens de produção como direito absoluto, sem limite nem obrigações sociais correspondentes. Esse liberalismo sem freio conduziu à ditadura denunciada com razão por Pio XI, como "geradora do '*imperialismo internacional do dinheiro*'".³⁷ Nunca será demasiado reprovar tais abusos e, conforme Colin Clark, cabe lembrar que "a economia está ao serviço do homem".³⁸

Mas, se é verdade que certos tipos de capitalismo foram a fonte de tantos sofrimentos, injustiças e lutas fratricidas com efeitos ainda duráveis, "é necessário reconhecer com toda a justiça o contributo insubstituível da organização do trabalho e do progresso industrial na obra do desenvolvimento",³⁹ que outros tipos de capitalismo promoveram. "Se na atividade econômica e financeira a busca de um lucro equitativo é aceitável, o recurso à usura é moralmente condenado".⁴⁰ Caso a obtenção do lucro for de forma justa, não ocorra desrespeito à dignidade humana e vise ao bem comum, então o sistema capitalista é bom. Porém se, na sua obtenção lucrativa, houver imoralidades gananciosas, que enganam e desrespeitam pessoas, neste caso, o sistema é perverso. Giacomo Todeschini destacou o convencimento na base do qual haveria uma sanável conciliação entre "economia de lucro" e "economia de caridade".⁴¹ "É neste sentido que caridade e lucro podiam parecer, aos *magistri* franciscanos [...] e aos mais atentos comentadores da civilização urbana, como as duas faces da mesma realidade econômica",⁴² escreve Stefano Zamagni.

O Catecismo esclarece que "os lucros são necessários, pois permitem realizar os investimentos que garantem o futuro das empresas, garantindo o emprego".⁴³ A Doutrina Social da Igreja reconhece a justa função do lucro, como primeiro indicador

³⁶ PAULO VI. *Populorum Progressio*: Sobre o desenvolvimentos dos povos, par. 26.

³⁷ PIO XI. Encíclica *Quadragesimo Anno*, p. 212.

³⁸ CLARK, C. *The conditions of economic progress*, p. 6.

³⁹ PAULO VI. *Populorum Progressio*: Sobre o desenvolvimentos dos povos, par. 26.

⁴⁰ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina social da Igreja*, par. 341.

⁴¹ TODESCHINI, G. "Credibilità, fiducia, ricchezza: il creito caritativo come forma della modernizzazione economica europea", in AVALLONE, P. (org.), *Prestare ai poveri*. Roma: CNR, 2007, *apud*. ZAMAGNI, S. *A ética católica e o espírito do capitalismo*, p. 11.

⁴² ZAMAGNI, S. *A ética católica e o espírito do capitalismo*, p. 12.

⁴³ CATECISMO da Igreja Católica, num. 2432.

do bom andamento da empresa citando: "quando esta dá lucro, isso significa que os fatores produtivos foram adequadamente usados e as correlativas necessidades humanas devidamente satisfeitas".⁴⁴

O Papa Pio XI foi um dos precursores da ideia de participação dos empregados nos lucros das empresas e esclarece que: "a lei de justiça social proíbe que uma classe seja pela outra excluída da participação dos lucros".⁴⁵ Por sua vez, o Papa João XXIII continua a ideia de seu antecessor e reitera: "é necessário procurar com todo o empenho que, para o futuro, os capitais ganhos, não se acumulem nas mãos dos ricos senão na justa medida, e se distribuam com certa abundância entre os operários".⁴⁶

Uma consequência natural e virtuosa, realizada pelos empresários que multiplicam seus talentos, é quando a empresa obtém lucro, eles reinvestem no negócio. Para Stefano Zamagni, " a figura moderna do empreendedor e a categoria do lucro são filhas da cultura católica medieval, a qual conseguiu encontrar, [...], o modo de introduzir no mercado, autêntica 'novidade dos tempos', no corpo da elaboração teológica escolástica, graças à noção de bem comum".⁴⁷ Com esse reinvestimento, surge, no mercado, a geração de mais empregos e de maiores inovações e aperfeiçoamentos dos produtos e serviços, exigindo mais criatividade, tornando-os melhores e mais acessíveis. Como resultado dessa virtude, os governos arrecadam mais impostos e os pobres passam a ter maior acesso à empregabilidade e a produtos mais baratos e com mais qualidade, diminuindo ou saindo da pobreza, enquanto esses empresários ficam mais ricos em bens empresariais. Assim, é o círculo virtuoso de um capitalismo inclusivo que visa ao bem comum, o qual está subentendido nas palavras do Papa Francisco ao dizer que "os empresários possuem a nobre tarefa de tornar os bens deste mundo cada vez mais acessíveis a todos".⁴⁸ O próprio Papa também reforça essa ideia ao expressar: "Um capitalismo inclusivo, que não deixa ninguém para trás, que não descarta nenhum dos nossos

⁴⁴ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina social da Igreja*, par. 340.

⁴⁵ PIO XI. *Quadragesimo Anno*: Sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social em conformidade com a lei evangélica, par. 57.

⁴⁶ JOÃO XXIII. *Mater et Magistra*: Sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã, par. 74.

⁴⁷ ZAMAGNI, S. *A ética católica e o espírito do capitalismo*, p. 19.

⁴⁸ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, par. 203.

irmãos e irmãs, é uma nobre aspiração, digna de seus melhores esforços".⁴⁹ Enfim, conclui-se que a ética cristã católica não rejeita o capitalismo, mas procura humanizá-lo. Logo, a Igreja deve agir constantemente para evangelizar os líderes do capitalismo, que são os empresários.

Sendo assim, para haver um bom plano de evangelização de ricos empresários faz-se necessário compreender a visão cristã do capitalismo e combater os generalismos retóricos negativos. Além disso, é relevante combater as perversidades do sistema e evangelizar os empresários liberais a serem humanistas cristãos na condução das suas empresas. Segundo Élio Gasda:

A empresa, no sentido moderno da palavra, nasce com o capitalismo e designa uma entidade jurídica, de caráter individual ou corporativa, com fins lucrativos, organizada para oferecer bens e serviços ao mercado. Os componentes materiais e as demais instâncias do capitalismo se encontram na empresa. A sua gestão se baseia nas decisões de pessoas com valores, interesses e princípios.⁵⁰

E são exatamente esses valores, interesses e princípios que as pessoas praticam, que definem se o tipo de capitalismo que elas promovem na empresa é bom ou perverso.

O Papa Francisco declara que "o dinheiro deve servir, e não governar!",⁵¹ confessa que ama a todos, ricos e pobres, mas tem a obrigação, em nome de Cristo, de lembrar que os ricos devem ajudar os pobres, respeitá-los e promovê-los. "Exorto-vos a uma solidariedade desinteressada e a um regresso da economia e das finanças a uma ética propícia ao ser humano".⁵² Já o Papa João Paulo II "orienta ao cristão que [...] procure saber que lugar ocupa o seu trabalho não somente no progresso terreno, mas também no desenvolvimento do Reino de Deus [...]".⁵³

⁴⁹ FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco ao conselho por um capitalismo inclusivo*, n.p.

⁵⁰ GASDA, E. E. *Economia e Bem Comum: O cristianismo e uma ética da empresa no capitalismo*, p. 16-17.

⁵¹ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, par. 58.

⁵² FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, par. 58.

⁵³ JOÃO PAULO II. *Laborem Exercens: Sobre o trabalho humano*, p. 96-97.

Percebe-se, então, a existência de uma vasta orientação cristã contida na Bíblia e em vários documentos, que estão disponíveis para a evangelização dos empresários. Todo esse conhecimento deve ser multiplicado pela Igreja para estar de acordo com Paulo que escreveu: "Aí de mim, se eu não anunciar o evangelho" (1Cor 9,16)

Assim também pode-se evangelizar os ricos atuais mostrando-lhes que Lucas revela em seu evangelho, que Deus salva a todos que desejam a salvação. Seguindo as orientações lucanas e do Magistério, a caminhada poderia começar com um primeiro passo, indo à Igreja, por exemplo, como Zaqueu poderia ter ido ao Jordão. Ouvindo o sacerdote, como Zaqueu poderia ter ouvido o profeta. E na vida cotidiana, iniciando com pequenas obras de caridade e justiça, como João Batista revela em Lc 3,7-14 e Zaqueu realiza-as em Lc 19,8. Assim, durante a caminhada, Lucas mostra que é o próprio Cristo que encontra e salva o caminhante que persevera (Lc 19,9-10), como no exemplo de Zaqueu, que poderia ter perseverado na caridade e justiça, mesmo sendo excluído da sociedade.

Após convertido e "procurando ver Jesus" como Zaqueu (Lc 19,3), o rico empresário produzirá frutos dignos de sua transformação (Lc 3,8), ajudando também os pobres (Lc 19,8), indo além da geração de emprego digno, produtos e serviços éticos e riqueza honesta. Da mesma forma, observa-se que muitos empresários evangelizados multiplicam seus talentos e utilizam sua riqueza em Deus, agindo de forma caridosa para com os pobres que estão fora de suas empresas. Muitos empresários ajudam os famintos, sedentos, despidos, doentes, desabrigados e prisioneiros (Mt 25,35-36) com suas riquezas lucrativas. Suas ações tiram da pobreza muitos Lázarus encontrados em sua porta (Lc 16,19-20) e os feridos na beira da estrada, tornando-se bons samaritanos (Lc 10,33-37) ou Zaqueus nos tempos modernos. Também deve-se concluir que uma evangelização eficaz dos ricos empresários contribuirá para a diminuição do atual número de 830 milhões de pessoas extremamente pobres.

Cabe citar também neste trabalho o exemplo do empresário cristão argentino, Enrique Shaw, que foi considerado "Venerável Servo de Deus", pelo Papa Francisco, em 24 de abril de 2021, com o reconhecimento de suas virtudes

heroicas.⁵⁴ Como consequência de suas virtudes, ele era chamado de "o pai" pelos trabalhadores que liderou com respeito e caridade cristã.⁵⁵ Com esse exemplo, verifica-se a existência de um empresário que já é venerado pela Igreja devido à sua conduta cristã (Cl 4,1), fruto de uma evangelização que se iniciou na família, teve prosseguimento na Igreja e foi praticada na vida familiar, empresarial e comunitária.⁵⁶

Outra consequência natural da evangelização específica será uma maior participação dos empresários cristãos na Igreja. Atualmente, existem muitas paróquias e dioceses que carecem de uma boa gestão administrativa, pois os sacerdotes que as lideram, geralmente, possuem formação em Filosofia e Teologia. Como também são responsáveis pela gestão e possuem pouca formação ou habilidades para a lida administrativa, eles acabam sendo sobrecarregados de atividades secundárias, dificultando o exercício espiritual, os sacramentos e a evangelização. Ademais, a vocação empresarial de vários cristãos é pouco aproveitada na gestão administrativa de paróquias e dioceses, que podem muito bem auxiliar de forma solidária. Essa baixa participação é consequência de preconceitos e desconfianças existentes entre empresários e religiosos.

Numa disciplina do curso de mestrado de Teologia, o autor deste livro, que é empresário, tinha vários padres como colegas e fez uma provocação sobre as funções mais relevantes de um pároco, citando a baixa participação de empresários cristãos, no auxílio da gestão nas paróquias. Um colega, que era pároco, em tom de humor, respondeu: "muitos párocos confiam a chave do sacrário, mas não confiam a chave do cofre". Independente se humor ou realidade, é obvio que os talentos da gestão empresarial devem ser utilizados e multiplicados na gestão paroquial e diocesana, pois são dons de Deus confiados a cada um conforme sua capacidade (Mt 25,14-30; Lc 19,12-27). Assim, as paróquias e dioceses serão mais bem geridas com a maior participação de empresários evangelizados, de modo que os padres e bispos terão maior disponibilidade para o exercício de sua vocação sacerdotal.

⁵⁴ VATICAN NEWS. *Venerable el empresário argentino Enrique Shaw*, n. p.

⁵⁵ VATICAN NEWS. *Enrique Shaw, un empresário com sangue obrera*, n. p.

⁵⁶ CRITTO, A. *Enrique Shaw: notas y apuntes personales*, pp. 11-22.

CONCLUSÃO

A conclusão do presente trabalho revela que a salvação dos ricos é realizada por meio do encontro com Jesus. Também se concluí que o desejo de salvação anima a caminhada dos ricos para a promoção da caridade e justiça aos pobres, baseado em Lucas 19,1-10, tendo Zaqueu como exemplo da ação salvífica de um rico promovida por Jesus. Como Jesus é acreditado pelos cristãos como o salvador da humanidade e essa salvação é oferecida a todos os homens, se concluindo, da mesma forma, que Lucas destina suas duas obras para a evangelização de todos, independentes se pecadores, miseráveis, pobres ou ricos. Entende-se também que os ricos que desejavam um encontro com Jesus, na esperança da salvação, a obra lucana revela que, na sua caminhada de fé, eles, igualmente, realizavam obras de caridade e justiça, como frutos dignos do arrependimento dos pecados. O exemplo mais emblemático é o do rico Zaqueu, que exercia a profissão de coletor de impostos, desejava ver o Cristo, era generoso e justo e, apesar de ser taxado de pecador, foi perseverante na caminhada, culminando com sua salvação por Jesus.

Por vezes, entende-se que esse publicano era rico como consequência de extorsões habituais contra seus conterrâneos, sob a autoridade do Império Romano e converteu-se no encontro com Jesus. Este trabalho buscou apoiar o pensamento de estudiosos que interpretam que Zaqueu fez uma defesa de si e de Jesus contra seus acusadores murmurantes. Também alerta sobre as diferentes edições bíblicas do versículo Lc 19,8, que não são unânimes na tradução conforme antigos manuscritos, gerando diferentes interpretações de Zaqueu. Este livro contém argumentos interpretativos e midrásticos de que Jesus levou a salvação à casa de Zaqueu, porque o publicano era um íntegro descendente de Abraão e não um pecador. Ademais, que Jesus assim o fez, por ser o Cristo que cumpre as promessas de Deus para Abraão e sua descendência, contidas no Antigo Testamento.

Além disso, foram analisados os ensinamentos de Lucas, contidos em suas duas obras, em que se conclui que o evangelista ensina os ricos a fazerem bom uso de suas riquezas, destinando-as para uma generosa ajuda aos pobres, por meio do desapego, sem ser necessário tornar-se mais um pobre em bens materiais, e praticando habitualmente a justiça, procurando não extorquir ninguém, sempre

tendo como base o exemplo da salvação de Zaqueu por Jesus.

Como inovação nos estudos teológicos, este trabalho conclui, ademais, que existe alta probabilidade de que Zaqueu, para ser autêntico filho de Abraão, teria sido um discípulo de João Batista, agindo com honestidade, justiça e generosidade, acreditando na vinda do Cristo, antes do encontro com Jesus em Jericó.

Outro estudo realizado é sobre a influência da Pax Romana na região da Judéia e a moralidade religiosa da função de coletor de impostos, em que se conclui que a profissão de publicano, geralmente, era exercida de forma honesta e não se caracteriza como atividade pecadora. Este estudo foi realizado para dar mais ênfase à moralidade positiva de Zaqueu.

Ao contrário da visão de que ser proprietário de riquezas é também ser indigno da salvação, foi demonstrado aqui que o que faz uma pessoa ser pecadora não é a sua destacada condição econômica, mas a avareza, a confiança e o apego ao dinheiro e a ausência de amor a Deus e ao próximo. Destaca-se, igualmente, que Jesus tinha ricos entre seus discípulos e recebeu auxílio econômico deles.

Este trabalho, de maneira semelhante, estudou a importância da evangelização dos ricos, com foco nos empresários, para haver maior esperança de salvação deles e maior caridade e justiça aos pobres nos tempos atuais. Por serem a maioria dos ricos e pelo entendimento teológico de que a função de empresário é uma vocação, aqui foi mostrada a importância de evangelização específica para as pessoas nessas condições. Assim, foi trazido, para o presente, o exemplo da salvação de Zaqueu por Jesus e sua contribuição para uma evangelização atual dos ricos empresários, com mais argumentos bíblicos.

Nesta obra, ficam em aberto várias questões para futuros estudos como o desenvolvimento de uma maior relação e interação entre Igreja e ricos, assim como deve-se desenvolver mais culturas que ensinem o convívio fraterno dos ricos nas comunidades cristãs, em conformidade com as circunstâncias socioeconômicas locais. Considera-se que essas questões também devem ultrapassar o âmbito cristão e atingir toda a humanidade para a busca de uma solidariedade universal.

Por fim, espera-se que este trabalho tenha contribuído para o debate da missão da Igreja de evangelização universal, incluindo uma observação mais específica aos ricos. Segundo a Sacrosanctum Concilium, n. 1, a Igreja precisa

realizar *aggiornamento*, que significa atualizar-se constantemente devido às mudanças ocorridas em todas as circunstâncias de sua existência e manter-se sempre focada na missão que Jesus lhe deu: "Ide por todo mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; e o que não crer será condenado" (Mc 16,15-16). Essa salvação inicia quando a pessoa humana tiver um encontro com a Pessoa Salvadora. Esse encontro e os frutos de uma evangelização convertedora, promovidos pela Igreja, precisam de exemplos que receberam a graça da salvação, por sua fé e prática da caridade e justiça para com os pobres. Lucas revela que Zaqueu é um desses exemplos. Assim, visando ir ao encontro dos desafios atuais para uma evangelização mais aprimorada de ricos que possuem fé em Jesus e desejam a salvação, e por consequência de sua caminhada, promoverão maior ajuda aos pobres com a produção de frutos dignos da conversão, desse modo, concluindo-se que, mais uma vez, poderão ser repetidas as palavras de Jesus: "Hoje a salvação entrou nesta casa" (Lc 19,9).

APÊNDICE

ANÁLISES CONTÁBEIS SOBRE A MORALIDADE DE ZAQUEU

Este apêndice foi acrescentado neste trabalho como o objetivo de complementar e reforçar com uma argumentação contábil, sem prejuízo da unidade nuclear do trabalho, sobre a hipótese de que Zaqueu seria um maioral dos publicanos que cobrava impostos, buscando uma reta conduta de honestidade, tanto para os judeus, que pagavam os impostos, como para os romanos, que eram seus destinatários.

1 ELEMENTOS ECONÔMICOS NECESSÁRIOS PARA A ANÁLISE CONTÁBIL

Zaqueu é comumente interpretado por alguns estudiosos como um publicano rico e desonesto, defraudador, extorsor, ladrão, corrupto e, por consequência religiosa, um pecador,¹ pois levam em consideração a fama negativa generalizada dos publicanos, a associação de várias passagens desses profissionais junto com pecadores e o murmúrio da multidão em Lc 19,7. Outros estudiosos classificam-no como um publicano rico e honesto.² Porém, durante as pesquisas para a elaboração deste trabalho, não foi descoberto nenhum autor que desse argumentação contábil sobre a forma como Zaqueu teria obtido sua riqueza, para explicar se ele era honesto ou desonesto, procurando justificar a interpretação de sua moralidade econômica.

Para auxiliar numa aproximação mais racional sobre a conduta de Zaqueu, apresenta-se, então, neste apêndice, alguns cálculos contábeis elaborados pelo autor deste trabalho, para complementar com argumentos econômicos a interpretação de que sua moralidade profissional era honesta. Esses cálculos também servem para introduzir debates econômicos nos estudos teológicos que

¹ MESTERS, C.; OROFINO, F. *Crescer em Amizade*, uma chave de leitura para o Evangelho de Lucas, p. 51; STORNILOLO, I. *Como ler o Evangelho de Lucas*, os pobres constroem a nova história, p. 168; AMBRÓSIO DE MILÃO. *Apud. TOMÁS DE AQUINO, Catena Aurea*, p. 549; PARSONS, *Short in Stature*: Luke's Physical Description of Zacchaeus, p. 6;

² FITZMYER, J. A. *The gospel according to Luke X-XXIV*, p. 1223; MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited: Luke 19,8 as a Defense*, p. 176; WHITE, Richard C. *Vindication for Zacchaeus?* Lexington Theological Seminary. *The Expository Times*, p. 21.

buscam auxiliar na compreensão de Zaqueu no exercício de sua atividade como cobrador de impostos. Dessa forma, esses cálculos poderão promover um maior diálogo e conseqüente debate entre as diferentes interpretações dos estudiosos, facilitando os estudos teológicos e uma pregação mais aproximada da realidade de Zaqueu. Outrossim, é didaticamente aconselhável dialogar ou explicar determinado fato socioeconômico usando, como principal referência, os valores em dinheiro. Assim, a compreensão desse tema, que envolve uma situação socioeconômica, poderá ser facilitada, pois foram realizados cálculos em dinheiro como referência, como é apresentado a seguir.

Apesar de Lucas não revelar o valor dos bens de Zaqueu em moeda daquela época, é possível presumir contabilmente uma suposta riqueza, utilizando-se vários elementos econômicos descritos pelo evangelista e de algumas suposições estimadas, levando-se em consideração a plausibilidade e a viabilidade. Os elementos econômicos extraídos de Lucas, necessários aos cálculos contábeis para verificar a moralidade de Zaqueu, são os seguintes:

- 1- O nível econômico de Zaqueu é conceituado como *rico* (Lc 19,2). Isto significa que ele tinha posses e remuneração muito acima de suas necessidades.
- 2- A sua atividade econômica era de *cobrador de impostos* (Lc 19,2). Provavelmente uma profissão muito bem remunerada, conforme explicado no subcapítulo 4.2, com o acréscimo de que ele era o maioral.
- 3- A regra ética e religiosa da profissão de cobrador de impostos era *não cobrar mais que o prescrito* (Lc 3,13), citada por João Batista.
- 4- Zaqueu disse que dava *metade dos seus bens* aos pobres (Lc 19,8), demonstrando desapego aos ganhos econômicos.
- 5- Também declara "*se extorqui a alguém*" (Lc 19,8), revelando a possibilidade de cobrar impostos com valores acima do prescrito.
- 6- Por fim, diz "*restituo-lhe o quadruplo*" (Lc 19,8), demonstrando uma devolução quadruplicada, daquilo que cobrou a mais.

Assim, tem-se seis elementos econômicos em Lc 3,13; 19,2 e 19,8, que são: rico, cobrador de impostos, não cobrar mais que o prescrito, metade dos bens aos pobres, extorsão e restituição quadruplicada. Porém, isso não é suficiente para fazer

os cálculos contábeis propostos neste trabalho, pois se necessita de mais cinco informações econômicas, que são as seguintes:

- 1- Uma moeda corrente.
- 2- Uma remuneração de um determinado trabalho, com suposições lógicas que se possa definir a classificação de rico (remuneração acima das necessidades), de satisfatória (remuneração que satisfaz as necessidades) e de pobre (remuneração abaixo das necessidades).
- 3- A quantidade em dinheiro que Zaqueu cobrou de impostos.
- 4- A quantidade desse dinheiro que iria para os romanos e o quanto ficaria com Zaqueu.
- 5- A quantidade em dinheiro das despesas cotidianas de Zaqueu para a sustentação econômica das necessidades próprias e da sua família.

Também é necessário supor um período de tempo em que Zaqueu já teria exercido a profissão de publicano, antes do encontro com Jesus.

Quanto à moeda corrente, Lucas cita quatro tipos: o denário (Lc 7,41; 10,35; 20,24), a dracma (Lc 15,8 e 9), o asse (Lc 12,6) e a mina (Lc 19,13;16;18;20;24). Tem-se, então, em Lucas o denário como moeda de referência para os cálculos, pois era o dinheiro romano utilizado para a cobrança de impostos (Lc 20,22-25).

Quanto à remuneração de um determinado trabalho, que fosse remunerado, que se poderia classificar economicamente como rico, satisfatório ou pobre, não é citada por Lucas. Em seu evangelho, ele refere somente que dois asses comprava-se cinco pardais (Lc 12,6). Mas essa referência econômica não pode ser utilizada como cálculo de riqueza, pois não se sabe a quantidade de trabalho que seria necessário para obter um asse ou um pardal. Então, para a realização de cálculos contábeis, estes valores socioeconômicos foram buscados em outros registros da época e foi encontrado um, bem preciso, na parábola dos trabalhadores enviados à vinha em Mt 20,1-16. Nesta passagem, Jesus conta que coletores de uvas foram contratados pela remuneração diária de um denário (Mt 20,2), descrevendo que o contratante era um homem justo e bom (Mt 20,13-15). Então, é plausível supor que essa remuneração diária de um denário para uma atividade simples, como colher uvas, seria satisfatória,

suficiente para a subsistência diária de uma família, sendo que o trabalhador poderia ser classificado economicamente como satisfatório, não sendo nem rico e nem pobre. Assim, esse valor socioeconômico de denário/dia será utilizado como referência nas análises deste trabalho.

Quanto aos outros três elementos econômicos faltantes, que tratam das quantidades em dinheiro sobre o total de impostos que Zaqueu realizou, o que ficou para ele e foi para os romanos e as suas despesas cotidianas, não foi encontrado nenhum registro bíblico ou histórico, sobre esse assunto. Buscou-se, desse modo, obtê-los por meio de suposições, utilizando quantidades hipotéticas em denários, sempre levando-se em consideração a sensatez, a plausibilidade e a viabilidade. Para facilitar as suposições dessas quantidades hipotéticas em dinheiro, pergunta-se: qual seria o valor em denários dos bens que Zaqueu possuía no encontro com Jesus, para ser classificado como rico? E deste valor, qual a possibilidade matemática da quantidade que teria sido adquirida de forma honesta e/ou desonesta, para melhor entender se ele agia com extorsões propositais significativas ou involuntárias de pequena monta, para pressupor sua moralidade? Por fim, qual seria a quantidade máxima de cobrança a mais que o prescrito para, depois de dar metade aos pobres, poder restituir o quádruplo, tornando viável aquilo que Zaqueu disse para Jesus (Lc 19,8)?

A primeira hipótese é a suposição de que a remuneração de Zaqueu, como maioral dos publicanos, uma atividade muito complexa, poderia ser 10 vezes maior que um operário de atividade simples, remunerado de forma satisfatória, como os coletores de uvas em Mt 20,2. Então, será estimado hipoteticamente que Zaqueu receberia uma média de 10 denários por dia trabalhado. Outro elemento necessário para analisar sua riqueza é o tempo de profissão, antes do encontro com Jesus. Para os cálculos neste estudo, será estipulado um período de 10 anos, que equivaleriam aproximadamente 3.000 dias de remuneração, levando-se em conta que o judeu trabalhava seis dias por semana. Sendo assim, Zaqueu teria recebido dos romanos um total aproximado de 30.000 denários durante o exercício de sua profissão, até o encontro com Jesus. Porém, ele também teria gastos cotidianos para seu sustento e de sua família. Como era rico, poderia supor-se de forma plausível que seus gastos

diários poderiam ser de três denários, ou três vezes mais que um operário remunerado de forma satisfatória, acumulando, em média, sete denários por dia. Assim, os gastos totais em 10 anos, que somam em torno de 3.650 dias, seriam de aproximadamente 10.950 denários e o valor patrimonial de seus bens acumulados estaria avaliado, no dia do encontro com Jesus, em aproximadamente 19.050 denários, sendo que Lucas classificou-o como uma pessoa rica (Lc 19,2).

O passo seguinte, para efetuar a análise contábil da moralidade de Zaqueu, é estipular uma hipotética quantidade plausível de denários que ele teria cobrado dos judeus para os romanos. Como toda sua remuneração está sendo estipulada em 30.000 denários, pode-se supor, de forma viável, que esse pagamento poderia ser um percentual de 10% ³ do total que coletou. Dessa forma, a arrecadação total que Zaqueu cobrou do povo de Jericó, no período de 10 anos, teria sido de 300.000 denários, sendo que 270.000 foram para os romanos e 30.000 ficou como remuneração do seu trabalho.

Concluídas essas suposições de valores em dinheiro, tem-se todos os elementos econômicos necessários para serem realizados cálculos contábeis e analisar a moralidade de Zaqueu em relação a sua conduta como maioral dos publicanos de Jericó, tendo por base a viabilidade de ser cumprido aquilo que ele declarou para Jesus: "eis que dou a metade dos meus bens aos pobres, e se extorqui a alguém, restituo-lhe o quádruplo" (Lc 19,8).

Serão apresentadas neste trabalho duas análises contábeis. Uma primeira, supondo que Zaqueu converteu-se no encontro com Jesus em Lc 19,5-6 e passou a cumprir sua promessa a partir daquele dia. Uma segunda análise será apresentada, supondo que ele teria sido discípulo de João Batista e passou a ser generoso e justo

³ Nesta suposição da remuneração ser 10% sobre o arrecadado está sendo considerado que a atividade para ser maioral dos publicanos em Jericó, seria muito complexa e extremamente qualificada. Além do grande conhecimento da atividade econômica da região é sensato somar ainda que os requisitos e exigências para a escolha de um publicano deveriam ser sensatamente difíceis e rigorosos, tanto para os romanos como para o judeu contratado. Outra consideração sensata é que os publicanos não teriam a liberdade de cobrança acima do prescrito (Lc 3,13) e ficar com o excedente, pois os tributos eram dos romanos e o dinheiro coletado era o maior interesse do império sobre os povos dominados. Logo, considera-se que esses hipotéticos 10% seria uma remuneração motivadora e viável para um profissional competente, sobre uma atividade complexa. Esses requisitos e exigências rigorosos são explicados no subcapítulo 4.2 deste trabalho.

a partir do seu batismo em Lc 3,7-17.

1.1 CÁLCULOS CONFORME CONVERSÃO NO ENCONTRO COM JESUS (LC 19,5)

Essa análise principia supondo que Zaqueu possuía uma quantidade de bens avaliada em 19.050 denários, quando houve o encontro com Jesus. Aqui, a interpretação a ser considerada é a que ele iria dar metade dos seus bens aos pobres e restituir o quádruplo a partir daquele dia [interpretação do verbo dar (δίδωμι) e restituir (ἀποδίδωμι) no futuro]. Neste caso, o primeiro ato de Zaqueu seria dar 9.525 denários aos pobres. A seguir, ele teria que descobrir se extorquiou alguém na cobrança dos 300.000 denários que realizou nos 10 anos de profissão, pois disse “e se extorqui” (Lc 19,8), alegando dúvida. Caso descobrisse os pagadores de impostos que foram extorquidos e a quantidade cobrada a maior, ele restituiria o quádruplo da extorsão e teria 9.525 denários restantes para essa devolução. Assim, matematicamente, Zaqueu poderia ter extorquido no máximo 2.381,25 denários (um quarto dos 9.525 restantes) do total dos 300.000 que cobrou. Essa extorsão equivale a 0,794% de toda a arrecadação de impostos que realizou para os romanos. Caso tivesse extorquido um percentual superior aos 0,794%, suas promessas para Jesus seriam inviáveis.

1.2 CÁLCULOS CONFORME CONVERSÃO NO BATISMO DE JOÃO BATISTA (LC 3,7-17)

Nessa segunda análise, será considerada a interpretação de que Zaqueu já estivesse dando metade dos seus ganhos aos pobres e restituindo ao quádruplo os extorquidos, de forma habitual, no encontro com Jesus, desde seu suposto batismo por João Batista em Lc 3,7-17 [interpretação dos verbos dar (δίδωμι) e restituir (ἀποδίδωμι) no presente do indicativo].

Para realizar essa análise, é necessário estipular um suposto tempo ocorrido entre a narrativa do batismo (Lc 3,7-17) e o encontro com Jesus (Lc 19,1-10), pois Lucas não descreveu nenhum evento ou data que possa servir de referência do

período. O que se percebe é que a narrativa do batismo às margens do rio Jordão em Lc 3,3-17 e o batismo de Jesus em Lc 3,21, quando o Senhor inicia seu magistério, são eventos ocorridos bem próximos. Além disso, é possível perceber que o encontro com Zaqueu (Lc 19,1-10) é pouco anterior à paixão de Jesus em Jerusalém (Lc 22 e 23). Assim, pode-se interpretar que o período de um suposto batismo de Zaqueu até seu encontro com Jesus é semelhante ao período do magistério do Filho do Homem. Todavia, nem esse período é claramente definido por Lucas. Assim, buscou-se por estipular esse suposto período na interpretação de Köstenbergher e Kellum⁴ que, ao estudarem o Evangelho de João, sugerem que foram três Pascoas anuais que Jesus participou, durante seu magistério. Desse modo, nessa análise neste trabalho, será considerado que o suposto período entre o batismo de Zaqueu e o seu encontro com Jesus seria de três anos.

Dessa maneira, o hipotético tempo de 10 anos que Zaqueu teria trabalhado como publicano seria marcado por dois períodos: o primeiro, que se inicia com sua contratação pelos romanos e vai até o suposto batismo, teria uma duração de sete anos; e o segundo, que vai do batismo até o encontro com Jesus, teria uma duração de três anos. No primeiro período de sete anos, Zaqueu teria arrecadado 210.000 denários para os romanos e seria remunerado com 10% que equivalem a 21.000 denários. Teria gastado 7.665 denários para sua subsistência e acumulado 13.335 em bens econômicos. Com esse patrimônio, supostamente conheceu João Batista, foi ao seu encontro, arrependeu-se dos pecados e, seguindo orientações do profeta (Lc 3,12-13), passou a dar metade dos bens aos pobres e restituir ao quádruplo todos os pagadores de impostos que cobrou e cobrara involuntariamente acima do prescrito. Nessa interpretação, logo após seu batismo, Zaqueu inicialmente teria dado 6.667,5 denários para os pobres (metade dos 13.335 acumulados) e, matematicamente, poderia ter extorquido no máximo 1.666,87 denários (um quarto dos 6.667,5 restantes), para ser viável a restituição. Esse valor máximo de 1.666,87 de extorsão equivale ao mesmo percentual de 0,794% sobre o total de 210.000 denários arrecadados para os romanos, que foi concluído na análise anterior. Na

⁴ KÖSTENBERGER, A.; KELLUM, S. *The Cradle, the Cross, and the Crown: An Introduction to the New Testament*, p. 41.

mesma forma, caso tivesse extorquido um percentual superior ao 0,794%, não seria viável que ele cumprisse aquilo que diria para Jesus a três anos à frente. Assim, as cobranças a mais só podem ter sido muito abaixo de 0,794% para que Zaqueu pudesse ser classificado como rico no encontro com Jesus. No segundo período, após ter seguido as orientações de João Batista, que durou três anos, Zaqueu arrecadou mais 90.000 denários para os romanos e foi remunerado com 9.000. Mantendo o padrão de vida, teria gastado 3.285 denários, no período de três anos, para subsistência econômica, e teria dado metade do acúmulo de 5.715 para os pobres, equivalente a 2.857,5 denários. Se caso extorquisse alguém, de forma involuntária, restituiria o quádruplo. A partir daquele momento, este trabalho não apresenta mais cálculos porque não seria lógico se essas cobranças a mais que o prescrito fosse próximo aos 0,794%, concluídos anteriormente. A justificativa é porque, nessa sequência, Zaqueu ficaria com nada e não poderia ser classificado como rico, no encontro com Jesus. Assim, entende-se ser viável que as cobranças a mais que o prescrito deveria ser de forma involuntária e de baixíssimo percentual sobre o total cobrado, muito inferiores aos 0,794%.

Porém, para dar maior entendimento contábil para essa segunda análise, que leva em consideração a interpretação da conjugação de dar (δίδωμι) e restituir (ἀποδίδωμι) no presente do indicativo, é apresentada, a seguir, uma contabilidade supondo que a cobrança acima do prescrito fosse em média 0,3% do total arrecadado por Zaqueu em todo seu tempo de 10 anos de publicano. Nesta análise, Zaqueu teria arrecadado os 300.000 denários para os romanos e teria sido remunerado com 30.000 denários. Teria gastado 10.950 denários para sua subsistência como homem rico, e ficado com saldo de 19.050 denários. Deste saldo, deu metade para os pobres (9.525 denários) ficando com outros 9.525 denários. Durante o exercício de coleta, cobrou involuntariamente 0,3% a mais dentro do total de 300.000, que equivalem a 900 denários. Ao tomar consciência que cobrou a mais, restituiu aos prejudicados 3.600 denários, que corresponde o quádruplo da cobrança a maior. Por fim, no encontro com Jesus, os bens de Zaqueu estariam avaliados em 5.925 denários, pelos quais a suposta fonte L, que Lucas extraiu as informações, classificava-o como rico, devido à sua remuneração, estilo de vida e acúmulo visível de bens.

Para melhor visão econômica dessa análise, é apresentada a tabela seguinte:

Métrica	Valores
Arrecadação total de Zaqueu em 10 anos	300.000 denários
Destinação para os romanos (90%)	-270.000 denários
Remuneração de Zaqueu (10 %)	30.000 denários
Gastos totais de subsistência em 10 anos	-10.950 denários
Saldo Parcial 1	19.050 denários
Doação da metade para os pobres	-9.525 denários
Saldo Parcial 2	9.525 denários
Restituição quádrupla dos 0,3% extorquidos (4X900)	-3.600 denários
Saldo final dos bens de Zaqueu no encontro com Jesus	5.925 denários

Fonte: Elaborada por Jaime Lorandi (2022).

CONCLUSÃO SOBRE A PROBABILIDADE DA MORAL ECONÔMICA DE ZAQUEU

Após os cálculos contábeis baseados nas duas análises anteriormente descritas, chega-se à conclusão de que a extorsão ou cobrança acima do prescrito (Lc 3,12) realizada por Zaqueu seria supostamente entre 0,3% e 0,794% sobre o total arrecadado durante dez anos de profissão. Esses percentuais são muito baixos para justificar que o maioral dos publicanos tivesse ficado rico como extorsor contumaz e proposital. O que se percebe é que existe alta probabilidade de pequenos erros de cobrança, que não justificam uma imoralidade proposital e constante por parte de Zaqueu. A conclusão sensata baseada nesses cálculos é de que Zaqueu estaria agindo de forma honesta e poderia cometer pequenos erros de cobrança a mais de forma involuntária.

Assim sendo, essas análises que demonstram a remota possibilidade de Zaqueu ser um extorsor proposital, desfavorecem as interpretações dos estudiosos bíblicos que entendem que esse publicano teria enriquecido de forma fraudulenta.¹ Elas vêm ao encontro com as interpretações dos estudiosos que não viam extorsões propositalis de Zaqueu e sua riqueza teria sido obtida de forma honesta.²

Como essas análises são baseadas em oito elementos econômicos contidos em Lucas e Mateus e mais três hipóteses de quantidade em dinheiro, este apêndice quer e deverá provocar futuros debates e outros exercícios analíticos sobre o tema. Os valores das três hipóteses de quantidade em dinheiro podem ser diferentes ou modificadas para esses exercícios, que promoverão debates e críticas. O autor deste trabalho fez dezenas de exercícios com muitas outras hipóteses plausíveis e viáveis, com diferentes quantidades de denários, inclusive foi incluída a possibilidade sensata de Zaqueu possuir outras fontes de renda, além da coleta de impostos, como terras, rebanhos e herança que poderiam ser utilizadas para a doação da metade aos pobres e auxiliar na restituição quadruplicada aos extorquidos. A conclusão desses

¹ MESTERS, C.; OROFINO, F. *Crescer em Amizade*, uma chave de leitura para o Evangelho de Lucas, p. 51; STORNILO, I. *Como ler o Evangelho de Lucas*, os pobres constroem a nova história, p. 168; AMBRÓSIO DE MILÃO. *Apud. TOMÁS DE AQUINO, Catena Aurea*, p. 549; PARSONS, *Short in Stature': Luke's Physical Description of Zacchaeus*, p. 6;

² FITZMYER, J. A. *The gospel according to Luke X-XXIV*, p. 1223; MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited: Luke 19,8 as a Defense*, p. 176; WHITE, Richard C. *Vindication for Zacchaeus?* Lexington Theological Seminary. *The Expository Times*, p. 21.

vários exercícios foi que, se for levado sempre em consideração os oito elementos econômicos de Lc 3,13; 19,2 e 19,8, e de Mt 20,1-16, os resultados das cobranças a mais de Zaqueu nunca serão matematicamente superiores a 1,0% do total arrecadado por ele. Alguns cálculos com até 1,0% concluem que ele ficaria sem nenhum bem, após o encontro com Jesus, mesmo tendo outros recursos, o que seria uma situação radical, contudo coerente com o caso do rico notável de Lc 18,22, o qual Jesus disse para vender tudo e dar para os pobres. Porém, para Zaqueu, a situação é outra, pois Jesus nada pede e apenas o justifica declarando: "Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão" (Lc 19,9).

Mesmo possuindo outras posses, avaliadas de forma sensata em denários, os percentuais de cobrança superiores a 1,0% acima do prescrito, tornam matematicamente inviável o cumprimento da declaração de Zaqueu para Jesus em Lc 19,8. Esse percentual de até 1,0% de cobrança acima do prescrito sobre o total é ainda muito pequeno para justificar que Zaqueu teria enriquecido de forma extorsiva.

Outro reforço para a defesa de que sua conduta seria honesta é que a condicionante "e se" de *alguém qualquer coisa extorqui*, (καὶ εἰ τινός τι ἐσυκοφάντησα) é mais bem compreendida na primeira análise (resolução futura), que Zaqueu estaria declarando que não tem certeza do erro, mas se ficar ciente que ocorreu, promete devolver quatro vezes mais. Assim, entende-se que ele não tinha consciência da extorsão, logo não seria uma confissão. Ou, de outra forma, na segunda análise (presente), é mais bem compreendida, que ele estaria confessando que erra involuntariamente e, quando ciente, penitencia-se restituindo o quádruplo, de forma habitual. Assim também melhor se entende, independente da forma de interpretação de ação futura ou habitual, que Zaqueu estaria sempre agindo conscientemente de forma honesta.

Neste trabalho, a defesa da honestidade de Zaqueu, até com hipotéticos cálculos contábeis, visa demonstrar a caminhada perseverante de um homem rico, de profissão preconceituada, que procurava ver Jesus. Também visa lembrar que, atualmente, existem muitos ricos que são preconceituados por multidões, mas procurando ver Jesus, agem discretamente com perseverança, honestidade, justiça

e muita solidariedade na Igreja, nas empresas, nas instituições de caridade e na vida social, seguindo o exemplo de Zaqueu.

REFERÊNCIAS

AEFE. *Quem foram os publicanos?* Almanaque da Bíblia, 2017. Disponível em: <http://almanaquedabiblia.com.br/publicanos-2/2017/03/20>. Acesso em 28 de nov. de 2021.

AGUIRRE MONASTERIO, Rafael; RODRÍGUEZ CARMONA, Antonio. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*. 5. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2012.

AGOSTINHO DE HIPONA. *Cidade de Deus*. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996.

ALETTI, Jean-Noel. *El arte de contar a Jesucristo: lectura narrativa del Evangelio de Lucas*. Salamanca: Sigueme, 1992.

ANTONIO, Margaret L. et al. Ancient Rome: A genetic crossroads of Europe and Mediterranean. *Science*, v. 366, n. 708-714, nov. 2019.

BANCO MUNDIAL. *A Pobreza Extrema Mundial Continua a Baixar mas a Um Ritmo Mais Lento: Banco Mundial*. 19 set. 2018. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2018/09/19/decline-of-global-extreme-poverty-continues-but-has-slowed-world-bank>. Acesso em: 10 jun. 2021.

BANCO MUNDIAL. *COVID-19 pode levar mais de 150 milhões de pessoas para a extrema pobreza até 2021*. 2020. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2020/10/07/covid-19-to-add-as-many-as-150-million-extreme-poor-by-2021>. Acesso em: 12 dez. 2021.

BARBOSA, João Cândido. *Espiritualidade e Estilo de Vida: contribuições éticas, econômicas e sociais a partir do evangelho de Lucas*. 2017. 223 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

BIBLEHUB. Disponível em: <https://biblehub.com/interlin/luke/19-8/.htm>. Acesso em 05 set. 2023.

BIBLEHUB. Disponível em: <https://biblehub.com/luke/19-8/parallel/.htm>. Acesso em 05 set. 2023.

BIBLEWORKS VERSÃO 10. Disponível em: <https://www.bibleworks.com/download.html>. Acesso através de licença adquirida em 22 de dez. de 2023.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Pastoral*. Disponível em: http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/_INDEX.HTM. Acesso em 04 de jul. 2022.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada Ave Maria*. 205 ed. São Paulo: Ave Maria, 2014.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Thompson*. São Paulo: Vida, 2014.

BÍBLIA. Português. *TEB-Tradução Ecumênica da Bíblia*. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2020.

BLOMBERG, Craig. *Jesus e os Evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

BOVON, François. El Evangelista Lucas. Retrato y proyecto: Forma y función de la doble obra lucana. In: PIÑERO, A. (Ed.). *Fuentes del Cristianismo: Tradiciones primitivas sobre Jesús*. Córdoba: Ed. Almendro; Madrid: Complutense, 1993.

BOVON, François et alii. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOVON, François. "Le Salut Dans les Écrits de Luc: Essai", *Revue de Théologie et de Philosophie*, Troisième série, v. 23, n. 4, pp. 296-307. Genebra: Droz, 1973.

BRIGHT, John. *História de Israel*. 6 ed. São Paulo: Paulus. 1978.

BUCKLAND, Augustus Robert; WILLIAMS, Lukyn. *Dicionário Bíblico Universal*. 4. ed. São Paulo: Vida, 2007.

CAMPOS, Rafael da Costa. *Punições exemplares garantiam a manutenção do império romano*. Com Ciência, 2017. Disponível em: <https://www.comciencia.br/punicao-exemplar-crime-e-castigo-na-idade-antiga/2017/09/09>. Acesso em: 11 out. 2021.

CASALEGNO, Alberto. *Lucas: a caminho com Jesus missionário*. São Paulo: Loyola, 2003.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1999.

CHARPENTIER, Etienne et alii. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1985.

CICERO, Marco Túlio. *Pro lege Manilia*. Firenze: Vallecchi, 1948.

CIEES. *CIEES: Shoenstatt en el trabajo*. Disponível em: <https://cieesinternacional.org/>. Acesso em 01 abr. 2022.

CLARK, Colin. *The conditions of economic progress*. 3. ed. New York: St. Martin's Press, 1960.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *O Pedagogo*. Campinas: Ecclesiae, 2014

COMBLIN, José. *Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos*. Vida Pastoral, São Paulo, n. 218, p. 2-9, 2001. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-biblicos/ricos-e-pobres-nos-atos-dos-apostolos/#>. Acesso em 02 de nov. de 2021.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO – CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: São Paulo: CNBB; Paulinas; Paulus, 2007.

COSTA, Adilson Costa da. *Qual o grande abismo que separa os homens na terra?* Arautos do Evangelho Maringá, 2013. Disponível em: <https://maringa,arautos.org/2013/09/qual-o-grande-abismo-que-separa-os-homens-na-terra/>. Acesso em: 28 set. 2021.

CRIMELLA, Matteo. *Luca, Introduzione, traduzione e commento*. Roma: San Paolo, 2015.

CRITTO, Adolfo. *Enrique Shaw: notas y apuntes personales*. Buenos Aires: Claretiana, 2013.

CROISSET, Jean. *O verdadeiro e o falso zelo*. Caritatem, 2018. Disponível em: <https://blog.caritatem.com.br/o-verdadeiro-e-o-falso-zelo/>. Acesso em: 04 jan. 2022.

DAVIDSON, Francis. *O Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1963.

DEMARCHI, Mario. *Moedas no Velho Testamento e do tempo de Jesus*. Centro Filatélico y Numismático San Francisco. 2017. Disponível em: <https://collectprime.com/blog/moedas-dos-tempos-de-jesus/2017/12/09>. Acesso em 22 de nov. 2021.

DICASTERIO PARA O SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E INTEGRAL. *A Vocação do Líder Empresarial: uma reflexão*. Ed. Brasileira. Vaticano: Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano e Integral, 2018.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. *Zaqueu*. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/zaqueu/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

FAUSTI, Silvano. *Uma comunidade lê o Evangelho de Lucas*. Brasília: CNBB, 2021.

FITZMYER, Joseph Augustine. *El Evangelio según Lucas: Introducción General*. Madrid: Cristiandad, 1986.

FITZMYER, Joseph Augustine. *El Evangelio según Lucas: Vol. IV*. Madrid: Cristiandad, 2005.

FITZMYER, Joseph Augustine. *The gospel according to Luke X-XXIV*. Garden City: Anchor Bible, 1985.

FLÁVIO Josefo: *Uma Testemunha nos Tempo dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986, v.6.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco ao conselho por um capitalismo inclusivo*. Vaticano: 1 nov. de 2019. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/document/s/papa-francesco/consiglio-capitalismo-inclusivo.html>. Acesso em 22 mar. 2022.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FREEDMANN, David. *Anchor Bible Dictionary*. Vol. 2. New York: Doubleday. 1992

GASDA, Élio Estanislau. *Economia e Bem Comum: o cristianismo e uma ética da empresa no capitalismo*. São Paulo: Paulus, 2016.

GORDINI, G. D. *Giuseppe di Arimatea*. In Biblioteca Sanctorum VI. Roma: 1965.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis. *O Evangelho de São Lucas: Cadernos de estudo bíblico*. Campinas: Ecclesiae, 2015.

HAMM, Dennis. *Luke 19:8 Once Again: Does Zacchaeus Defend or Resolve?* Journal of Biblical Literature, v. 107, n. 3, 1988.

HAMM, Dennis. *Zacchaeus Revisited Once More: A Story of Vindication or Conversion?* Gregorian Biblical Press, v. 72, n. 2, 1991.

HESSER, Herman. *Os Questores*. Rio de Janeiro: Aurora, 1938.

HILLYER, Norman. *Imposto*. In COENEN, Lothar; BROWN, Colin. (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

HOERTH, Alfred. *Archaeology and the Old Testament*. Grand Rapids: Baker Academic, 1998.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus, pesquisa de história econômica e social no período neotestamentário*. Nova Coleção Bíblica, vol. 16. São Paulo: Paulinas, 1983.

JOÃO PAULO II. *Laborem Exercens: Sobre o trabalho humano*. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

JOÃO XXIII. *Mater et Magistra: Sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã*. 12. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

JOHNSON, Luke Timoty. *Il Vangelo di Luca*. Torino: Elledici, 2004.

KARRIS, Robert. "O evangelho segundo Lucas". In: BROWN, Raymond; FITZMYER, Joseph; MURPHY, Roland. *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*, pp. 217-308. São Paulo: Paulus; São Paulo: Academia Cristã, 2011.

KONINGS, Johan. *João; o evangelho do amor de Deus*. São Paulo: Loyola Jesuítas, 2019.

KÖSTENBERGER, Andreas; KELLUM, Scott. *The Cradle, the Cross, and the Crown: An Introduction to the New Testament*. Nashville: B&H Publishing Group, 2009.

KÜMMEL, Werner. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1982.

LANCELLOTTI, Ângelo; BOCCALI Giovanni. *Comentário ao Evangelho de São Lucas*. Petrópolis: Vozes, 1979.

LANGNER, Córdula. *Evangelio de Lucas. Hechos de los Apóstoles*. Navarra: Verbo Divino, 2008.

LAPPENGA, Benjamin. *Reading in Context: Zacchaeus and the Economics of Salvation*. 2018. Disponível em: https://digitalcollections.dordt.edu/faculty_work/885. Acesso em: 01 nov. 2021.

LEÃO XIII. *Rerum Novarum: Sobre a questão dos operários*. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

LIEFELD, Walter. Luke. *Apud* BARKER, Kenneth; KOHLENBERGER III, John. *Zondervan NIV Bible Commentary*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1994.

LOHSE, Eduard. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000.

LOPES, Hernandes Dias. *Lucas: Jesus, o homem perfeito*. São Paulo: Hagnos, 2017.

LORANDI, Jaime. Deus e o empresário, uma vocação. Revista NOI, Caxias do Sul, ano 12, LII, p. 80-81, nov. dez. 2019.

LOUW, Johanes P.; NIDA, Eugene A. *Léxico: Grego-português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MAGNESS, J. Lee. Who Cares That it Was a Sycamore?: Climbing Trees and Playing on Words in Luke 19.1-10. *Leaven*, v. 5, n. 2, p. 3, 1997.

MALINA, Bruce; ROHRBAUGH, Richard L. J. *Evangelhos Sinóticos: Comentário à luz das ciências sociais*. São Paulo: Paulus Editora, 2018.

MAZZAROLO, Isidoro. *Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2014.

MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas em João: uma nova leitura dos evangelhos*. Porto Alegre: Mazzarolo, 2000.

MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas*. São Paulo: Loyola, 1996.

MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas: A Antropologia da Salvação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2013.

MAZZAROLO, Isidoro. *O que é o pecado? Pecado original, individual, social, mortal, contra o Espírito Santo, pecados capitais*. São Paulo: Paulus, 2019.

MAZZAROLO Isidoro.; KONINGS, Johan. *Lucas, o evangelho da graça e da misericórdia*. São Paulo: Loyola, 2016.

MENDONÇA, José Tolentino de. *A construção de Jesus: a dinâmica narrativa de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 2018.

MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes, *Sobre o puro e o impuro*. Centro de Estudos Bíblicos, 2021. Disponível em: <https://cebi.org.br/reflexao-do-evangelho/sobre-o-puro-e-o-impuro/> 2021/08/26. Acesso em 27 de ago. 2022.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Crescer em Amizade: Uma chave de leitura para o Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 2019.

MINISTÉRIO DA FAZENDA. *Centrais de conteúdos. Publicações da conjuntura econômica, emprego e renda/2022. Informativo Pnad, jan2022*. Disponível em: <https://www.gov.br/fazenda/pt-br/centrais-de-conteudos/publicacoes/conjuntura-economica/emprego-e-renda/2022/informativo-pnad-jan2022.html>. Acesso em 04 de mar. 2023.

MIRANDA, Bruno Guimarães. *O chamado de Jesus ao rico notável*. Comentário exegético de Lc 18,18-23. 2017. 99f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MITCHELL, Alan C. *Zacchaeus Revisited: Luke 19,8 as a defense*. *Biblica*, v. 71, n. 2, pp. 153-176. Roma: Gregorian Biblical, 1990.

- MITCHELL, Alan C. *The Use of συκοφαντεῖν in Luke 19,8: Further Evidence for Zacchaeus's Defense*. *Bíblica*, v. 72, n. 4, pp. 545-547. Roma: Gregorian Biblical, 1991.
- MORIN, E. *Jesus e as escrituras do seu tempo*. São Paulo: Paulus, 1988.
- MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *The Holy Land: An Oxford Archaeological Guide from Earliest Times to 1700*. Oxford: Oxford Press, 1998.
- NEF ULLOA, Boris Agustín. O método deráshico no judaísmo. *Revista de Cultura Teológica*, v. 18, n. 70, p.39, abr/jun. São Paulo: 2010.
- NOVAK, Michael. *A ética católica e o espírito do capitalismo*. Cascais: Principia, 2001.
- OPUS DEI. *Quem foi José de Arimateia?*. 2006. Disponível em: <https://opusdei.org/pt-br/article/quem-foi-jose-de-arimateia/>. Acesso em: 3 jan. 2023.
- PAGOLA, José Antônio. *Jesus: Aproximação histórica*. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- PAGOLA, José Antônio. *O Caminho Aberto por Jesus*. Petrópolis: Vozes 2012.
- PARSONS, Mikeal C. 'Short in Stature': Luke's Physical Description of Zacchaeus. *New Testament Studies*, 2001.
- PAULA, Eurípedes Simões de. *O erário militar*. *Revista de história*, n. 150-15. p. 193. São Paulo: USP. 2004.
- PAULO VI. *Populorum Progressio: Sobre o desenvolvimento dos povos*. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.
- PETZKE, Gerg. *Der historische Jesus in der soziaethischen Diskussion*. Tübingen: Georg Strecker, 1975.
- PIO XI. *Acta Apostolicae Sedis XXIII: Commentarium Officiale*. Vaticano: 1931.
- PIO XI. *Quadragesimo Anno: Sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social em conformidade com a lei evangélica*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *O povo judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia Cristã*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005.

QUICHERAT, L. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. 11 ed. Rio de Janeiro: Garinier, 2000

RAVENS, David A. S. *Zacchaeus: the final part of a lucan triptych?* *Journal for the Study of the New Testament*, v. 13, n. 41, p. 19-32, 1991.

RIUS-CAMPS, Josep. *O Evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre*. São Paulo: Paulus, 1995.

ROBERTSON, Archibald Thomas. Comentário Lucas à luz do Novo Testamento grego. In: LOPES, Hernandes Dias. *Lucas: Jesus, o homem perfeito*. São Paulo: Hagnos, 2017.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2015.

SANT'ANA, Antônio Clayton. *A verdadeira riqueza é "ser rico para Deus"*. Academia Marial. 2016. Disponível em <https://www.a12.com/academia/grao-de-trigo/a-verdadeira-riqueza-e-ser-rico-para-deus/2016/07/28>. Acesso em: 20 nov. 2021.

SANTOS, Maria Cristiane. *Deus se revela a seu povo através de sua palavra e este a interpreta através do midrash*. UNIFAI – Centro Universitário Assunção. 2013. Disponível <https://pt.scribd.com/document/440862751/INTERPRETA-ATRAVES-DO-MIDRASH-pdf/>. Acesso em 10 de jun. 2022.

SCHOLZ, Vilson. *Novo Testamento Interlinear Grego-português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

SCHNELLE, Udo. *Introdução à exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2004.

SCHRAGE, Wolfgang. *Die Christen und der Staat nach dem Neuen Testament*. Gütersloh, 1971.

SESBOÛÉ, Bernard. *O homem, maravilha de Deus: Ensaio de antropologia cristológica*. São Paulo: Paulinas, 2021.

SILVA, Cassio Murilo Dias da. *Leia a Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 2007.

SILVA, Daniel Neves. *"Pax Romana"*. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/pax-romana.htm/>. Acesso em: 26 de mar. de 2022.

SMITH, Dean. *Salvation Has Come: The Transformation of Zacchaeus*, Leaven: Vol. 1 : Iss. 2, Article 5. 1990. Disponível em: <https://digitalcommons.pepperdine.edu/leaven/vol1/iss2/5>. Acesso em 28 de out. 2021.

SOUSA, Raimundo Pereira de. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*. 2015. Centro Cristão de Estudos Judaicos. Disponível em: <https://silo.tips/download/palavras-chave-midrash-exegese-escritura-judaismo-cristianismo-novo-testamento>. Acesso em 20 de jun. 2022.

SOUZA, Leonardo Lopes de. *O outro que me justifica: Análise exegética de Lc 18,9-14*. 2016. 90 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SPINELLI, Barbara. *Il grande inverno della Chiesa*. Roma: La Stampa, 2007.

STÖGER, Alois. *O Evangelho Segundo Lucas*. 1. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1974. (Col. Novo Testamento II/3).

STORNILO, Ivo. *O Evangelho de Lucas: os pobres constroem nova história*. São Paulo: Paulus, 1992.

TOMÁS DE AQUINO. *Catena Aurea: exposição contínua sobre os Evangelhos*. Campinas: CEDET, 2020.

TURKSON, Peter. *Prefácio de A Vocação do Líder Empresarial: uma reflexão*. Vaticano: Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano e Integral, 2018.

UNIAPAC. *The purpose of UNIAPAC is*. Disponível em: <https://uniapac.org/>. Acesso em: 01 abr. 2022.

UNITED NATIONS OF ROMA VITCRIX. *Tax in the Early Days of the Roman Republic*. Disponível em <<https://www.unrv.com/economy/roman-taxes.php>> Acesso em 08 de mar. de 2022.

VAN DER BERGH, Ronald H. *Chrysostom's reception of Luke 19:8b: The declaration of Zacchaeus*. *HTS Theologiese Studies/ Theological Studies*. Pretoria, 2014.

VATICAN NEWS. *Venerable el empresário argentino Enrique Shaw*. 24 abr. 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/es/papa/news/2021-04/sera-venerable-empresario-argentino-shaw-decreto-causas-santos.html>. Acesso em 30 de jul. 2022.

VATICAN NEWS. *Enrique Shaw, un empresário com sangue obrera*. 24 abr. 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/es/iglesia/news/2021-04/enrique-shaw-empresario-sangre-obrera.html>. Acesso em 30 jul. 2022.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

WENGST, Klaus. *Pax Romana: pretensão e realidade*. São Paulo: Paulinas, 1991.

VITÓRIO, S. J. Jaldemir. "E Procurava Ver Quem Era Jesus...": Análise do sentido teológico de "ver" em Lc 19,1-10. *Perspectivas Teológicas*, v. 19, n. , p. 9-26, 1987.

VIVIANO, Benedict Thomas. *O evangelho segundo Mateus*. In: BROWN, Raymond; FITZMYER, Joseph; MURPHY, Roland (Eds). *Novo comentário bíblico São Jerônimo*. São Paulo: Paulus, 2011.

WHITE, Richard C. *Vindication for Zacchaeus?* Lexington Theological Seminary. *The Expository Times*, v. 91, n. 1, p. 21. 1979.

WITHERINGTON III, Ben. *História e História do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

ZAMAGNI, Stefano. *A ética católica e o espírito do capitalismo*. Cadernos IHU ideias, ano 9, n. 159. São Leopoldo: IHU, 2011.

